UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Filosofia, Sociologia e Política

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Mestrado

Dissertação

A pecuária familiar em Bagé (RS): a expansão da soja e as contradições da reprodução social

Felipe Santos da Rosa

Pelotas, 2023

Felipe Santos da Rosa

A pecuária familiar em Bagé (RS): a expansão da soja e as contradições da reprodução social

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Professor Doutor William Héctor Gómez Soto

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catalogação na Publicação

R788p Rosa, Felipe Santos da

A pecuária familiar em Bagé (RS) : a expansão da soja e as contradições da reprodução social / Felipe Santos da Rosa; William Héctor Gómez Soto, orientador. — Pelotas, 2023.

117 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Agricultura moderna. 2. Soja. 3. Reprodução social. 4. Pecuária familiar. I. Soto, William Héctor Gómez, orient. II. Título.

CDD : 338.1

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Felipe Santos da Rosa

A pecuária familiar em Bagé (RS): a expansão da soja e as contradições da reprodução social

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 20 de junho de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. William Héctor Gómez Soto (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

gov.br Documento assinado digitalmente
LINDOMAR DE JESUS DE SOUSA SILVA
Data: 29/06/2023 07:39:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Lindomar de Jesus de Sousa Silva. Doutor em Ciência Socioambiental pela Universidade Federal do Pará.

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCIO ZAMBONI NESKE
Data: 27/06/2023 15:21:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Márcio Zamboni Neske. Doutor em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dedico esta pesquisa aos meus filhos,
Cora e Paco, que extraem de mim o mais
puro e belo da vivência humana, e à
minha incomparável mulher, Mima, que
nos regala com amor e dedicação únicos
capazes de gestar as vidas que
consolidaram a nossa família.

AGRADECIMENTOS

Em nome da minha mãe, Maria, e da minha sogra, Teia, agradeço a toda a minha família e à família da minha mulher, que foram abrigo de carinho e atenção durante todos os momentos, inclusive naqueles em que não pude estar presente.

Aos amigos, que foram suporte de alegria e descontração, indispensáveis durante o processo de construção desta pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Sociologia, fundamentais para as boas conversas e discussões sobre os mais variados temas, apesar do formato virtual imposto pela pandemia de Covid-19.

Em nome do meu orientador, William Héctor Gómez Soto, agradeço à Universidade Federal de Pelotas e a todos os demais professores do Programa de Pós-graduação em Sociologia, pelas reflexões e pelos conhecimentos transmitidos.

Aos integrantes da banca, Lindomar Silva e Márcio Neske, agradeço pela disponibilidade e atenção prestadas à pesquisa, com contribuições de grande relevância.

Aos amigos do escritório municipal de Bagé da Emater/RS-Ascar, que foram fundamentais para a realização dos contatos com os pecuaristas familiares.

Aos pecuaristas familiares, especialmente os entrevistados, que trabalham obstinadamente na produção de alimentos, e que construíram comigo o sentido desta pesquisa.

O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
A vida inventa!
A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.
O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas,
mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
Viver é muito perigoso; e não é não.
Nem sei explicar estas coisas.
Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor"

Guimarães Rosa

RESUMO

ROSA, Felipe Santos da. A pecuária familiar em Bagé (RS): a expansão da soja e as contradições da reprodução social. Orientador: William Héctor Gómez Soto. 117f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2023.

O objetivo desta pesquisa foi analisar os diferentes impactos do avanço dos plantios de soja às estratégias de reprodução social de dois grupos de pecuaristas familiares discriminados neste estudo: os pecuaristas familiares tradicionais e os pecuaristas familiares patronais. O *locus* da pesquisa é o município de Bagé (RS), no bioma Pampa, que passa por um processo de transformação da sua matriz produtiva rural. Com a economia baseada historicamente na pecuária de corte – onde se insere a pecuária familiar – a região, principalmente nos últimos 20 anos, tem a soja como cultura agrícola emergente e dominante. A perspectiva teórica embasou-se no conceito de reprodução social das relações de produção, de Henri Lefebvre, como noção fundamental para análise da forma como a agricultura moderna, representada neste estudo pelas lavouras sojícolas, reproduz suas relações sociais e impõe consequências aos produtores de base familiar. De forma a abarcar a compreensão sobre a reprodução social do pecuarista familiar, foi usado o referencial de José de Souza Martins e Arturo Escobar, de maneira a discutir como as relações de produção deste ator social se embasam em lógicas não-capitalistas. Para melhor entender o fenômeno, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 pecuaristas familiares que, a partir do critério contratação de mão-de-obra, foram divididos nos grupos pecuária familiar tradicional (8 entrevistados) e pecuária familiar patronal (7 entrevistados). De forma complementar, como objetivo específico da pesquisa, foi realizada a análise das percepções destes dois grupos sobre os impactos da soja à capacidade produtiva da pecuária e às estratégias de reprodução social da pecuária familiar, baseadas na relação produtiva com o bioma Pampa, sucessão familiar, produção de autoconsumo e rendas não-agrícolas. Do conjunto de informações levantadas, foi possível concluir que, apesar de haver impactos transversais negativos das lavouras de soja a toda a categoria familiar de pecuaristas, como a deriva de agroquímicos, a modificação do bioma Pampa e o inflacionamento do preço da terra, existem, também, percepções distintas sobre os impactos da expansão agrícola de acordo com a diferenciação existente dentro da heterogeneidade da pecuária familiar – enquanto pecuaristas familiares tradicionais percebem de forma mais intensa prejuízos como a inviabilização da produção de autoconsumo e a desestruturação da capacidade produtiva da pecuária em campo nativo, pecuaristas familiares patronais tendem a perceber benefícios da relação com a soja, a partir de dinâmicas comerciais estabelecidas com os lavoureiros.

Palavras-chave: agricultura moderna, soja, reprodução social, pecuária familiar

ABSTRACT

ROSA, Felipe Santos da. Family livestock in Bagé (RS): the expansion of soybeans and the contradictions of social reproduction. Advisor: William Héctor Gómez Soto. 117p. Dissertation (Master in Sociology) - Postgraduate Program in Sociology, Federal University of Pelotas. Pelotas, 2023.

The objective of this research was to analyze the different impacts of the advance of soybean plantations on the social reproduction strategies of two groups of family cattle ranchers discriminated in this study: the traditional family cattle ranchers and the employer family cattle ranchers. The locus of the research is the municipality of Bagé (RS), in the Pampa biome, which is undergoing a process of transformation of its rural productive matrix. With the economy historically based on beef cattle – which includes family cattle – the region, especially in the last 20 years, has soy as an emerging and dominant agricultural crop. The theoretical perspective was based on Henri Lefebvre's concept of social reproduction of production relations, as a fundamental notion for analyzing how modern agriculture, represented in this study by soybean crops, reproduces its social relations and imposes consequences on base producers familiar. In order to understand the social reproduction of the family cattle rancher, José de Souza Martins and Arturo Escobar's reference was used, in order to discuss how the production relations of this social actor are based on non-capitalist logics. To better understand the phenomenon, semi-structured interviews were carried out with 15 family cattle ranchers who, based on the hiring of labor criteria, were divided into traditional family cattle ranching (8 respondents) and employer family ranching (7 respondents). In a complementary way, as a specific objective of the research, the analysis of the perceptions of these two groups on the impacts of soy on the productive capacity of livestock and on the strategies of social reproduction of family livestock, based on the productive relationship with the Pampa biome, family succession, self-consumption production and non-agricultural income. From the set of information gathered, it was possible to conclude that, although there are negative cross-cutting impacts of soy crops on the entire family category of cattle ranchers, such as the drift of agrochemicals, the modification of the Pampa biome and the inflation of land prices, there are, also, different perceptions about the impacts of agricultural expansion according to the existing differentiation within the heterogeneity of family livestock - while traditional family livestock farmers perceive more intensely losses such as the impossibility of self-consumption production and the disruption of the productive capacity of livestock in the field native, patron family cattle ranchers tend to realize benefits from the relationship with soy, based on commercial dynamics established with farmers.

Keywords: modern agriculture, soy, social reproduction, family livestock

Lista de Quadros

Quadro 1: Pecuaristas familiares entrevistados classificados por enquadramento na pesquisa, idade, gênero e localidade;

Quadro 2: Impactos positivos e negativos da soja à capacidade produtiva da pecuária familiar na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais;

Quadro 3: Impactos da soja ao ambiente natural do Pampa na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais;

Quadro 4: Impactos da soja à sucessão familiar na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais;

Quadro 5: Impactos da soja à produção de autoconsumo na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais;

Quadro 6: Impactos da soja às rendas não-agrícolas na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

Lista de Figuras

Figura 1: Localização das principais regiões com pecuária familiar no município de Bagé;
Figura 2: Mapa da microrregião Campanha Meridional, com destaque para Bagé;
Figura 3: Dados de área plantada de soja e arroz, e rebanhos bovino e ovino no município de Bagé;
Figura 4: Imagem de propriedades pecuárias cercadas pelos plantios de soja;
Figura 5: Imagem de plantio de soja subdesenvolvido;
Figura 6: Imagem de lavouras de soja ao redor do Arroio Bagé;
Figura 7: Imagem de animal nativo do Pampa em propriedade pecuária;
Figura 8: Plantio de soja em diferentes áreas no Distrito de Palmas.

Lista de Siglas

Emater/RS-Ascar – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural;
Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária;
FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura;
Fepam – Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luís Roessler;
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
ILP – Integração lavoura-pecuária;
ILPF – Integração lavoura-pecuária-floresta;
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;
MapBiomas – Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra no Brasil;
PAA – Programa de Aquisição de Alimentos
PFP – Pecuarista familiar patronal;
PFT – Pecuarista familiar tradicional;
PIB – Produto Interno Bruto;
RS – Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **15**

1.1 Aspectos metodológicos 21

2. AGRICULTURA MODERNA: A SOJA AVANÇA AO PAMPA PECUÁRIO **25**

2.1 Do desenvolvimento como modelo econômico à Revolução Verde 25

2.2 O capitalismo no campo e as transformações da produção familiar 29

2.3 Do noroeste gaúcho ao Pampa bageense: a trajetória da soja no RS 33

2.4 Dados gerais e um retrato da estrutura agropecuária do município de Bagé 37

3. A FAMÍLIA RURAL PECUARISTA **43**

3.1 Pecuarista familiar: o agricultor familiar que trabalha com pecuária de corte 43

3.2 As características do Pampa, do pecuarista familiar e de sua interação com o ambiente de produção 46

4. REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES CAPITALISTAS E NÃO-CAPITALISTAS **50**

4.1 A reprodução das relações sociais no capitalismo e a disputa pelo espaço social 50

4.2 O capitalismo brasileiro e a reprodução de relações de produção não-capitalistas 54

4.3 O debate global x local 55

5. A SOJA DOMINA O PAMPA BAGEENSE: A VISÃO DO PECUARISTA SOBRE O AVANÇO DAS LAVOURAS **64**

5.1 A soja e as transformações no Pampa 67

5.2 O poder econômico da soja 69

5.2.1 O capital impõe a mudança da matriz produtiva de Bagé *71*

5.3 A pecuária familiar tradicional e a patronal frente a frente 75

5.3.1 Soja como limpa-campo *78*

5.3.2 Integração lavoura-pecuária como solução incompleta *80*

5.4 A percepção dos pecuaristas sobre os impactos da soja à sua reprodução social 84

5.4.1 A homogeneização dos campos e o impacto da soja na biodiversidade do Pampa 85

5.4.2 O inflacionamento dos campos e a sucessão familiar *96*
5.4.3 Soja e o impacto na produção de autoconsumo *100*
5.4.4 A dificuldade de obter rendas não-agrícolas *103*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **106**

7. REFERÊNCIAS **111**

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa se fez uma análise dos diferentes impactos do avanço dos plantios de soja às estratégias de reprodução social de dois grupos de pecuaristas familiares discriminados neste estudo: os pecuaristas familiares tradicionais e os pecuaristas familiares patronais. De forma complementar, foi realizada a análise das percepções destes dois grupos sobre os impactos da soja à capacidade produtiva da pecuária e às estratégias de reprodução social da pecuária familiar vinculadas à relação com o bioma Pampa, sucessão familiar, produção de autoconsumo e rendas não-agrícolas.

O *locus* da pesquisa é o município de Bagé, na região da Campanha do Rio Grande do Sul, que, assim como o Pampa, passa por um processo de transformação da sua matriz produtiva rural. Com a economia baseada historicamente na pecuária de corte – onde se insere a pecuária familiar – a região, principalmente nos últimos 20 anos, tem a soja como cultura agrícola emergente e dominante.

É preciso considerar que os pecuaristas familiares, apesar de apresentarem características que os identificam como categoria, expressam uma multiplicidade de singularidades que os diferenciam. Considerando essa heterogeneidade, foi possível identificar nesta pesquisa que a soja produz impactos diferentes a dois grupos dentro da pecuária familiar, definidos como pecuarista familiar tradicional e pecuarista familiar patronal.

Utiliza-se como fator determinante para diferenciação entre os dois grupos a contratação de mão-de-obra. Essa condição expande a capacidade de trabalho da unidade familiar, possibilitando que a racionalidade de adesão aos mercados e acumulação de capital estejam mais presentes nos núcleos de pecuária familiar patronal do que nos de pecuária familiar tradicional, que possuem como foco primordial a reprodução social. A lógica de produção familiar permanece presente em ambos os grupos, e, assim, não há transição dos pecuaristas familiares patronais a uma pecuária estritamente capitalista.

Esta abordagem, que oferece uma variada forma de analisar o fenômeno, não deixa de colocar frente a frente dois modelos de produção que se desenvolveram e se reproduziram a partir de fundamentos diferentes. A pecuária familiar apresenta como base o manejo do campo nativo do bioma como principal forma de alimentação dos rebanhos bovinos e ovinos. Sendo a atividade dependente dos recursos da natureza, para produzir, é preciso conservar o ambiente natural. Por outro lado, o plantio de soja é dependente de

insumos externos, como fertilizantes e defensivos agrícolas químicos. Para produzir, é preciso modificar as áreas naturais para implantação de uma cultura exógena.

A soja é produzida em Bagé baseada em dois modelos principais – em monocultura no período quente do ano ou em integração com a pecuária, cenário em que o período frio, sem as lavouras no campo, é usado para a engorda de bovinos em pastagens cultivadas de inverno. Em quaisquer dos padrões há supressão da vegetação nativa nos estabelecimentos rurais. Mas mais do que isso, os impactos desse tipo de ação podem ser notados para além da propriedade sojícola.

Como expresso por uma das pecuaristas familiares tradicionais entrevistadas neste estudo, as propriedades pecuárias resistentes ao processo de expansão agrícola estão sendo "espremidas" pela soja. Entre os motivos para esta asfixia relatada estão a deriva de produtos químicos das lavouras nos campos nativos e recursos hídricos do Pampa e a modificação da paisagem natural e da fauna típica do bioma, assim como o aumento da presença de pragas e plantas invasoras em decorrência dos plantios. Além disso, o inflacionamento do valor da terra pela concorrência por áreas limita a sucessão familiar, baseada na formação de novas propriedades pecuárias. Há registros, ainda, de danos aos cultivos para autoconsumo das famílias pecuaristas, também pela deriva dos agroquímicos.

Por outro lado, pecuaristas familiares patronais, apesar de também perceberem as alterações no bioma Pampa, o inflacionamento das terras e de registrarem dificuldade na contratação de mão-de-obra auxiliar após a expansão das lavouras, tendem a ter visões positivas da soja, considerada como motor para o desenvolvimento econômico, emprego e renda na região. Estes produtores percebem benefícios da relação com os plantios, a partir do estabelecimento de um mercado de animais com agricultores que realizam a integração da lavoura com a pecuária.

Por mais que não exista, entre pecuaristas e sojicultores de Bagé, uma disputa declarada pelo uso dos recursos naturais, a modificação direta ou indireta dos ambientes naturais do Pampa representa um impacto negativo transversal à forma como a pecuária familiar conseguiu produzir e se reproduzir historicamente. Isso porque a atividade, tanto a considerada tradicional como a patronal, constituiu suas relações sociais de produção a partir do uso e manejo dos campos nativos do bioma.

Ao analisar os impactos da agricultura moderna sobre a produção de base familiar, este estudo se debruça, portanto, sobre as contradições geradas pelos diferentes usos que se dá ao espaço social, local onde se constituem, se contrapõem e se reproduzem

as relações sociais de produção. Assim, o trabalho é orientado pela noção de reprodução social das relações de produção, conceito presente no tardiamente lançado sexto capítulo de O Capital, e retomado pelo sociólogo francês Henri Lefebvre.

A análise do capitalismo a partir da reprodução das relações sociais de produção, conforme Lefebvre (1973), torna possível transcender para a compreensão dos mecanismos que provocam a repetição destas relações, em um processo amplificado e global, superando-se a apreciação de processos parciais, como a produção material, a reprodução biológica ou o consumo, como se constituiu a pesquisa influenciada por Marx em boa parte do século XX.

Na perspectiva lefebvriana, as relações de produção e sua reprodução são compreendidas como as condições estabelecidas para a continuidade do processo produtivo no capitalismo, independentemente de figuras humanas específicas que são responsáveis por reproduzi-las. São, para Lefebvre (1973), uma dimensão fundamental da estrutura social, que persiste ao longo do tempo, a partir de processos lineares, de causa e efeito, e cíclicos, pois criam suas próprias circunstâncias de repetição.

A reprodução das relações de produção não esteve na pauta do debate das ciências sociais, conforme Soto (2008), por dois motivos – por um lado, o Estado era visto pelos estudos marxistas como catalisador natural da reprodução das relações de produção, que ocorreria por inércia; por outro, as recorrentes crises direcionavam a dedução de derrocada final do capitalismo.

Primeiramente, é preciso considerar que Lefebvre (1973) atribui ao Estado um papel proativo na mediação e manutenção das relações capitalistas de produção. No contexto dessa pesquisa, de oposição de dois modelos de produção representados pela soja e pela pecuária familiar, é possível notar como o poder estatal brasileiro foi crucial no desequilíbrio dessa balança nos últimos seis anos – enquanto houve estímulos e financiamentos a juros baixos para a grande agricultura, a produção de base familiar definhou com a desestruturação, por exemplo, de políticas como o Programa de Aquisição de Alimentos, que adquiria os produtos da agricultura familiar (GRISA *et al.*, 2022).

Ainda, no pensamento marxista, a superação do capitalismo aconteceria nos países onde as contradições entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção fossem insustentáveis. Como isso não ocorreu de fato, a dialética marxista teve a historicidade raptada pela continuidade do capitalismo como modelo hegemônico. Assim, na concepção de Lefebvre (1973), a temporalidade deixa de estar em primeira análise para se focar no espaço social produzido. Deixa-se de analisar apenas

o desenvolvimento das forças produtivas propriamente ditas para buscar entender o motivo pelos quais elas persistem em reprodução no espaço social.

Conforme Soto (2008), o uso da dialética como ferramenta metodológica e de análise do capitalismo a partir das contradições do espaço é uma das principais contribuições do pensamento lefebvriano, desvinculando-a do materialismo histórico para focar na reprodução social das relações de produção.

No caso em análise neste estudo, a contradição entre a produção de espaços homogêneos e a inviabilização destes espaços pela exaustão da sua capacidade produtiva revela o antagonismo entre a transformação socioambiental provocada pela agricultura moderna capitalista e a premissa de conservação deste espaço para a manutenção das engrenagens de produção da pecuária familiar. Nesse percurso, o processo pelo qual se substitui o ambiente do Pampa pela soja tende a resultar na transformação do pecuarista familiar para uma figura diferente daquela que atravessou os séculos trabalhando com a pecuária nos campos nativos.

Essa realidade produz, ainda, a contradição central deste estudo: a produção de diferentes impactos da soja dentro da mesma categoria social. Como já expresso, enquanto pecuaristas familiares tradicionais percebem somente prejuízos desta relação com as lavouras, os pecuaristas familiares patronais conseguem obter vantagens econômicas que orientam percepções positivas.

Como será visto neste estudo, a exploração dos campos do Pampa para o plantio da oleaginosa dá continuidade à expansão deste cultivo no Brasil, iniciada na década de 1940, no noroeste gaúcho, e que atualmente nota-se presente em todas as regiões do país, maior produtor e exportador da *commodity* no mundo (ALVES, 2013). O produtor que iniciou a expansão dos cultivos não é o mesmo, mas seu perfil explorador permanece através das décadas, a partir de mecanismos que possibilitam e estimulam a repetição desta prática social.

Por outro lado, a pecuária familiar, como atividade inserida na modernidade, também produz e reproduz as suas relações de produção, no entanto, fundamentadas em lógicas não-capitalistas. A pecuária praticada nos campos nativos do Pampa, a produção de autoconsumo, a sucessão familiar e as rendas não-agrícolas, por exemplo, são aspectos que permeiam a existência e a iteração dessa categoria social. A desestabilização, limitação ou transformação dessas estruturas básicas de produção configuram-se como afronta ao cerne daquilo que compõe a existência do pecuarista familiar.

Ao destacar a importância de entender sob quais formas a modernidade se demonstra na realidade brasileira, Martins (2012) mostra como a matriz estrutural e histórica do capitalismo no país se formou a partir de dinâmicas não-capitalistas. Para o autor, essa compreensão se evidencia na observação da coexistência do moderno e do tradicional, não como uma dualidade, mas como a expressão das contradições de um capitalismo inconclusivamente instituído, de relações vivas e de tempos históricos passados e presentes simultâneos. O tradicional impresso na modernidade do Brasil é, assim, parte de como o país se constituiu e pode ser a chave para a análise crítica dos fenômenos decorrentes dessa peculiar construção social.

Ao analisar a transição do modo de produzir o café, da mão-de-obra escrava à mão-de-obra do colono, Martins (2010, p. 05) pondera que esta mudança do modelo de sociedade escravocrata para o modelo de trabalho livre não alterou o processo produtivo das fazendas, pois "o colono continuou a fazer exatamente o mesmo que o escravo fazia, mudando apenas a forma social da organização do trabalho, do trabalho coletivo do eito para o trabalho familiar".

O colonato descrito por Martins pode servir como ponto de partida para compreensão sobre as lógicas presentes na produção de base familiar no Brasil, que se fundamentam em princípios outros que não, prioritariamente, a acumulação e o lucro. Fruto da combinação entre a dissolução das grandes fazendas pecuárias, o ambiente do Pampa e a criação de bovinos e ovinos, como descreveu Ribeiro (2009), a pecuária familiar pode ser compreendida nesse mesmo sentido, de uma experiência que se reproduz dentro do capitalismo a partir de lógicas não-capitalistas. Ou seja, por mais que o pecuarista familiar esteja produzindo capital, não está necessariamente reproduzindo o capitalismo.

Isso é importante porque – em que pese a já destacada heterogeneidade da pecuária familiar – essa pesquisa parte da premissa de que o pecuarista familiar atua, sobretudo, buscando reproduzir as suas condições de vida e para isso lança mão de estratégias multifacetadas. Ao expor isso, coloca-se diante das dinâmicas de dois modelos de produção que se repetem a partir do estabelecimento e reprodução das relações sociais de produção capitalistas, a soja, e não-capitalistas, a pecuária familiar.

Assim, este estudo lança o olhar sobre os meandros de como a atividade sojícola no município de Bagé, como representação da agricultura moderna, transforma e homogeneíza os espaços, extrapola os limites da propriedade privada agrícola e interfere

em mecanismos externos, historicamente construídos, como são as relações de produção do pecuarista familiar.

Considerando a problemática exposta, de impacto da reprodução das relações sociais capitalistas sobre as relações não-capitalistas, este estudo se propôs a responder ao seguinte questionamento de pesquisa: quais os diferentes impactos produzidos pelo avanço dos plantios de soja à reprodução social de pecuaristas familiares tradicionais e pecuaristas familiares patronais do município de Bagé?

Para analisar o problema exposto, encontra-se suporte na dialética, resgatada por Lefebvre do pensamento marxista, e que fornece à teoria social a capacidade de reflexão sobre os conflitos, contradições e transformações sociais da sociedade moderna a partir de uma nova perspectiva – a da reprodução das relações sociais de produção e não do modo de produção. A busca pela manutenção das relações sociais capitalistas de produção é, na perspectiva lefebvriana, um dos fatores formadores dessas contradições. Daí a importância de estudar e entender os conflitos que se situam na oposição dessas diferentes relações de produção. “Bastará uma centelha para incendiar o mundo?” Esse questionamento de Lefebvre (1973, p. 13) fala sobre a possibilidade de um conflito local se generalizar, e reforça a necessidade de se observar os fenômenos sociais nos seus detalhes. Duas atividades que parecem imbricadas sob a égide da produção de alimentos, como são a soja e a pecuária, podem ser antagônicas a ponto de uma anular a outra? Ou podem ser potencializadas quando juntas?

Para melhor compreender essas perguntas provocativas é preciso mudar o foco, e aqui ressalta-se a relevância da abordagem proposta nesta pesquisa. A lógica de expansão dos plantios sojícolas pelo Pampa tem sido analisada até o momento pelas ciências sociais, principalmente, através da ótica dos impactos ambientais. Ao trazer a discussão a partir da perspectiva lefebvriana, com o resgate da dialética, pretende-se abordar o problema sob um novo prisma, uma vez que este esgotamento ambiental representa, antes de tudo, impactos a relações de produção já estabelecidas, e, como visto, impactos que podem se dar de diferentes maneiras a uma mesma categoria.

Assim, destaca-se como enfoque diferencial deste estudo a avaliação de como a expansão agrícola em Bagé impacta de maneiras diferentes a pecuária familiar, a partir da diferenciação realizada neste estudo entre pecuária familiar tradicional e pecuária familiar patronal. A categoria, por muitas vezes, vem sendo tratada como homogênea. Realizar esta distinção pretende provocar discussões que podem ser importantes para o avanço do conhecimento sobre o tema.

1.1 Aspectos metodológicos

Para melhor compreender este fenômeno, foram entrevistados 15 pecuaristas familiares de Bagé, classificados neste estudo como pecauaristas familiares tradicionais (PFT) e pecuaristas familiares patronais (PFP), de forma a compreender a relação existente entre o aumento dos plantios de soja no município de Bagé e os impactos à reprodução social da pecuária familiar. A partir das entrevistas, foi realizada a análise das percepções destes dois grupos sobre as consequências da expansão agrícola à capacidade produtiva da pecuária e às estratégias de reprodução social da pecuária familiar vinculadas à relação de produção com o bioma Pampa, sucessão familiar, produção de autoconsumo e rendas não-agrícolas.

A escolha por Bagé como *locus* da pesquisa se deu por ser um município com notável avanço dos plantios de soja nos últimos 20 anos e por ser uma região onde historicamente existe a presença de pecuaristas familiares com criações de bovinos e ovinos nos campos nativos do Pampa. Também, pela facilidade de acesso ao público entrevistado para o estudo – no local existem trabalhos de apoio à organização social e assistência técnica prestados por empresas como Emater/RS-Ascar e Embrapa.

Bagé apresenta duas áreas principais com a presença desta categoria social, conforme Matte *et al*. (2016). A primeira situa-se na região nordeste do município, e engloba localidades como Palmas, Tunas, Joca Tavares, Coxilha das Flores e Meia Água, entre outras, e está situada mais próxima ao município limítrofe de Caçapava do Sul. A segunda área fica na região sudoeste, em direção ao município limítrofe de Dom Pedrito e à fronteira com o Uruguai, e engloba localidades como Coxilha do Haedo, Olhos D'água, Vista Alegre e São Luiz, entre outras.

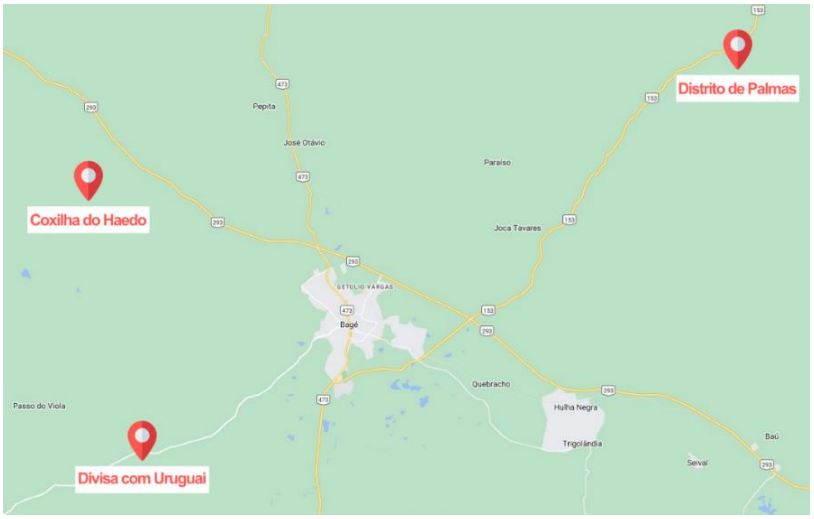

Figura 1: Principais localidades dos pecuaristas familiares em Bagé. Fonte: Google Maps

Porto *et al.* (2010) definem como 400 o número de pecuaristas familiares do município. Porém, em conversa com os extensionistas da Emater/RS-Ascar há estimativa de que esse número possa ter reduzido significativamente nos últimos anos, devido ao êxodo rural, aposentadorias, desestímulos à continuidade na atividade, envelhecimento da categoria e a concorrência com as lavouras de soja. A escolha dos entrevistados buscou abarcar a heterogeneidade de pecuaristas familiares existentes no município.

Conforme Porto *et al.* (2010) esta disparidade entre o grupo pode ser captada englobando os seguintes fatores para a seleção dos pecuaristas: estrutura fundiária (tamanho da propriedade), natureza da mão-de-obra (somente familiar ou familiar e contratada), objetivo da produção (cria, recria ou ciclo completo), comercialização (venda para o frigorífico ou para intermediários) e renda não-agrícola (atividade além da pecuária). Os entrevistados, como será visto posteriormente na análise realizada no capítulo 4, abrangem esta diversidade.

Apesar da heterogeneidade da pecuária familiar ser estabelecida a partir de diversas características, como já mencionado, este estudo defende a ideia de que a contratação de mão-de obra é um fator determinante para essa diferenciação entre pecuária familiar tradicional e pecuária familiar patronal. Isso porque a contratação de trabalhadores terceirizados é quesito fundamental para o estabelecimento de uma pecuária familiar com capacidade de acumulação de capital, tornando-a menos voltada à reprodução social e mais direcionada ao lucro, e, por isso, mais atenta aos movimentos do mercado. Isso faz, também, com que a influência da soja sobre este modelo de pecuária familiar seja, em algumas circunstâncias, positiva a estes atores sociais. Dos 15 pecuaristas entrevistados, 8 foram classificados como tradicionais e 7 como patronais.

As entrevistas com os pecuaristas familiares foram aplicadas no mês de janeiro de 2023. Os entrevistados selecionados são adultos, homens e mulheres, moradores das seguintes localidades do interior do município: região sudoeste de Bagé (Coxilha do Haedo, Olhos D'água, São Luiz e Vista Alegre – 5 pecuaristas) e região nordeste de Bagé (Palmas, Joca Tavares, Coxilha das Flores, Meia Água e Tunas – 10 pecuaristas).

Para acessar o contato dos pecuaristas familiares foi realizada visita ao escritório municipal da Emater/RS-Ascar em Bagé, que tem trabalhado com assistência técnica e extensão rural voltada a este público há mais de três décadas. No local, os profissionais da instituição indicaram o nome de 20 pecuaristas familiares representativos da categoria social no município, que serviram como base para as entrevistas.

A partir desta conversa, foi realizado contato telefônico ou por WhatsApp com os pecuaristas familiares. Como entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023 aumentaram os registros de Covid-19 no município de Bagé, 12 pecuaristas contatados preferiram realizar a entrevista à distância (por telefone ou WhatsApp, quando o sinal de telefonia era fraco). Outros três foram entrevistados presencialmente (Acrísio Pereira de Pereira, Jorge Luis Alvares Pereira e Zilá Pereira de Pereira). Os demais pecuaristas contatados que negaram as entrevistas alegaram não querer expressar opinião sobre o tema para não haver comprometimento com vizinhos produtores de soja.

A pandemia de Covid-19 e a impossibilidade de realização de todas as entrevistas em formato presencial foi um desafio importante à pesquisa. Estar frente a frente com o entrevistado é uma etapa importante para captar percepções que estão além da fala. Além disso, a conversa por telefone dificulta que a conversa flua com mais naturalidade. Ainda assim, todos os pecuaristas familiares prestaram informações de relevância para a construção desta pesquisa.

A técnica utilizada para a análise, compreensão e interpretação das entrevistas semiestruturadas dos pecuaristas familiares foi a análise de conteúdo, usada para a organização, interpretação e apreciação de materiais de tipo qualitativo, a partir da proposta de Laurence Bardin (2016). Os materiais coletados foram transcritos e decupados. As entrevistas foram organizadas e sistematizadas a partir da relação que tinham entre temas semelhantes. Depois, o material coletado foi correlacionado com os objetivos da pesquisa, a fim de realizar as análises das percepções dos pecuaristas familiares sobre os impactos do avanço da soja nas estratégias de reprodução social da pecuária familiar.

A organização do material coletado teve como princípio a busca de depoimentos que demonstrassem o conflito entre a atividade sojícola e a pecuária familiar, de forma a se analisar as contradições existentes entre as duas atividades e, também, a divergência de visões dentro da categoria pecuária familiar, de forma a evidenciar as distintas percepções presentes entre os grupos PFT e PFP.

Assim, destaca-se agora como os capítulos desta pesquisa foram organizados. No primeiro capítulo é realizada a contextualização sobre a Revolução Verde, os impactos do capitalismo no campo e como a trajetória da soja, desde o início da expansão dos cultivos, no noroeste gaúcho, até o ingresso no Pampa, se enquadra neste modelo. Depois é descrita a fotografia da estrutura agropecuária do município de Bagé, destacando os

números relacionados ao aumento das lavouras sojícolas nos últimos anos e como essa realidade se enquadra na definição de neoextrativismo.

No segundo capítulo, apresenta-se a definição de pecuária familiar e como essa categoria se ramifica a partir da concepção mais ampla de agricultura familiar. Também, são abordadas as características do bioma Pampa e a interação do pecuarista familiar com este ambiente natural de produção. Os dois primeiros capítulos iniciam a elucidação de como os espaços sociais são ocupados pelos produtores de soja e pelos pecuaristas familiares de forma antagônica, a partir de uma perspectiva que discorre sobre a forma de atuação das duas atividades.

No terceiro capítulo, é apresentada a perspectiva teórica desta pesquisa, que abrange a reprodução social das relações de produção, na concepção lefebvriana; também, a partir de José de Souza Martins, é apresentado como o capitalismo brasileiro se constituiu a partir de lógicas não-capitalistas e, através da ótica de Arturo Escobar, é discutido de que forma o pecuarista familiar embasa a sua reprodução social a partir dos recursos locais do bioma Pampa.

No quarto capítulo é realizada a discussão e análise sobre os impactos do avanço dos plantios de soja às estratégias de reprodução social do pecuarista familiar. São avaliados como o avanço das lavouras afeta de forma diferente os pecuaristas familiares tradicionais e patronais quanto a capacidade produtiva da pecuária e, também, os impactos da soja às estratégias de reprodução social da pecuária familiar vinculadas à relação produtiva com o bioma Pampa, sucessão familiar, produção de autoconsumo e rendas não-agrícolas.

Capítulo 1

2. AGRICULTURA MODERNA: A SOJA AVANÇA AO PAMPA PECUÁRIO

Nesta seção são apresentadas informações contextuais e históricas sobre a agricultura moderna, de forma a discutir como a Revolução Verde, fenômeno que marca a intensificação da lógica capitalista no campo, foi gestada até ser aplicada ao universo rural brasileiro. Dando sequência, apresenta-se uma discussão sobre os impactos do capitalismo no campo. A trajetória da soja no Brasil, desde seu início no noroeste do Rio Grande do Sul, até sua expansão para diversas regiões, como se nota agora no Pampa, é uma das principais expressões da Revolução Verde no país e é apresentada também neste capítulo.

Além disso, aborda-se como a estrutura agropecuária do município de Bagé, *locus* desta pesquisa, baseada historicamente na pecuária e em algumas outras culturas como o arroz, vem passando por transformações nas últimas duas décadas devido ao ingresso e expansão dos plantios sojícolas, que representam aquilo que Eduardo Gudynas (2012) chamou de neoextrativismo.

Assim, o objetivo deste capítulo é retratar como o avanço dos plantios de soja pode ser analisado como um cultivo representativo da agricultura moderna, que tem a tendência de ocupar os diferentes espaços sociais. Isso se dá a partir do uso da técnica, capaz de homogeneizar áreas e minimizar riscos decorrentes das diferenças de ambiente e clima existentes no país.

Essa lógica de produção se intensificou no Pampa gaúcho nos últimos 20 anos e é a realidade vista atualmente no rural de Bagé, município localizado no extremo Sul do Brasil. Daqui se inicia o percurso para a compreensão de como a expansão da soja nos campos bageenses pode representar os impactos à reprodução social da pecuária familiar.

2.1 Do desenvolvimento como modelo econômico à Revolução Verde

O desenvolvimento enquanto modelo baseado no crescimento econômico e as teorias sobre esse fenômeno passaram a ter grande notoriedade após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945. No cerne deste paradigma estava o fortalecimento do capitalismo como um sistema global, dominante e homogeneizador, sendo que, a principal característica das nações modernas era, à época, uma indústria bem estabelecida,

com conhecimento tecnológico e capacidade instrumental para conduzir o progresso baseado em aumento da produção e do consumo (SILVA, 2014).

A expansão capitalista baseava-se no avanço da industrialização e conquista de divisas comerciais, com a atuação global de empresas multinacionais estadunidenses e europeias. O modelo desenvolvimentista apresentava como cartão de visita aos países periféricos e semiperiféricos[1] do capitalismo a modernidade e o progresso – fatores atingíveis não a partir de uma revolução comunista, como ocorrera no caso soviético, mas sim da aplicação de um conjunto de medidas econômicas, sociais e políticas conectadas (DOS SANTOS, 2000).

Assim, os Estados Unidos passaram a cumprir o papel de principal força motriz de estabelecimento do capitalismo como um sistema político-econômico global. O elo entre o início da modernidade e a consolidação deste sistema enquanto modelo hegemônico pode ser compreendido a partir da noção de desenvolvimento econômico, sustentáculo do caminho percorrido pelo capitalismo até chegar à sua faceta contemporânea (ALVES, 2013).

O modelo moderno de desenvolvimento é definido por Viola (2000) e Escobar (2005) a partir de três perspectivas – economicista, eurocêntrico e instrumental: o primeiro item refere-se à delimitação do desenvolvimento apenas à variável de crescimento econômico; o segundo, à invisibilização de outros contextos socioculturais que não os parâmetros ocidentais de reprodução social; e o terceiro, como práticas acopladas aos interesses do grande capital.

Em relação à agricultura, essa lógica desenvolvimentista tem sua manifestação na Revolução Verde, gestada a partir de uma parceria entre o governo do México e a Fundação Rockefeller, na década de 1940, e que teve como propósito a busca pela compreensão sobre os motivos da ineficiência da agricultura mexicana à época, conforme Alves (2013). A conclusão dos estudos iniciais dava conta de que o fracasso estava fundamentado em sementes de baixa qualidade e vigor, problemas com a fertilidade dos solos e suscetibilidade dos cultivos a pragas e doenças, segundo Ávila *et al.* (2015).

Assim, a partir de pesquisas iniciadas com a seleção de variedades de trigo resistentes a pragas e doenças, lideradas pelo engenheiro agrônomo estadunidense

[1] A teoria do sistema-mundo, criada pelo sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein, dividiu o mundo em países centrais ao capitalismo (Europa Ocidental e Estados Unidos), onde já se alcançara o desenvolvimento, e periféricos e semiperiféricos (países latino-americanos, asiáticos e africanos), consideradas nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento.

Norman Borlaug, se estabeleceu a lógica que redundaria no que se conhece hoje por agricultura moderna (ALVES, 2013). O modelo tinha como objetivo inicial incrementar a produtividade dos diferentes plantios no campo, com a meta de atender o aumento populacional e minimizar o problema da fome, que assolava os países mais pobres da África, América Latina e Ásia (BOJANIC, 2022). Conforme o autor, a Revolução Verde baseou-se na aplicação de tecnologias para a produção rural, com o incremento de novidades como a mecanização agrícola, uso de produtos químicos, como os fertilizantes e defensivos agrícolas, e melhoramento e modificação genéticos de sementes das mais diferentes culturas, visando adaptação a climas diversos, resistência a pragas e doenças e maior capacidade produtiva.

Essa mudança aproximou a agricultura da indústria de químicos e também da metalmecânica. A proposta era movimentar e, cada vez mais, introduzir, a partir da tecnificação, o setor de produção de alimentos neste universo capitalista e interdependente, conforme Alves e Tedesco (2016). O modelo de produção rural foi capaz de aumentar a produtividade e a eficiência dos diferentes cultivos, gerando mais valor para cada hectare de terra. Conforme Bojanic (2022), a partir da Revolução Verde, houve a multiplicação da produção, fator que repercutiu no aumento da oferta de alimentos no mercado e na consequente queda de preços pagos pelos consumidores.

> A Revolução Verde era uma experiência produtiva que pretendia, por meio da mudança tecnológica ou da técnica utilizada, transformar a agricultura em um ambiente mais controlado, tornando o trabalho do produtor ou do trabalhador rural uma atividade mais mecânica e 'fordilizada'[2], dentro da lógica de expansão do capitalismo no espaço rural. Assim, o uso de sementes melhoradas – híbridas – e de máquinas e técnicas consideradas modernas garantiriam melhores resultados do que a tecnologia e o conhecimento então existentes, considerados primitivos e atrasados (ALVES e TEDESCO, 2016, p. 259 e 260).

Em decorrência deste incremento produtivo, a Revolução Verde possibilitou, a partir da grande produção de excedentes, movimentação econômica dos países adotantes, com produções focadas em exportação. Conforme Octaviano (2010), a produção de soja cresceu mais de 1.112 % entre 1970 e 1985 no Brasil, onde ficou a cargo principalmente da Embrapa, juntamente com instituições de extensão rural, dar sustentação técnica e científica ao modelo produtivo. A empresa mobilizou pesquisadores que, antes de

[2] O fordismo é um modo de produção em grande escala e eficiência, que buscava produzir mais com menores custos.

adaptarem tecnologias para a realidade tropical e subtropical brasileira, foram aos Estados Unidos e Europa aprender os conceitos da agricultura moderna (ALVES, 2013).

Dessa forma, fica clara a influência do centro do capitalismo na formatação e inspiração dos modelos produtivos agropecuários praticados no Brasil, a partir do treinamento, inicialmente, da massa crítica de pesquisadores e, posteriormente, na transferência dessas tecnologias às organizações de extensão rural, que estavam a trabalhar diretamente com os produtores rurais.

Nota-se essa imisção externa na forma como se faz agricultura no Brasil até os dias de hoje. Os pacotes tecnológicos preconizados pela Revolução Verde são mentores da mentalidade agrícola do país. Guiado pelo conhecimento científico gerado pela pesquisa agropecuária, as produções em grande escala de soja são fruto desse paradigma, e representam a intensificação do capitalismo no campo, visando prioritariamente o atendimento dos mercados internacionais.

Essa lógica, de aplicação da técnica e mercantilização do rural, foi estimulada pelo governo militar brasileiro, a partir da década de 1970, no sentido de transformar o campo em um espaço aberto à expansão do capitalismo, conforme Moreira (2003, p. 118): "na hegemonia internacional da Aliança para o Progresso[3], o sistema de extensão rural implantado na periferia latino-americana idealizava a missão do extensionista rural como uma missão transformadora e modernizante".

Nesse contexto, a adaptação da soja aos diferentes climas e ambientes do país foi, inclusive, um dos casos de sucesso desse modelo de pesquisa e transferência de tecnologia liderado pela Embrapa. Associado a isso, o grão, na década de 1970, e ainda hoje, encontrou uma série de fatores favoráveis ao seu cultivo em grande escala, como demanda internacional, sementes já melhoradas geneticamente pelos Estados Unidos e maquinários adaptados de outras plantas como o trigo, como destacam Alves e Tedesco (2016, p. 262): "a Revolução Verde no Brasil foi, em muitos casos, confundida com o início da produção de soja na mesorregião noroeste do Rio Grande do Sul".

Não há de se desconsiderar que o aumento populacional[4] no último século justificava a necessidade de se focar na eficiência e produtividade da agricultura – fatores que, como já discutido, a Revolução Verde conseguiu entregar. No entanto, é preciso

[3] Projeto político instituído na década de 1960 pelo governo dos Estados Unidos, liderado por John Kennedy, buscando integrar o continente americano na luta contra a influência soviética comunista.
[4] A população global em 1920, antes da Revolução Verde, era de 1,8 bilhões. Em 2022, a população alcançou o número de 8 bilhões, 4,4 vezes maior que cem anos atrás.

considerar que a produção de *commodities* agrícolas, como a soja, não tem como principal função o atendimento às necessidades de alimentação da população, como era a justificativa inicial para o estabelecimento da agricultura moderna – a soja está presente em indústrias de cosméticos, farmacêutica, veterinária, entre outras.

Cabe ressaltar, ainda, que o universo da agricultura é amplo e muito heterogêneo, mas simplificadamente, quando a análise é feita a partir da Revolução Verde, é possível dividi-lo entre aqueles que conseguiram fazer a adesão a este modelo tecnológico e aqueles que não conseguiram ou que o fizeram em escalas menores. Assim, a Revolução Verde colocou uma barreira a famílias produtoras que não conseguiram aderir às inovações da agricultura, impondo a estes cidadãos do campo o êxodo rural ou as incertezas de um mundo rural em transformação. Conforme Bojanic (2022), esta realidade se impunha porque o movimento modernizante entendia a agricultura apenas a partir do viés econômico, desconsiderando os aspectos sociais e ambientais.

Na perspectiva ambiental, Silva (2018) relata que a expansão da agricultura moderna está associada diretamente à deriva dos agrotóxicos, supressão da biodiversidade e à contaminação de recursos hídricos e dos solos, de forma a danificar ecossistemas que estão além da propriedade agrícola. No âmbito social, para Campos (2022, n.p.), a mecanização fez crescer o desemprego no campo; o uso das sementes modificadas geneticamente dificultou o acesso aos insumos; e o crescimento dos custos para produzir traçou uma linha de corte em muitos produtores familiares, que migraram para as cidades. “Esse cenário resultou em consequências sociais impactantes, como o aumento da desigualdade social, da concentração de terras e da dificuldade dos pequenos agricultores em comercializar produtos em um mercado altamente competitivo”.

2.2 O capitalismo no campo e as transformações da produção familiar

Os impactos socioeconômicos do capitalismo no campo, que tem na Revolução Verde sua expressão máxima, não são desconhecidos das ciências sociais. Inúmeros estudos têm abordado ao longo do tempo como esse modelo tem produzido e reproduzido grandes áreas de monocultivo, exploração do trabalho e concentração de renda. Como já visto neste estudo, o paradigma da agricultura moderna incrementou a eficiência, a produção e a produtividade agrícola no mundo, a partir da potencialização das forças produtivas. Por outro lado, excluiu do campo famílias produtoras que não conseguiram acompanhar as transformações tecnológicas.

Tanto o campo como as populações rurais se transformaram ao longo do tempo durante o capitalismo. Essa transformação ainda está acontecendo, e alguns autores como Van der Ploeg (2006) tratam sobre a recampenização na Europa, enquanto Borba (2016) destaca que os pecuaristas familiares, quando bem organizados em comunidades integradas, tendem a melhor se reproduzir socialmente. Por outro lado, a realidade empírica abordada por Silva (2018) mostra que pecuaristas familiares do município de Jaguarão, no bioma Pampa, podem estar atravessando o mesmo processo pelo qual passaram pecuaristas tradicionais do noroeste gaúcho, quando os plantios de soja modificaram não apenas o ambiente, como o perfil dos produtores locais.

Um primeiro ponto a se observar é a leitura de Lenin (1986) sobre a impossibilidade de reprodução social do camponês no capitalismo, com a consequente formação de duas categorias sociais: os proletários rurais e a burguesia rural. Na visão leninista, a partir da expansão da área de cultivo possível de trabalho por uma família, os produtores mais ricos naturalmente transformariam sua atividade em uma agricultura capitalista, por ter de contratar mão-de-obra assalariada e por estar focada em atender os interesses de mercado; e os mais pobres, como precisariam vender força de trabalho aos estabelecimentos rurais ricos, se transformariam em proletários rurais.

Apesar dessa concepção não ter se consolidado historicamente, algumas informações são importantes para análise desta pesquisa. A primeira é a básica constatação de transformação social no campo, em decorrência do capitalismo. A segunda trata do modo de operação da burguesia rural. Por mais que pareça lógico, Lenin (1986) observa que os produtores com mais recursos econômicos têm a tendência de expandir a produção a partir do arrendamento e compra de novas terras.

A expansão da capacidade produtiva através dos arrendamentos e compra de propriedades é uma das práticas comuns realizadas pelos sojicultores no município de Bagé. Mais adiante, será possível ver como isso pode interferir, em um primeiro momento na alteração do ambiente natural pampiano, mas também no inflacionamento dos campos, impondo um limite à sucessão familiar do pecuarista familiar.

Schneider (2003), ao analisar o clássico A Questão Agrária, de Karl Kautsky, destaca que o autor tcheco caminha em linhas parecidas com as de Lenin. Nesta abordagem, o aprimoramento técnico da agricultura beneficiaria principalmente o negócio rural capitalista, forçando, paulatinamente, o enfraquecimento da agricultura de base familiar, mas não o seu desaparecimento, até porque a sua manutenção enquanto classe social campesina e também proletária permitiria a expansão do capitalismo agrário.

Schneider (2003) ao analisar a obra clássica *La organización de la unidad económica campesina*, de Alexander Chayanov, explica, a partir da teoria da unidade econômica camponesa, que o processo histórico do capitalismo resultaria em um maior número de unidades familiares no campo, organizadas em cooperativas. O centro de compreensão da atividade camponesa é a família, e como o trabalho se estrutura a partir do atendimento das suas necessidades, o capitalismo não conseguiria impor o fim à categoria, uma vez que ela funciona a partir de lógicas não-capitalistas.

Porém, em que pese a importância e relevância histórica das conceituações defendidas por Kautsky e Lenin, de proletarização dos agricultores camponeses, e de Chayanov, que apresenta a agricultura camponesa como paradigma da unidade de produção familiar, justamente por ter no cerne familiar a lógica e o sentido para a sua reprodução social, abordagens como a dos brasileiros Abramovay (2007) e Veiga (2007) buscam superar estas compreensões.

Para os autores, as conceituações clássicas sobre a agricultura camponesa não dão conta da complexidade e das mudanças que ocorreram na agricultura ao longo do tempo, influenciadas por fatores como a globalização, as políticas públicas, as tecnologias, entre outros. Assim, a configuração da família produtora dentro do capitalismo se apoiou numa forma social de trabalho específica que hoje se define como agricultor familiar.

Veiga (2007) articula a relação entre as formas familiares e o desenvolvimento do capitalismo, mostrando como o agricultor familiar faz parte do contexto da agricultura capitalista, ainda que mantenha características tradicionais, como é o caso do pecuarista familiar. Na Europa e Estados Unidos, essas unidades de pequeno porte são fruto de ação direta de incentivo estatal, que perceberam a capacidade que a produção familiar tinha de garantir a produção de alimentos a custo mais baixo, conforme Abramovay (2007). Assim, para o autor, a concretude do rural de países de capitalismo avançado mostra a agricultura familiar como mais competente para produzir alguns alimentos e matérias-primas com menor custo que a agricultura moderna patronal. Nessas realidades, as unidades familiares alcançaram alto grau de tecnificação através de intervenção do Estado capitalista, que deu o suporte de investimento para a expansão industrial da agricultura com base no consumo alimentar das populações locais.

Por mais que este estudo se alinhe a esta compreensão, de superação do conceito de camponês e assimilação da noção de agricultor familiar, de onde ramifica-se a pecuária familiar, Wanderley (2009, p. 189 e 190) realiza uma reflexão importante que ajuda a

elucidar qualquer possibilidade de dualismo entre os conceitos de camponês e agricultor familiar.

> Esteve e está em curso, inegavelmente, um processo de mudanças profundas, que afetam precisamente a forma de produzir a vida social dos agricultores e, em muitos casos, a própria importância da lógica familiar. Porém, parece evidente, como foi dito acima, que a "modernização" desta agricultura não reproduz o modelo clássico (refiro-me aqui aos outros "clássicos") da empresa capitalista, e sim o modelo familiar. Mesmo integrada ao mercado e respondendo às suas exigências, o fato de permanecer familiar não é anódino e tem como consequência o reconhecimento de que a lógica familiar, cuja origem está na tradição camponesa, não é abolida; ao contrário, ela permanece inspirando e orientando – em proporções e sob formas distintas, naturalmente – as novas decisões que o agricultor deve tomar nos novos contextos a que está submetido. Este agricultor familiar, de uma certa forma, permanece camponês (o camponês "adormecido" de que fala Jollivet), na medida em que a família continua sendo o objetivo principal que define as estratégias de produção e de reprodução e a instância imediata de decisão.

Essa interpretação também é fundamental para que se estabeleça um parâmetro relacional com o pecuarista familiar. Apesar de ter sido realizada, neste estudo, a distinção entre pecuaristas familiares tradicionais e patronais, estes produtores, dentro da sua heterogeneidade, permanecem com suas lógicas de produção de base familiar, ainda que transitem entre maior ou menor integração à agricultura capitalista, como melhor será discutido posteriormente.

No entanto, é preciso considerar que a transformação da figura histórica do camponês é o resultado de movimentos impostos pelo capitalismo, como a potencialização das relações de mercado. Esses movimentos forçaram ou a adaptação/modificação ou a exclusão destes produtores do campo. "As mudanças sofridas pela produção familiar na agricultura de hoje são tão profundas que se não se encaminharam no sentido da diferenciação social, por outro lado não permitiram que as características centrais da produção camponesa permanecessem" (ABRAMOVAY, 2007, p. 66).

Pode-se pensar, assim, no desaparecimento de certos modos de produção familiar, enquanto outros são capazes de resistir, se adaptar ou se modificar. O desaparecimento, a modificação/adaptação ou até mesmo a resistência à transformação são processos influenciados pelas relações de produção do capitalismo, que agem sobre outras formas de relações de produção, inclusive não-capitalistas.

Como argumenta Moreira (2003, p. 115 e 116), as relações de produção não adaptadas à racionalidade dominante passaram a ser percebidas como atrasadas, sujeitas

ao domínio e modificação pela força da modernidade. “As valorizações culturais e econômicas da cidade e da indústria desqualificaram saberes e outras racionalidades distintas da racionalidade técnico-científica e do mercado”. Assim, a agricultura moderna não busca apenas dominar a natureza e a técnica, mas também o tradicional. Pela lógica da burguesia, todo o rural precisa ser modificado para atender às racionalidades do mercado.

No entanto, determinadas especificidades, dentro da heterogeneidade da agricultura familiar, conseguem resistir e se reproduzir. Ao se defender que o agricultor familiar, ainda que tenha como uma das bases de funcionamento o cerne familiar, é uma figura social diferente do camponês, há de se considerar que uma transformação faz desaparecer uma figura exatamente como ela é. Os estabelecimentos de produção familiar se adaptaram, persistiram e podem continuar existindo, mas figuras sociais determinadas de produção familiar podem deixar de existir, de acordo com circunstâncias específicas de tempo e espaço.

As mudanças decorrentes desse processo histórico de avanço e acumulação do capital no rural brasileiro estão representadas através dos impactos da produção de soja. O noroeste gaúcho, como apontam os estudos de Alves e Tedesco (2016), realizou essa transição de uma pecuária tradicional para uma agricultura moderna. A figura do pecuarista deu lugar ao agricultor tecnológico, na região brasileira pioneira no plantio deste grão, ocasionando uma transição da paisagem natural local, mas também do perfil de produtor, como será visto adiante.

2.3 Do noroeste gaúcho ao Pampa bageense: a trajetória da soja no RS

No Brasil, a soja teve seu cultivo iniciado no começo do século XX, em 1908, em São Paulo, introduzida por imigrantes japoneses; seis anos depois, o grão chegou ao RS, onde era usado para alimentação de suínos nas pequenas propriedades rurais, sem muita expressão econômica (CONCEIÇÃO, 1986). Conforme o autor, entre as décadas de 1940 e 1950, o noroeste gaúcho formou uma frente de expansão da soja e começou a despontar como grande produtor da oleaginosa; foi, porém, a partir do final dos anos 1960 que o grão passou a ter maior importância na economia, devido à diferença do período de plantio e colheita da soja no Brasil em relação aos outros países produtores da oleaginosa.

Essa realidade possibilitava, portanto, melhor preço ao produto brasileiro, que não concorria com a concentração da safra de outros países produtores. Como fatores adicionais de diferenciação do produto brasileiro, Conceição (1986) acrescenta a

possibilidade de a oleaginosa ser trabalhada em sucessão com os plantios de inverno de trigo; viabilidade de mecanização da lavoura com os mesmos equipamentos usados para o trigo; uso dos caminhos comerciais dos cereais de inverno, com o estabelecimento de cooperativas estruturadas; capacidade de industrialização no RS de parte do produto não exportado; garantia de preços mínimos pagos ao produtor; e financiamento, pelo Banco do Brasil, de maquinários (a juros baixos) e de insumos externos (abaixo da inflação).

Estes elementos colaboraram para o estabelecimento da soja como uma *commodity* agrícola dominante no noroeste gaúcho, estimulando a competitividade por áreas, o aumento do valor do hectare de terra na região e, por consequência, a migração das lavouras para outras regiões, conforme Alves e Tedesco (2016). Segundo os autores, o primeiro local de maior expansão foi o Centro-Oeste paranaense, ainda na década de 1970 e, entre as décadas de 1970 e 1980, a incursão, incentivada pelo governo militar, foi para o Centro-Oeste do país.

A atratividade econômica da soja, assim, potencializou, ao mesmo tempo, o aumento dos plantios por diversas regiões brasileiras e as mudanças socioambientais e produtivas nas regiões sob exploração. Essa mudança foi observada por Alves (2013, p.12), que atribui ao noroeste gaúcho a reputação de região propulsora desse modelo agrícola na década de 1970 no Brasil. Nesta mesorregião, o rural teve sua realidade transformada, passando de uma pecuária extensiva tradicional a uma agricultura moderna, com uso das tecnologias para produção de grãos. “Criou-se a imagem do gaúcho agricultor, explorador e desbravador, em oposição ao tradicional gaúcho pecuarista”.

Essa constatação é fundamental para esta pesquisa, pois oferece o indicativo de como o avanço dos plantios de soja têm a tendência de dominar o espaço social, modificando estruturas historicamente construídas. Como esta realidade no Pampa e em Bagé é relativamente nova, com intensificação nos últimos 20 anos, a observação de como a agricultura moderna repete suas formas de atuação em ambientes diferentes, ocupando e produzindo o espaço, fornece as informações de como se inicia o processo de transformação social pelo qual passou o noroeste gaúcho, e que pode estar se repetindo agora na metade Sul do RS.

Na visão de Silva (2018, p. 34 e 35), que analisou o avanço da soja no município de Jaguarão, no Pampa, o desenvolvimento com foco na exportação da soja, baseado na política de incentivo à atividade, tem como resultado o aumento das áreas cultivadas, com o surgimento de novas estruturas socioeconômicas, que atendem aos interesses de grandes conglomerados agroindustriais, e não aos anseios locais. “Essa dinâmica produtiva

transforma o território, introduzindo outras formas de uso e posse da terra, novas relações de mercado, além de modificações ambientais e culturais igualmente marcantes".

E aqui cabe avaliar o papel do Estado neste processo. Antecipando uma discussão que será retomada posteriormente, Lefebvre (1973) lembra que a função estatal no incentivo das estruturas de reprodução das relações capitalistas de produção se dá através de uma ação proativa e não inercial, como muitos marxistas defendiam. Ou seja, a agricultura moderna, com todos os seus impactos inerentes, é praticada e expandida com anuência e estímulo da gerência político-econômica brasileira.

É preciso, assim, analisar a produção da soja muito além do que apenas uma atividade rural. No Brasil, 70% da produção é exportada *in natura*; em contrapartida, há importação dos maquinários e de insumos básicos para a produção, como fertilizantes e defensivos agrícolas (EMBRAPA, 2021). Assim, com baixa industrialização, a produção gera recursos econômicos centralizados aos produtores, sem haver estímulo a uma cadeia de criação de empregos, renda e movimento da economia local pós-colheita.

Soma-se a este contexto o fato de os produtores do grão terem disponibilidade de juros baixos (0,6% ao mês) para financiamento da atividade, a partir do Plano Safra, e não pagarem taxas de exportação, valores que são cobrados dos Estados federativos onde a produção é realizada, a partir do estabelecimento da Lei Kandir, que desonerou as taxas de insumos exportados pela agricultura (MAPA, 2022). Assim, a produção nacional de soja, quando exportada sem processamento algum, o que acontece em sua maioria, tende a gerar valores de industrialização em outros países. É um exemplo daquilo que Dos Santos (2000) chamou de capitalismo dependente – quando países periféricos têm como principal função gerar insumos para os países capitalistas centrais.

O ponto destacado por Lima *et al.* (2019) resume bem esta questão: no Brasil, enquanto, de um lado, os grandes empreendimentos rurais se preocupam com a produção de *commodities* agrícolas para exportação, centralizando o capital, de outro lado, é nos pequenos estabelecimentos, menos tecnificados, onde se produz 70% dos alimentos que estão na mesa dos brasileiros.

> No Brasil, assim como no restante do mundo, as revoluções tecnológicas marcaram a evolução agrícola e acabam por demonstrar a existência de uma dualidade nesse setor, no qual, coexistem uma agricultura altamente mecanizada e avançada tecnologicamente, que dispõe de todo capital necessário à sua expansão e outra agricultura, que produz mais de 70% dos gêneros alimentícios consumidos pela população do país, como feijão, arroz, farinha, milho, entre outros. Assim, a agricultura familiar convive com a escassez de recursos para novos investimentos em máquinas e equipamentos,

> sendo muitas vezes associada à agricultura de subsistência, de baixa renda ou precária (LIMA *et al.*, 2019, p. 51).

O ponto que se chega é que, com aval do Estado, estimula-se uma atividade como o plantio de soja, em nome da integração a um mercado internacional de *commodities* agrícolas, em detrimento de uma atividade produtora de alimentos, como mostram Grisa *et al.* (2022). Para os autores, a partir de 2016, no governo Temer, aconteceu no Brasil um processo de estímulo à agricultura patronal e desestruturação de programas voltados à agricultura familiar, processo reiterado durante a gestão Bolsonaro, de 2019 a 2022.

> Novas dinâmicas de financeirização da vida, da economia e da política evidenciadas no século XXI promovem a expansão de um já poderoso setor do agronegócio e da mineração em associação com novos atores financeiros dominantes, a exemplo dos fundos de pensão e de investimentos; aprofundando, assim, as desigualdades dos mercados fundiários e as condições de acesso à terra. Além do aumento de poder do capital financeiro nas cadeias de *commodities* e no mercado de direitos sobre a terra, apresentam a arquitetura dos desmontes ocorridos em políticas públicas entre 2016 aos dias atuais, com a perda das capacidades estatais na agenda agrária e alimentar, como no caso apresentado do Programa de Aquisição de Alimentos (GRISA et al., 2022, p. 06).

Estabelece-se, assim, uma dualidade entre a produção de soja e a pecuária familiar, ainda que esse confronto não seja observado diretamente por muitos pecuaristas familiares entrevistados nesta pesquisa. Porém, o estímulo estatal à agricultura patronal e desestímulo à familiar potencializa, cada vez mais, a expansão de modelos produtivos como os sojícolas em áreas atualmente da produção de base familiar, como ocorre no Pampa.

Esse é, para Silva (2018), um processo de sojização e mercantilização da agricultura, baseado em demandas internacionais capazes de modificar as estruturas socioeconômicas e ambientais locais. Assim, o processo de expansão, centralização e acumulação do capital em torno desta oleaginosa representa tanto o atendimento a interesses externos como encontra no Estado brasileiro suporte na isenção de impostos e financiamento a juros baixos, a partir do Plano Safra.

Neske *et al*. (2013) analisaram o avanço da soja na região do Alto Camaquã, que tem Bagé como um dos municípios integrantes, como uma nova oportunidade observada pelo capital para explorar uma área com grande potencial econômico, e que estaria atualmente subutilizada nas mãos dos pecuaristas familiares. Para os autores, trata-se de

um processo de mercantilização da natureza, que se impõe a partir do nexo internacional do mercado de *commodities*, mesmo que operacionalizado por agricultores locais.

A partir de uma visão desenvolvimentista do âmbito rural, o avanço de monoculturas como a soja nessas zonas marginais apresenta-se como a superação daquilo que se considera atrasado e subdesenvolvido. “Essas transformações produtivas (...) são representativas de um processo que evidencia as transformações, os deslocamentos e a mobilidade do capitalismo global contemporâneo em direção às zonas rurais consideradas deprimidas economicamente” (NESKE *et al*., 2013, p. 108).

Trata-se da práxis do capitalismo abrangendo essas regiões, a partir da apropriação do espaço social, que modifica o status dos sistemas produtivos historicamente construídos. Como é o caso observado no Pampa, a soja se impõe de forma a reproduzir as suas relações de produção, tendo como fundamento e objetivo a acumulação e centralização de capital.

2.4 Dados gerais e um retrato da estrutura agropecuária do município de Bagé

Localizado na mesorregião Sudoeste Rio-grandense, microrregião Campanha Meridional, o município de Bagé tem uma população estimada de 121.518, sendo 19.795 habitantes da zona rural, cerca de 16% do total, com 1.198 proprietários e cerca de 300 mil hectares de terras destinadas à produção rural. Com extensão territorial de 4.090 km² e PIB per capta de R$ 26.037,08, tem sua economia baseada no comércio, serviços, baixa industrialização e no setor rural (IBGE, 2021c).

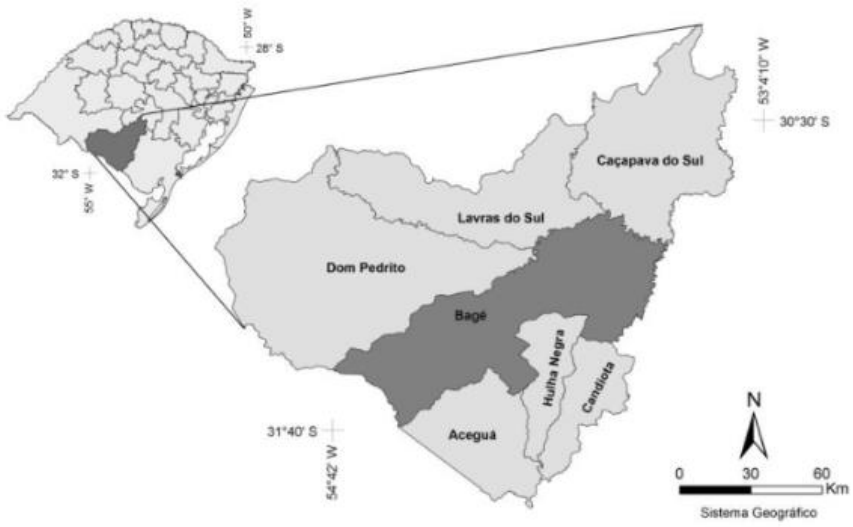

Figura 2: Mapa da microrregião Campanha Meridional, com destaque para Bagé. Fonte: Matte *et al.* (2016)

As produções de destaque são a soja, o arroz e a pecuária de corte (ovinocultura e bovinocultura) e de leite; o município apresenta produção, também, de milho, trigo, sorgo, cevada, uva, azeitona, melancia, pêssego, laranja, tangerina, tomate, além de silvicultura, aquicultura, apicultura e criações de bubalinos, caprinos, galináceos e suínos (IBGE, 2021c).

Matte *et al.* (2016, p.101) destacam que, apesar de o município ter na pecuária de corte extensiva sua origem como formação social e matriz produtiva, nota-se que outras dinâmicas agropecuárias têm se intensificado a partir da mobilidade do capitalismo agrário. Esse movimento do capitalismo a regiões deprimidas economicamente, como a América Latina, se insere naquilo que Gudynas (2012) chamou de neoextrativismo, modelo de desenvolvimento baseado no progresso econômico a partir da exploração dos recursos naturais, em cadeias de produção com pouca diversificação e subordinação a uma ordem internacional de mercado, como são, por exemplo, a mineração e os grandes empreendimentos da agricultura em monocultivo.

Herança do extrativismo clássico, o neoextrativismo é um termo atualizado para a atividade que, em linhas gerais, permanece muito parecida. Os diferenciais são, conforme Gudynas (2012), maior tecnificação, com o uso de novas tecnologias, maquinários e, por consequência, diminuição da demanda por mão-de-obra não-especializada e menor geração de empregos.

Assim, os processos de avanço da grande agricultura se mantêm estáveis ao longo do tempo, em uma lógica de acumulação capitalista que perdura independentemente do espectro político governamental. Como prescinde do espaço para o desenvolvimento de suas atividades, o neoextrativismo continua avançando sobre as mais diversas áreas, uma vez que a demanda pelos insumos para manutenção da vida moderna se coloca acima dos riscos socioambientais que podem decorrer da ocupação, extração e transformação dos recursos naturais.

Entre essas atividades em emergência está a soja, que teve uma primeira incursão no Pampa ainda na década de 1970. É a partir dos anos 2000, porém, que os produtores do grão redescobrem a região como uma nova fronteira agrícola para aumento dos cultivos. A observação de Kuplich *et al.* (2018) de que a área de soja triplicou de 2000 a 2015 no Pampa gaúcho, passando de 938.542 hectares (ha) para 2.707.942 ha, é acompanhada da informação de que há um aumento da pressão pelas áreas destinadas à pecuária, inclusive com uso de estratégias como a implantação, pelos pecuaristas remanescentes, de pastagens cultivadas em detrimento do campo nativo, a fim de

intensificar a atividade de criação de gado. Esse movimento ocorre, segundo a autora, por dois motivos: pecuaristas que integram a lavoura sojícola no verão com a pecuária no inverno, e pecuaristas que arrendaram ou venderam parte da propriedade para os plantios.

Conforme dados do IBGE (2021b), na série histórica de 2004 a 2021, o movimento em Bagé é muito parecido com o observado nos outros municípios do bioma Pampa: enquanto a área plantada de soja aumentou quatro vezes, passando de 10 mil para 40 mil hectares, o rebanho bovino, no mesmo período, diminuiu de 320.966 cabeças para 223.060 e o rebanho ovino caiu de 104.172 para 91.899. Apenas como comparação, a área cultivada com arroz, um cultivo exógeno, mas tradicional no município, diminuiu de cerca de 16 mil hectares em 2004 para oito mil hectares em 2021.

	BAGÉ			
	Área plantada com soja	Área plantada com arroz	Rebanho bovino	Rebanho ovino
2004	10 mil ha	16 mil ha	320.966	104.172
2021	40 mil ha	8 mil ha	223.060	91.899

Figura 3: Dados de área plantada de soja e arroz, e rebanhos bovino e ovino no muniício de Bagé. Fonte: IBGE (2021a e 2021b)

A forma de atuação destes agricultores exploradores, conforme Matte *et al.* (2016), é principalmente o arrendamento de áreas ocupadas por outras atividades, como a pecuária de corte. Dessa maneira, a substituição dos ambientes nativos usados pela pecuária para o plantio de uma cultura exógena dá um novo significado ao rural bageense, sendo essa nova abordagem produtiva capaz de modificar não apenas o ambiente, como a matriz econômica e social do município.

Nota-se neste capítulo como a soja integra um modelo de agricultura, que possui um caráter global, vinculada aos mercados internacionais, mas que se impõe e traz impactos nos mais diversos rincões do país. Claro que quando se fala em soja, retrata-se o papel de quem produz, o produtor da oleaginosa em sua ação produtiva, que não deixa de estar vinculado a uma dinâmica que estimula, economicamente, o cultivo de uma *commodity* agrícola em grande escala.

Assim, entende-se este fenômeno como resultado histórico da busca pelo desenvolvimento enquanto modelo global, que se manifesta a partir da ocupação efetiva e contínua do espaço social. A Revolução Verde é trabalhada neste capítulo como

responsável pela expansão das forças produtivas, aumento de produtividade e produção no campo, mas também como alvo de reflexões críticas postas até a atualidade, como o uso desponderado de produtos químicos (fertilizantes e agrotóxicos) para a produção de alimentos, modificação genética de sementes e os reflexos nas lógicas socioambientais, decorrentes da economia política do capitalismo enquanto um modelo homogeneizador e dominante. Mas, principalmente, busca-se analisar o motivo para a continuidade e fortalecimento desta atividade e a sua imposição sobre outras formas de relações sociais de produção, como é a pecuária familiar – como o pensamento lefebvriano indica que deva se dar a análise das contradições do capitalismo.

Assim, a partir do momento em que os grandes empreendimentos produtores de *commodities* agrícolas começam a impactar os pequenos estabelecimentos de base familiar, através da incorporação de áreas, ou da modificação das estruturas ecossistêmicas que interferem na realidade socioprodutiva de um local, é preciso considerar a formação de uma dualidade entre agricultura moderna e a produção familiar. Essa realidade pode ser vista na relação entre a soja e a pecuária familiar no município de Bagé, e produz, ainda, uma nova contradição – os diferentes impactos que a expansão das lavouras produz aos dois grupos de pecuaristas delimitados neste estudo.

O avanço da soja sobre áreas mantidas e exploradas economicamente a partir dos recursos naturais, com histórico de manutenção desses bens pelos pecuaristas familiares, como será melhor explorado no próximo capítulo, representa apropriação dos espaços de reprodução social destes atores sociais, fortalecendo um processo de acumulação e concentração de capital, em detrimento de formas sociais estabelecidas e, consequentemente, da manutenção de um ambiente nativo, mas ainda assim produtor de alimentos.

Nesse sentido, há a contraposição entre lógicas e objetivos da grande agricultura em relação à pecuária familiar. O avanço do capitalismo sobre áreas do Pampa reforça as disparidades sociais compreendidas a partir da desigualdade de acesso aos recursos econômicos. Se a divisão das terras no Brasil desde a colônia já se deu de forma injusta, a agricultura moderna pode reforçar ainda mais essas injustiças, uma vez que impõe a força do capital de poucos produtores de *commodities* para exportação em desfavor e descapitalização de muitas famílias produtoras de alimentos.

É importante destacar como a agricultura moderna, independentemente do tipo de produção que realiza, é um modelo aplicável ao espaço social, homogeneizando-o e repetindo-o em diferentes locais, desde que a série de pacotes tecnológicos disponíveis

possam ser aplicados. O avanço da soja ao Pampa é mais um desses exemplos daquele que parece ser um dos principais legados da Revolução Verde – é possível produzir em qualquer lugar onde a tecnologia tenha sido adaptada ou apta a transformar e produzir o espaço social.

Essa é uma das formas pelas quais o capitalismo se reproduz em escala global até a atualidade. Isso se dá através da manutenção de relações de poder desproporcionais entre países ricos e pobres, mas também de relações desiguais internas entre as minorias ricas e a maioria empobrecida. Como visto, a balança econômica entre a produção e exportação de bens primários e a importação de produtos e tecnologias em escala mais alta de industrialização impõe aos países periféricos essa situação de desigualdade.

Este capítulo buscou expressar como a agricultura moderna representa um modelo capaz de se inserir e ocupar os espaços, a partir do aporte tecnológico, que permite a produção nos mais variados ambientes. No entanto, essa ocupação do espaço social tende a gerar impactos ambientais pela transformação da natureza, mas também sociais pela capacidade de modificar estruturas de produção estabelecidas, como é o caso da pecuária familiar praticada no Pampa, que tem nos campos nativos do bioma o seu princípio fundamental.

Nesse sentido, o produtor de soja que se alastrou aos mais diversos rincões do país representa um perfil. Assim como historicamente se notou o movimento do capitalismo, a agricultura moderna se espalha e se repete através dos diferentes locais. As discussões acima oferecem a possibilidade de reflexão sobre como essa realidade se nota no município de Bagé.

A produção de soja, como também pode ser notado no relato dos pecuaristas familiares, se expande, principalmente, pelo arrendamento de áreas e, na realidade do Pampa, está ocorrendo a partir do avanço de áreas antes usadas para a pecuária. Assim, as relações de produção da agricultura moderna se reproduzem ao dominar, transformar e homogeneizar o espaço social.

Porém, essa mesma agricultura moderna que produz impactos socioambientais mesmo fora das propriedades privadas que a praticam, mobiliza recursos econômicos capazes de aproximar desses ciclos capitalistas de produção atores externos ao processo produtivo da soja, como é o caso dos pecuaristas que mantêm relações comerciais com os lavoureiros. No entanto, estes recursos são acessados apenas por parte dos pecuaristas familiares, caracterizados como patronais, que tendem a ter visões positivas sobre a soja e sobre a integração das lavouras com a pecuária.

A partir das reflexões trazidas neste capítulo, é possível concluir, também, que o aporte econômico pode alavancar tanto a grande agricultura quanto a produção de base familiar. O Estado pode ter o papel de disponibilizar os mecanismos tecnológicos para aprimoramento da capacidade produtiva dos estabelecimentos privados. Nos países de capitalismo avançado, o poder estatal, ao incentivar a propriedade familiar, conseguiu melhores resultados na produção de alimentos. No Brasil, atualmente, nota-se um incentivo maior aos grandes empreendimentos rurais, produtores de *commodities* agrícolas para exportação, como é o caso da soja.

Ainda, nesta pesquisa considera-se que as transformações produzidas pelo capitalismo no campo gestaram a noção de agricultor familiar, como a figura representativa da produção de base familiar na modernidade (é nesse guarda-chuva que se enquadra o pecuarista familiar). No próximo capítulo será melhor trabalhado o conceito de pecuarista familiar, e, também, será discutido o motivo de existir a dualidade expressa no capítulo 1, entre os plantios de soja e a pecuária familiar, especificamente no bioma Pampa.

Capítulo 2

3. A FAMÍLIA RURAL PECUARISTA

Este capítulo tem como objetivo realizar a definição da categoria social pecuarista familiar, assim como contextualizar a sua relação com o bioma Pampa, onde se fundamenta e se reproduz a sua atividade produtiva, a pecuária em campo nativo. Parte-se, para isso, de uma definição inicial de agricultura familiar, conceito abarcador de uma grande diversidade de produtores de base familiar, e que engloba, também, a pecuária familiar.

3.1 Pecuarista familiar: o agricultor familiar que trabalha com pecuária de corte

Apesar de atualmente já existir na literatura acadêmica a caracterização da pecuária e do pecuarista familiar, a fim de complementar o debate, cabe realizar a definição de agricultura familiar, de onde a pecuária familiar se ramifica.

Inicialmente, parte-se da observação sobre as diferenças entre a produção de origem familiar e a agricultura moderna patronal. Ribeiro (2009, p.57) apresenta as principais bases de distanciamento entre estes dois modelos: de um lado, a agricultura patronal realiza a separação entre trabalho e gestão; ênfase na especialização e nas práticas padronizáveis; predomínio do trabalho assalariado; e tecnologias dirigidas à eliminação das decisões "de terreno e de momento", ou seja, a padronização do espaço de produção visando diminuir riscos. Por outro lado, a produção familiar caracteriza-se por ter trabalho e gestão relacionados; ênfase na diversificação, durabilidade dos recursos e qualidade de vida; trabalho familiar e assalariado de forma complementar; e decisões que se ajustam aos riscos e imprevisibilidade da produção.

Parte-se, agora, para uma definição ampla e abarcadora de agricultura familiar, que por si só é um conceito genérico que engloba uma grande diversidade de figuras sociais. Três são as características centrais deste modelo, conforme o relatório Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável, do convênio FAO/Incra:

> (a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento; (b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; e (c) a propriedade dos meios de produção, embora nem sempre da terra, pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso

> de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (FAO/INCRA, 1994, p.04, *apud* PORTO *et al.* 2010, p. 46).

Wanderley (1996) também utiliza três fatores centrais para definir a agricultura familiar – a combinação entre a propriedade dos meios de produção e a condução dos trabalhos deste estabelecimento, ambos sob responsabilidade da estrutura familiar. Ou seja, o tripé resume-se em propriedade, trabalho e família. Conforme Cotrim (2003), a posse dos meios de produção, o trabalho no campo e uso da mão-de-obra da família são os fatores de aproximação dentro da heterogeneidade de produtores de base familiar, a partir de uma lógica produtiva e cultural que possibilita o uso e transmissão de saberes e valores capazes de garantir não apenas a existência destas categorias sociais, mas sua reprodução social.

Assim, pode-se perceber uma diferença crucial entre a agricultura patronal e a familiar. Por mais que ambos extraiam valor da transformação da natureza, há relação muito mais próxima do agricultor familiar com o trabalho na terra. Enquanto de um lado tem-se a gestão de trabalhadores para a produção; de outro tem-se os próprios trabalhadores também como gestores da propriedade; enquanto de um lado há homogeneização dos espaços visando a maior produtividade possível com menor risco; de outro nota-se o aproveitamento dos recursos da diversidade da natureza no processo produtivo.

A relação com o campo torna-se oposta quando a avaliação se dá através destes fatores. É preciso considerar que, não necessariamente, esse vínculo seja estabelecido por questões simbólicas ou intangíveis. Ao contrário, a natureza manejada torna-se a base material com a qual os agricultores familiares interagem com a terra. É o caso da interação entre o pecuarista familiar e o campo nativo do Pampa, que torna possível realizar a pecuária a custos praticamente nulos, como será melhor explorado posteriormente.

Antes disso, cabe fazer algumas considerações no sentido de melhor compreender de que forma o pecuarista familiar se enquadra neste guarda-chuva da agricultura familiar e por que se realizou a diferenciação entre os dois grupos (PFT e PFP) dentro da pecuária familiar. A delimitação inicial deste ator social se deu a partir da identificação de grupos de famílias com o comportamento de agricultores familiares, em pequenas propriedades de terras e que se dedicavam à pecuária de corte (bovinocultura e ovinocultura) de forma extensiva nos campos naturais do bioma Pampa (RIBEIRO,

2009). A definição exclui, assim, outros pecuaristas, também familiares, que atuam em áreas como suinocultura, avicultura ou bovinocultura de leite.

Baseado em estudos iniciados no início dos anos 2000 por pesquisadores e técnicos de instituições como Emater/RS-Ascar, Embrapa e universidades, a Assembleia Legislativa do RS assinou o decreto 48.316, de 2011, instituído pela lei 13.515, de 2010, que caracterizou este ator social. Entre as características específicas do pecuarista familiar estão a criação de bovinos, caprinos, bubalinos ou ovinos de corte; trabalho predominantemente familiar; posse de estabelecimento rural com área total inferior a 300 hectares; residência no próprio estabelecimento ou em local próximo; e obtenção, no mínimo, de setenta por cento da sua renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento. Sobre as características gerais e comuns aos pecuaristas familiares, Ribeiro (2009) acrescenta, ainda, a criação dos animais em pastagens nativas com ambiente de produção preservado; a produção de produtos agrícolas para autoconsumo; e a venda de excedentes sobretudo em momentos de necessidade.

Apesar de ter características centrais similares, a pecuária familiar, assim como a agricultura familiar, é uma categoria heterogênea, com variações distintas, definidas por Porto *et al.* (2010) a partir de alguns parâmetros de diferenciação. Dentre estes fatores estão a estrutura fundiária (tamanho da propriedade), natureza da mão-de-obra (somente familiar ou familiar e contratada), objetivo da produção (cria, recria ou ciclo completo), comercialização (venda para o frigorífico ou para intermediários) e obtenção de renda não-agrícola (atividade remunerada além da pecuária).

A palavra patronal (que se refere a patrão), adicionada ao pecuarista familiar para realizar a diferenciação do tradicional, foi escolhida justamente por ser a contratação de mão-de-obra o fator de distinção dentro da categoria que evidencia a possibilidade de uma pecuária familiar mais direcionada à acumulação e ao lucro. Mesmo assim, essa pecuária familiar patronal não se assemelha à burguesia rural, justamente por manter a unidade de produção familiar como núcleo central da propriedade rural, ainda que transite entre maior ou menor associação à agricultura e aos mercados capitalistas.

Como a relação com o mercado é uma das principais características que diferenciam as produções de origem familiar, as informações sobre como se dá essa interação é importante, porque o pecuarista familiar, em sua heterogeneidade, transita entre dois pontos, de maior ou menor encadeamento aos mercados; no entanto, todos têm a tendência a manter rebanhos independentemente dos ciclos mercantis, uma vez que o gado funciona para este ator social como uma poupança (RIBEIRO, 2009).

Há de se pontuar, porém, que essa autonomia não pode ser compreendida somente como um anseio, mas como uma estratégia de sobrevivência, frente à dificuldade de acesso aos mercados mais atrativos economicamente. Conforme Wanderley (1996), é natural que os produtores familiares queiram participar de atividades estáveis e rentáveis, a partir da integração com a economia local e regional, pois isso potencializa a capacidade de formação de patrimônio e de reprodução social. Por outro lado, a agricultura familiar voltada ao mercado não se furta de garantir à família o atendimento das necessidades básicas a partir da unidade de produção.

Depreende-se disso que, mesmo conectado a demandas do mercado capitalista, o produtor de base familiar mantém como centro da propriedade a família e o trabalho a partir dela. Não há um objetivo, ou até possibilidade, de expansão das forças produtivas e da acumulação de capital em escala industrial. Assim, não quer dizer que para atender essa lógica mercantil, se estabeleça na propriedade familiar práticas comuns à agricultura moderna patronal, como a homogeneização da natureza.

Ou seja, quando se destaca, nesta pesquisa, que há reprodução das relações de produção tanto da agricultura moderna patronal como da pecuária familiar, obviamente não consiste em dizer que elas são iguais, pois fundamentam-se em princípios diferentes. Também não significa dizer que o pecuarista familiar elimine totalmente o lucro e a acumulação da sua realidade. Apenas que a lógica produtiva não se embasa somente na produção de excedentes e atendimento aos mercados, mas também no suprimento das necessidades da unidade familiar, melhoria das condições de vida e reprodução social.

São essas variações, inclusive, que possibilitaram a diferenciação dos dois grupos dentro da pecuária familiar, já identificados como pecuarista familiar tradicional e pecuarista familiar patronal.

3.2 As características do Pampa, do pecuarista familiar e de sua interação com o ambiente de produção

Reconhecido como bioma pelo IBGE e Ministério do Meio Ambiente apenas em 2004, o Pampa ocupa um total de 63% do território do Rio Grande do Sul e 2,07% do território nacional. Tem área de 750 mil km² entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, e 178 mil km² se considerada somente a extensão brasileira. A presença de gramíneas, leguminosas e outras plantas rasteiras forma um sistema complexo de campos naturais, sendo a maior área de ecossistemas campestres de clima temperado da América do Sul (BENCKE *et al.*, 2016).

Este tipo de formação campestre de clima temperado já correspondeu à área de 9 milhões de km², cerca de 8% da superfície da Terra, porém, conforme Bencke *et al.* (2016, p.01), a ação antrópica ao longo da história hoje faz destes tipos de bioma o "mais alterado, mais ameaçado e menos protegido do planeta, preço que pagam por terem sido, desde os tempos históricos mais remotos, um dos ambientes mais favoráveis ao estabelecimento humano e também um dos mais produtivos".

Conforme definição do Ministério do Meio Ambiente (2022), o Pampa abrange paisagens variadas, com serras, planícies, morros e coxilhas. Nesse cenário, há mais de três séculos vem sendo praticada a pecuária, atividade econômica que, especificamente nesta região, utiliza os recursos naturais de forma sustentável, contribuindo para manutenção do ecossistema, conforme Lopes e Skrebsky (2018), que caracterizam os campos pampianos como um sistema autossustentável adaptado à criação de animais, como bovinos, ovinos, equinos, caprinos e bubalinos.

A presença dessas grandes savanas ricas em plantas forrageiras possibilitou que a pecuária, especialmente a bovinocultura e ovinocultura de corte, fosse bem-sucedida na região, com adaptação de raças bovinas de alta qualidade, como as europeias, introduzidas pelos jesuítas no século XVII (RIBEIRO, 2009).

Provém do Pampa a tradição pecuária do Rio Grande do Sul. O ambiente possibilita a atividade e forma, assim, o pecuarista e, mais especificamente, o pecuarista familiar, que atua em áreas mais diminutas se comparadas às tradicionais e grandes estâncias pecuárias, justamente de onde surgiu esta categoria de produtores rurais. Conforme Ribeiro (2009), a dissolução de algumas estâncias gaúchas, a bovinocultura de corte e o ambiente pampiano compõem o tripé que forja a figura do pecuarista familiar.

A cultura gaúcha se construiu a partir da existência dos campos nativos e de sua aptidão natural à criação extensiva de gado. "O ambiente natural do Pampa forjou o gaúcho, e este, por sua vez, moldou o seu meio" (BENCKE *et al*, 2016, p. 01). Entende-se, assim, que a atividade do pecuarista familiar usa e transforma a natureza para a consecução do seu modo de produção pecuário e, por consequência, essa atividade forma a figura do pecuarista familiar, com todas as suas especificidades e características histórico-culturais. Logo, o modo de vida e de produção, assim como suas formas de reprodução social, para existir, são dependentes da biodiversidade natural do ambiente.

Nesse sentido, essa interação ecológica entre ambiente e pecuarista familiar foi fundamental tanto para a preservação do ambiente como para a existência deste ator social na região. A exploração sustentável desse bioma pela pecuária, conforme a Embrapa

(2018b), é estratégica para garantir a manutenção deste produtor no campo, a partir de uma interação que preserve não somente o ambiente, como também a própria figura do pecuarista familiar.

Além disso, o Pampa é o berço de fauna e flora composta por organismos e microrganismos adaptados ao campo, inclusive com espécies endêmicas, ou seja, que só ocorrem neste bioma; a conservação da riqueza pampiana é responsável por uma série de serviços ambientais e ecossistêmicos, como a purificação e conservação das aguadas, contensão da erosão e aporte à fertilidade dos solos, com toda a vida que nele habita, como insetos, pequenos animais e microrganismos fundamentais para o equilíbrio do bioma, controle de pragas agrícolas e estoque de carbono (EMBRAPA, 2018b; BENCKE *et al*, 2016). É esse ambiente natural repleto de sua biodiversidade que forma uma das mais relevantes partes do patrimônio histórico e cultural do gaúcho.

Destaca-se, assim, que a atividade produtiva pecuária, e mais especificamente a pecuária familiar, conseguiu ser reproduzida a partir da relação social de produção imprescindível com o ambiente natural do Pampa. A existência da pecuária e a manutenção do bioma não são fatores antagônicos nesse processo. Muito pelo contrário, é possível que, quando bem manejada, a pecuária possa potencializar as características dos campos pampianos. Nesse sentido, quando a transformação do perfil socioprodutivo da região é realizada através de uma cultura exógena, como a soja, que vem dominando os espaços sociais, significa dizer que a supressão do Pampa também tem potencial de suprimir ou transformar a categoria social pecuarista familiar.

Essas considerações dos capítulos 1 e 2 resumem o objeto em análise nesta pesquisa: pecuaristas familiares são categorias sociais, ramificadas da agricultura familiar, a forma de produção familiar que conseguiu aderir à modernidade, mantendo características específicas de reprodução social, como a relação com o ambiente natural. No entanto, estes atores justamente têm sua reprodução social mediada pela ação da agricultura moderna, neste caso, o avanço dos plantios de soja, que contam com suporte estatal brasileiro para perpetuar e expandir as suas relações de produção.

Nesse percurso, e expansão agrícola é capaz de provocar múltiplas contradições, como, por exemplo, os impactos diferenciados aos pecuaristas familiares de Bagé. E por mais que esta distinção se baseie nas percepções dos pecuaristas, estas são interpretações baseadas na materialidade da realidade experimentada pelos atores sociais. Isso ficará mais nítido na análise realizada no capítulo 4, mas, em linhas gerais, enquanto pecuaristas familiares tradicionais percebem os impactos negativos da soja de forma geral,

pecuaristas familiares patronais acreditam que a soja possa potencializar a produção pecuária, a partir da movimentação econômica, mas também da integração da lavoura com a pecuária e produção de pastagens cultivadas para alimentação animal.

No entanto, a contradição que se cria com estas observações postas é que a expansão agrícola no município de Bagé suprime justamente aquilo que é um dos alicerces da formação da pecuária familiar – para produzir soja, ou pastagens cultivadas, necessariamente é preciso modificar o ambiente composto pelos campos nativos do Pampa.

Capítulo 3

4. REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES CAPITALISTAS E NÃO-CAPITALISTAS

Apresenta-se a partir de agora a perspectiva teórica desta pesquisa. Parte-se, inicialmente, do conceito central de reprodução social das relações sociais do capitalismo. Para tanto, apoia-se na perspectiva lefebvriana, no sentido de dar sustentação à análise crítica da contradição inicial exposta – o conflito existente entre a expansão das lavouras de soja e a reprodução social do pecuarista familiar, mas também na contradição que se forma a partir da distinção existente na percepção de pecuaristas familiares tradicionais e patronais sobre os impactos do aumento dos plantios da oleaginosa.

Após, a partir de autores como José de Souza Martins e Arturo Escobar, é realizada a discussão sobre a reprodução social dos pecuaristas familiares, que ocorre por lógicas não-capitalistas – apesar de estar em um contexto de influência das estruturas socioeconômicas do capitalismo.

Assim, o objetivo deste capítulo é fundamentar teoricamente a interlocução existente entre a reprodução das relações de produção da agricultura moderna, representada nesta pesquisa pelo avanço da soja no bioma Pampa, e a reprodução social dos produtores de origem familiar, representada neste estudo pelo pecuarista familiar.

4.1 A reprodução das relações sociais no capitalismo e a disputa pelo espaço social

Tratado tardiamente por Marx no sexto capítulo de O Capital, o conceito de reprodução social das relações de produção ficou esquecido da análise do marxismo conforme Lefebvre (1973) por dois motivos centrais: a compreensão de derrocada do capitalismo, algo que não aconteceu, e a interpretação de que essas relações se repetiam naturalmente a partir do Estado burguês.

Ao interpretar essa visão de Marx sobre a reprodução social, Lefebvre (1973) está seguro de que não se fala mais sobre a reprodução dos meios de produção e nem do crescimento da produção, mas sim de que a continuidade da produção material e a reprodução dos meios de produção se ligam diretamente à reprodução das relações sociais. “São aspectos inseparáveis dum processo que comporta simultaneamente movimentos cíclicos e lineares, a saber, nexos de causas e efeitos (linearidades), mas também resultados que geram de novo as suas condições e razões (ciclos)” (LEFEBVRE, 1973, p. 08).

Um processo pelo qual suas condições de existência se renovam ciclicamente não se relaciona mais a entender o que se produz no espaço social, mas sim as formas como continua-se a produzir o espaço. “As gerações passam; os homens mudam; as relações estruturais permanecem. Como é que isso é possível? Onde se produz a reprodução?” (LEFEBVRE, 1973, p. 56).

Esse questionamento direciona a dedução de que as relações de produção não são apenas interações entre indivíduos específicos que participam do processo produtivo, mas relações que existem independentemente das figuras humanas responsáveis por reproduzi-las. São, portanto, uma dimensão fundamental da estrutura social, que persiste ao longo do tempo e que molda a forma como a produção é organizada e realizada.

Nesse sentido, as relações de produção podem ser analisadas como matriz e produto de processos mais amplos e gerais, como a família, a cultura, o Estado, a política e a educação, que se originam nas relações de produção, mas também são responsáveis por perpetuá-las e reforçá-las, influenciadas pelas relações de poder que existem dentro da sociedade.

Historicamente, conforme Lefebvre (1973), o capitalismo transformou esse espaço social em lugar homogêneo, privado e reduzido a um meio controlado por interesses econômicos, o que, via de regra, produz e reproduz relações de desigualdade, exploração do trabalho alheio e exclusão de grupos com menor capacidade de competição.

> Não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução (das relações de produção e não já apenas dos meios de produção): é todo o espaço. Ocupado pelo neocapitalismo, setorizado, reduzido a um meio homogêneo e, contudo, fragmentado, reduzido a pedaços (só se vendem pedaços de espaço às clientelas), o espaço transforma-se nos paços do poder (LEFEBVRE, 1973, p.95).

Dessa forma, conforme Beveder (2014) essa noção corresponde a um complexo processo que carrega consigo as contradições do capitalismo, e também é capaz não apenas de repeti-las como também de deslocá-las, modificá-las e amplificá-las, criando assim um processo de múltiplas contradições.

Ao interpretar essa transição de um processo de reprodução dos meios de produção para a reprodução das relações de produção, é preciso entender que existe uma transição no conceito de capitalismo concorrencial analisado por Marx, para um formato de capitalismo monopolista, segundo Beveder (2014), que destaca o conceito lefebvriano

como possibilitador de uma avaliação mais ampla, diversificada e complexa da modernidade.

Pensar sobre a forma como o capitalismo conseguiu contornar suas contradições internas para se transformar e se manter através da história, enquanto o pensamento marxista esperava pela mudança político-econômica prevista no materialismo histórico, é, para Beveder (2014), uma das grandes contribuições de Lefebvre. A maneira para essa continuidade é, para a autora, a produção do espaço social. É o que Soto (2008) observa como a mudança central no pensamento lefebvriano: a dialética não se relaciona mais à temporalidade, mas às contradições do espaço.

Segundo Lefebvre (1973), é o espaço social dialetizado, ou seja, lugar dos conflitos, o *locus* de produção das relações sociais e de criação das condições para a sua iteração. "É a partir da análise do espaço e das contradições que nele se encontram – no conhecimento sobre o espaço – que Lefebvre retoma a dialética, já desprendida da historicidade, e, portanto, do materialismo dialético" (SOTO, 2008, p. 122).

Ainda conforme Soto (2008), as contradições do capitalismo dão origem a problemas muito discutidos atualmente, como as questões ambientais, a destruição da natureza e o escasseamento dos recursos, mas estes são elementos fragmentados que camuflam o problema global do espaço social. Para Lefebvre (1973) a relação mais profunda sob a análise é a contradição entre a fragmentação de um espaço transformado em mercadoria e a capacidade das forças produtivas e do avanço tecnológico em criar espaços em escala global.

E aqui cabe refletir sobre como esta abordagem sobre a reprodução das relações de produção direciona a perspectiva teórica desta pesquisa. A agricultura moderna produz espaços para a efetivação de seu objetivo, que, no caso em análise, é a produção de *commodities* agrícolas para comercialização em um mercado amplamente vinculado a interesses internacionais. Em qualquer lugar, em qualquer dimensão, as lavouras sojícolas são produzidas e reproduzidas até o ponto em que exista demanda pelo produto. A questão que se impõe justamente é: quais são e sobre quem são os impactos disso? Lefebvre (1973, p.19) responde:

> A contradição torna-se mais precisa quando a ordem longínqua, a ordem das relações sociais, das relações de produção à escala global e, portanto, da sua reprodução, invade brutalmente as relações próximas (a vizinhança, a natureza em redor da cidade, da região, das comunidades locais, etc.).

Ou seja, as relações de produção que impõem o global sobre o local, ocupando e produzindo o espaço social, afetam a reprodução social de dinâmicas estabelecidas neste espaço social. Por mais que muitas vezes Lefebvre tenha como foco esse processo na realidade urbana e ao redor dela, a perspectiva se encaixa também para a análise da imposição da ordem das relações sociais da agricultura moderna sobre as comunidades rurais de pecuaristas familiares.

É preciso ponderar, também, o papel ativo do Estado capitalista nesse processo. A reprodução das relações sociais da agricultura moderna, quando invade e interfere em outras racionalidades historicamente construídas, como é o caso dos pecuaristas familiares, está contribuindo diretamente para o acirramento das contradições do capitalismo, assim como para a transformação feita por elementos externos ao local.

Inclusive, conforme Lefebvre (1973), o pensamento de que as relações sociais se reproduziam a partir de um processo natural foi a mais eficaz função ideológica do capitalismo. Como uma ilusão, para o autor, essa ideia inebriou até os pensadores marxistas, que não vislumbravam o papel proativo estatal na determinação e fortalecimento de algumas relações de produção em detrimento de outras.

Entende-se, assim, que o Estado capitalista trabalha, através dos seus mecanismos legais, para possibilitar e potencializar as relações de produção. E é a práxis do capitalismo que perpetua essas relações, e não a ideologia, interpretada como inócua no sentido de mobilizar a realidade social. Para Lefebvre (1973, p. 11), o pensamento social contido na filosofia, religião, estética, cultura, ética, moral e moralidade mais serviram como entretenimento do que como instrumento do capitalismo. “As ideologias que agem, atuantes, estiveram e continuam a estar ligadas imediatamente a uma prática”.

Assim, entende-se como a práxis do capitalismo no mais específico caso, como este em análise, se amplificada, fornece informações de como as dinâmicas do capital são capazes de transformar realidades socioambientais, além de gerar e reproduzir suas próprias contradições e conflitos, como a formação de latifúndios de monoculturas, concentração de terras e riquezas, assim como a consequente ruptura da capacidade produtiva do ambiente de produção e exclusão de produtores dos ambientes rurais.

No recorte realizado neste estudo, nota-se como o capitalismo reproduz suas relações de produção de forma a monopolizar o espaço social, impactando em outras formas de relações de produção, como no caso dos pecuaristas familiares de Bagé. Mais do que isso, a prática da agricultura moderna produz contradições múltiplas, que se

sobrepõem, como são os distintos impactos capazes de formar uma diferenciação dentro da pecuária familiar.

É, assim, o espaço social produzido, na concepção lefebvriana, o abrigo para as tensões e antagonismos da sociedade moderna, que são influenciados pelos interesses político-econômicos de quem domina os meios de produção. Dessa forma, a reprodução dessas relações não ocorre de forma natural, mas mediada pelas estruturas sociais que sustentam o capitalismo.

O incentivo estatal à atividade agrícola moderna, com financiamentos disponíveis a juros baixos ou negativos e a isenção de impostos, é um estímulo à produção. Gireli *et al.* (2022, p. 1971) destacam que só foi possível a expansão dos plantios de soja a partir de forte apoio do Estado brasileiro, desde o estímulo à grande ocupação do Cerrado até a atuação legislativa no direcionamento legal em favor do agronegócio – inclusive, a Frente Parlamentar da Agropecuária é formada principalmente por legisladores das principais unidades federativas produtoras de soja (MT, MS, RS, GO, PR). "A importância da representatividade política é justificada pela dependência dos setores produtivos de políticas públicas, seja através de política de incentivos fiscais, investimentos em infraestrutura, desburocratização de serviços públicos".

4.2 O capitalismo brasileiro e a reprodução de relações de produção não-capitalistas

Ao analisar as raízes históricas da formação do capitalismo brasileiro, Martins (2012) explica como a representação do colono no rural brasileiro permite a reflexão sobre um universo que precisa tatear entre o moderno e o tradicional, que está em mobilidade a todo o momento, mas que consegue coexistir. O tradicional, nessa visão de Martins, não é oposição ao moderno, mas sim uma das expressões das contradições do capitalismo brasileiro.

Assim, inculcado entre o mundo do trabalho escravo e o assalariado, o colono vindo da Europa não era coisa nem outra, e mantinha, como trabalhador juridicamente livre, o mesmo labor do período da escravatura. Porém, não era um trabalhador individual, mas sim familiar, sem salário, o que impossibilitava de caracterizar essas relações de produção como capitalistas (MARTINS, 2010).

Para o autor, o colono tinha um modo camponês de trabalhar, com o envolvimento da família e o objetivo de produzir e reproduzir seus meios de vida. Dessa maneira, Martins (2010, p. 35) aproxima o colono da tradição histórica do campesinato, o que não afasta a submissão deste ator social aos movimentos do capital. "O capitalismo,

na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não capitalistas, igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução".

Nesse sentido, entende-se a reprodução social baseada em lógicas não-capitalistas como a capacidade que os sistemas ou estruturas sociais têm de manter sua existência e expandi-la através das próximas gerações. Isso é possível a partir da natureza dos meios descobertos no ambiente e das formas e estratégias que os grupos sociais encontram para produzir e atender suas necessidades da forma mais autossuficiente possível.

Conforme Wanderley (1996), as estratégias de reprodução social dos produtores familiares são variadas e multifacetadas, e assim o são porque esta categoria não pode depender de apenas um modo de garantir sua existência. Para a autora, os produtores de base familiar preservam o modo de produção tradicional e mecanismos próprios de garantia de sua existência e reprodução, como o trabalho familiar, os cultivos de autoconsumo ou de subsistência, a proximidade e cooperação comunitária, atividades não-agrícolas e interação extrativa e zeladora do ambiente a que pertence.

Ao discutir o pensamento de Chayanov, Gazolla e Schneider (2007) destacam que a lógica de funcionamento do campesinato está na garantia de bem-estar familiar – nesse sentido, o autoprovisionamento familiar, a partir da tese do equilíbrio ótimo entre trabalho e consumo, é o ponto inicial e fundamental para onde se direciona o trabalho na unidade de produção. Ou seja, é a partir do atendimento das necessidades básicas da família que se organiza a lógica de trabalho. Ainda que reforce a necessidade de que toda a realidade de produção familiar seja analisada em suas particularidades, Chayanov (1974) não descarta que as unidades econômicas familiares, mesmo reproduzindo lógicas não-capitalistas, possam estar ligadas aos mercados, sob influência do capital financeiro.

A reflexão sobre a interferência do capitalismo nas unidades econômicas familiares pode ser verificada na realidade do pecuarista familiar, considerando a diversidade de situações em que ele pode estar inserido, tanto de uma produção menos vinculada ao mercado, quanto associadas às práticas da agricultura moderna – contexto em que o pecuarista familiar pode se envolver em ações econômicas próximas da agricultura capitalista.

4.3 O debate global x local

A expansão da produção de soja, uma planta de origem chinesa, sobre áreas do bioma Pampa gaúcho, com grande aporte tecnológico para transformação do campo a fim de produzir a oleaginosa em larga escala para venda, prioritariamente, no mercado internacional, permite a realização de uma reflexão sobre as assimetrias, contradições e impactos das dinâmicas político-econômicas de ordem global sobre os espaços locais. Isso porque a imputação do global sobre o local provoca transformações socioambientais capazes de invisibilizar não apenas a natureza local, como também formas tradicionais de produção e reprodução social, como o pecuarista familiar.

Para Escobar (2005), o movimento de globalização ocasionou praticamente um desaparecimento do local com suas características próprias e genuínas, com o qual as populações se relacionam tradicionalmente e através do qual se configuram de um jeito específico, que só pode existir ali. A abrangência dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde, por exemplo, produz a homogeneização das características dos espaços sociais rurais, adaptando-os ao cultivo de produtos que têm status de *commodities*, obliterando os potenciais de cada lugar.

A discussão sobre o desaparecimento do lugar parte do que Escobar (2005, p.76) definiu como assimetria entre global e local, "na qual o global está associado ao espaço, ao capital, à história e à ação humana, enquanto o local, contrariamente, é vinculado ao lugar, ao trabalho e às tradições". Inscrito nos debates sobre pós-desenvolvimento, Escobar busca justamente apresentar o lugar como espaço de discussões sobre outras formas de desenvolvimento, inclusive não-capitalistas.

Interessante a construção conceitual realizada pelos ativistas do movimento do Pacífico, analisado por Escobar, que definem a biodiversidade como a união dos termos território e cultura. Para além de uma generalização sobre os recursos naturais, o conceito obtém valor prático na realidade, uma vez que a luta pela preservação dessa biodiversidade representa não apenas uma defesa difusa de um espaço natural, mas dos elementos culturais e territoriais que estão arraigados e muito mais próximos à cotidianidade da vida dos habitantes locais. "É uma unidade conceitual e um projeto político. Carrega uma tentativa de explicar a diversidade biológica a partir da lógica cultural do Pacífico" (ESCOBAR, 2005, p.78).

Uma visão própria de desenvolvimento, assim como a identidade, o território e a autonomia política, é um dos pilares que compõem, para o autor colombiano, os direitos fundamentais das comunidades tradicionais e a base para resistência a um desenvolvimento externo. Assim, a partir das especificidades de cada local é possível uma

infinidade de desenvolvimentos diferentes, mais preocupados com o ambiente, com a diversidade de culturas e saberes, em uma lógica que não é imposta, mas construída coletivamente pelos atores sociais locais.

Assim, a valorização do lugar como espaço possível à resistência do avanço do capitalismo pode ser compreendida como um movimento oposto ao da globalização. Não que sejam eliminados elementos externos, nem ao menos tecnológicos, mas a ideia parte de uma localização do desenvolvimento; ou seja, o potencial do desenvolvimento a partir do lugar está baseado nas especificidades sociais, culturais e dos bens que naturalmente existem no território, ou que podem ser produzidos com naturalidade capaz de manter estáveis os ecossistemas locais (BORBA, 2016).

Para o autor, a valorização desses elementos do lugar consegue promover uma nova capacidade de relação entre o local e o externo, de forma a garantir sua viabilidade enquanto modelo. E essa viabilidade, quando se analisa a pecuária familiar, só é possível devido às áreas com essa atividade não terem passado pelo processo de modernização da agricultura. Isso, para o autor, é o fator fundamental para o pecuarista familiar ter estabelecido um modo de vida e de produção de alimentos concernente com os princípios de sustentabilidade.

Assim, a reprodução social do pecuarista familiar embasa-se, necessariamente, na preservação desses recursos locais como forma de sustentar sua atividade produtiva. Com isso, objetiva-se dar ênfase de que a escolha pela soja como alternativa econômica principal no rural do bioma Pampa é uma estratégia que impõe o global sobre o local. Essa opção é feita, inclusive, com suporte estatal, que financia os plantios, a juros baixos, e com isenção de tarifação em caso de exportação. A agricultura familiar, e aqui no caso, a pecuária familiar, em contraposição, pode ser compreendida como uma alternativa que se apresenta como estratégica para valorização do local.

É importante marcar essa diferença, porque mesmo as duas atividades reproduzindo relações de produção dentro do capitalismo, existe uma contraposição frontal de modelos produtivos. E aqui não se trata de atribuir valor positivo ou negativo a uma atividade ou outra, mas de evidenciar que há contradições que permeiam as discussões propostas nesta pesquisa: o avanço dos plantios de soja representa não apenas a modificação do ambiente das propriedades sojícolas, como também interfere em mecanismos externos, de reprodução social do pecuarista familiar, baseados na relação social de produção com os campos nativos do bioma Pampa. Além disso, a expansão das lavouras, na realidade empírica observada nesta pesquisa, produz a divisão da pecuária

familiar em dois grupos que, mesmo pertencentes a uma mesma categoria, percebem a relação com as lavouras de soja de maneiras distintas.

Categorias sociais como o pecuarista familiar, justamente por terem sido historicamente marginalizadas do processo de modernização da agricultura, mantiveram-se sem qualquer suporte das políticas públicas estatais (RIBEIRO, 2009). Independentemente do Estado, para que o pecuarista familiar se formasse enquanto ser e categoria social, uma série de fatores ligados às suas relações de produção foi estruturada e mantida ao longo da história, principalmente a relação social de produção com o bioma Pampa. A sustentação dessas bases que possibilitam a sua reprodução social é crucial para garantir a continuidade da atividade e do seu modo de vida.

Por mais que, enquanto produtor familiar, este ator esteja inserido nas lógicas de funcionamento do capitalismo, a reprodução social das suas relações de produção se dá por lógicas não-capitalistas, que não se traduzem em modelos transformadores do espaço. Ao contrário, toda a fundamentação da sua atividade forma-se a partir da relação de manutenção da natureza como base dos meios de produção. Isso não é mérito ou demérito, trata-se, apenas, da forma como este ator social conseguiu se constituir historicamente, em áreas que, até então, não eram de interesse pelas engrenagens da agricultura moderna.

Assim, com fundamento em diversos autores citados abaixo que se dedicaram a estudar a reprodução social dos produtores de base familiar, este estudo fez a seleção das principais estratégias de iteração do pecuarista familiar através da história. Como já dito, a principal delas é a relação de produção com o ambiente natural do bioma Pampa. Complementarmente, são analisados aspectos relativos à sucessão familiar, produção para autoconsumo e rendas não-agrícolas.

a. A relação com o Pampa

O Pampa é o ambiente formador da figura do pecuarista familiar como ele se produz e reproduz historicamente. Assim como a relação do agricultor familiar com a terra, baseada em uma diferenciada interação de afeto, respeito e carinho, conforme Castro (2015, p. 101), o pecuarista familiar tem nos campos pampianos um patrimônio muito além do valor de mercado, pois os identifica como espaço para viver, trabalhar e constituir a família. “As valorações acerca da relação de trabalho, do grupamento afetivo e da visão da terra como lar são racionalidades consideradas pelo agricultor familiar no momento de decidir, organizar e produzir”.

As plantas que naturalmente crescem no Pampa, como as gramíneas e leguminosas, tem alto potencial forrageiro e oferecem alimento gratuito aos animais ao longo do ano, de forma que a produção pecuária se torna menos onerosa e com especificidades únicas só possíveis nessa região (RIBEIRO, 2009).

Assim, o uso racional e sistemático dos recursos na natureza do Pampa é uma das principais estratégias de reprodução social do pecuarista familiar e, nesse sentido, significa uma oposição ao modelo de agricultura representado pela soja, caracterizado pelo uso de insumos externos em todo o processo produtivo, desde o preparo da área até a colheita, o que, para Octaviano (2010), representa a desvalorização dos potenciais que a biodiversidade de cada local pode proporcionar para os agroecossistemas alimentares.

Isso significa dizer que o pecuarista familiar busca manter as relações de produção que sustentam a sua atividade pecuária, garantindo o acesso aos recursos naturais, como os solos, a água e o pasto. Nesse contexto, as estratégias de reprodução social do pecuarista familiar incluem a conservação dos recursos naturais como fator de garantia da continuidade da atividade pecuária a longo prazo.

Além disso, os solos rasos e arenosos do Pampa historicamente demonstraram melhor aptidão para a atividade pecuária, em relação à agricultura, que demanda solos de horizonte mais profundo para melhor desempenho dos maquinários agrícolas e reserva hídrica (MEDAGLIA, 1973). Dessa forma, Cotrim (2003, p. 31) destaca que o ambiente biótico (plantas, animais, microrganismos) e abiótico (luz solar, água, solos) relacionam-se diretamente à reprodução social do pecuarista familiar. “Pode-se observar que o ambiente está intimamente relacionado com a reprodução social do pecuarista familiar ao mesmo tempo que este, o pecuarista familiar, influi diretamente sobre a formação e manutenção deste ambiente”.

b. Sucessão familiar

Também, o acesso à terra é um recurso fundamental para a permanência da pecuária familiar. Para isso, é preciso garantir a posse da terra para a família, mas também expandir estes recursos através das próximas gerações, formando novas propriedades familiares de produção pecuária. A sucessão familiar é a transferência da gestão da propriedade rural para a nova geração de filhos, independentemente do tipo de agricultura e pecuária que se pratica; na produção familiar, este ciclo se dá não apenas na transmissão da administração, mas de conhecimentos construídos historicamente sobre a atividade realizada pragmaticamente na terra (WANDERLEY, 1996).

Como já visto, o cerne familiar na gestão, trabalho e produção na propriedade é fator fundamental e uníssono entre os produtores de base familiar. A produção é a base para atendimento das necessidades básicas cotidianas e para a construção de um alicerce material que vá prover a família na perspectiva de continuidade do modo de vida e produção. A sucessão é, assim, também característica intrínseca às famílias produtoras rurais, e formam um dos componentes centrais da reprodução social dos pecuaristas familiares.

As atividades realizadas no âmbito da unidade familiar se dão visando atender a sobrevivência dos membros da família, mas também tem foco na composição de bases sólidas para as gerações subsequentes, conforme Wanderley (1996, p. 04): "é a expectativa de que todo investimento em recursos materiais e de trabalho despendido na unidade de produção, pela geração atual, possa vir a ser transmitido à geração seguinte".

Dessa forma, conforme a autora, variantes como a consolidação de um patrimônio de terras, a alocação do trabalho da família dentro ou fora da propriedade, a intensidade do trabalho e as formas de relação interpessoal fora da família sofrem grande influência deste objetivo de futuro, de garantir as condições para o estabelecimento das próximas gerações. "A família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes" (WANDERLEY, 1996, p. 04).

Assim, a sucessão familiar torna-se o sentido da reprodução social dos produtores familiares. Sem a continuidade geracional na mesma atividade, não há sentido para a lógica de funcionamento das propriedades familiares. Conforme, Matte *et al.* (2019), a pecuária familiar se diferencia de outras formas familiares de agricultura nesse quesito, pois é mais comum haver a transferência da gestão somente com a morte do pai pecuarista, fator desfavorável nesse processo transitório.

Para Mello *et al.* (2003), a sucessão na agricultura familiar tem a figura paterna como central. Esse processo, para os autores, tem seu momento determinado pelo pai e leva em consideração muito mais a capacidade de trabalho que o genitor ainda tem, do que as necessidades, urgências ou demandas econômicas dos filhos.

A compra de novas áreas é uma prática comum da família de pecuaristas familiares quando do aumento da família. A estratégia permite expandir o rebanho e dar mais condições de atendimento às necessidades basilares, assim como tornar mais eficiente a reprodução social. O processo de sucessão, assim como a formação de uma geração nova de produtores familiares, embasa-se, conforme Mello (2003), na produção

de novas propriedades familiares, a partir da aquisição de mais terras, que, com a capacidade de trabalho de uma nova família que se formará, fornece as bases materiais para a permanência de um modo de vida determinado.

A formação dessas novas propriedades pecuárias pode estar comprometida na medida que, na realidade observada em Bagé, a expansão das lavouras de soja tem gerado uma supervalorização do preço da terra, conforme depoimento dos pecuaristas familiares, tanto tradicionais como patronais. Outro fator adicional relatado de forma transversal por entrevistados dos dois grupos é o desinteresse das novas gerações em permanecer no campo, o que não necessariamente pode ser diretamente relacionado ao aumento dos plantios da oleaginosa.

c. Produção para autoconsumo

A diversificação da produção também é uma estratégia de garantia da sobrevivência da atividade pecuária, pois garante ao núcleo familiar a capacidade alimentar para atender as necessidades básicas, independentemente do dispêndio de recursos econômicos no mercado de alimentos, conforme Gazolla e Schneider (2007).

A produção pecuária de autoconsumo ou de subsistência (ovinos e bovinos), assim como produtos da agricultura, como feijão, abóbora, tomate, temperos, batata, mandioca, cenoura, entre outros, cumpre um papel fundamental para a autonomia parcial que as famílias de pecuaristas familiares apresentam.

Wanderley (1996) caracteriza a cultura de subsistência ou autoconsumo como atividade comum e imprescindível à reprodução social dos produtores familiares, com objetivo de atendimento das necessidades atuais da família, mas também como um dos processos que garantem a possibilidade da continuidade das gerações futuras, a partir do aprendizado transmitido sobre o cultivo da terra. Não que a produção familiar seja totalmente voltada à subsistência, mas trata-se de uma das estratégias para garantir a existência da família, de forma a possibilitar a sua continuidade ao longo do tempo.

Assim, entende-se a produção de autoconsumo como uma das principais estratégias de resistência dos produtores familiares às imposições do mercado, e representa uma proteção diante da necessidade familiar de aquisição de alimentos, além de ser uma garantia de segurança nutricional e alimentar destes atores sociais. “É a base sobre a qual se assenta, materialmente, grande parte da reprodução social e alimentar do grupo doméstico e o ponto de partida para que as unidades de produção consigam diversificar as suas estratégias de vivência” (GAZOLLA e SCHNEIDER, 2007, p. 96).

O consumo alimentar é uma condição básica da família, e sua realização em condições de segurança alimentar é termo fundamental nas estratégias de produção familiar (GAZOLLA e SCHNEIDER, 2007). Porto *et al.* (2010) também condicionam a reprodução social do pecuarista familiar à produção de autoconsumo. Para o autor, a autonomia ao mercado oriunda das criações de animais e cultivos de alimentos possibilita que este ator consiga se manter ao longo do ano com recursos mínimos.

A produção de autoconsumo torna-se a garantia e segurança que a família produtora precisa para, em primeiro lugar, avalizar a sua subsistência, sem precisar ter de despender recursos gastos no mercado de alimentos. A partir deste resguardo, o agricultor familiar pode lançar-se à diversificação de suas estratégias de vida, como atividades não-agrícolas e lazer, por exemplo, conforme Gazolla e Schneider (2007, p. 99): "sem a produção para autoconsumo fortalecida, não se geram as condições objetivas e materiais para se fazer frente a um processo de diversificação das fontes de renda e das atividades produtivas".

d. Rendas não-agrícolas

A obtenção de rendas em atividades externas à propriedade pecuária, como artesanato, prestação de serviços, aposentadorias, é outra estratégia capaz de ajudar na perpetuação das relações de produção da pecuária familiar. A renda auferida fora da atividade agrícola é uma estratégia para possibilitar o investimento dentro da propriedade familiar, de forma a potencializar os meios de produção, o atendimento das necessidades básicas da família e sua reprodução social (SCHNEIDER, 2001).

O autor caracteriza o concerto entre atividades agrícolas e não-agrícolas, dentro de uma mesma família, como pluriatividade, modelo usado pela família para garantir a sua reprodução social ou da coletividade a que pertence, e que também pode ser de caráter individual de membros isolados da família.

Conforme Porto *et al*. (2010), as atividades e rendas não-agrícolas estão presentes na vida do pecuarista familiar – 77,5% de entrevistados em estudo conduzido em Bagé relataram obter renda a partir de atividades que não a pecuária familiar, como as aposentadorias e pensões, o trabalho de aramador (conservação e construção de cercas de arame), transporte de animais, artesanato, até mesmo atividades como servidores públicos. "A diversificação das estratégias de vivência propicia um lastro mais amplo por onde se assentaria o desenvolvimento das formas familiares de produção e trabalho,

garantindo, assim, uma base diversa e multilinear de reprodução social (GAZOLLA e SCHNEIDER, 2007, p. 98).

Na pesquisa empírica realizada, as rendas não-agrícolas dos pecuaristas familiares entrevistados baseiam-se, principalmente, em aposentadorias e pensões, não sofrendo impactos da produção de soja. No entanto, pecuaristas familiares patronais, justamente por estarem mais ligados à contratação de mão-de-obra regular, relataram o inflacionamento do preço pago aos trabalhadores contratados após a expansão agrícola na região.

Assim, nota-se que o pecuarista familiar, assim como o agricultor familiar, lança mão de diversas estratégias para dar continuidade à sua iteração. Para Cotrim (2003), este ator social realiza suas atividades buscando manter e potencializar suas condições de reprodução social, de forma que as trocas com os mercados e necessidades de insumos externos tenham menos representatividade e relevância do que o uso que se faz da natureza, a partir do trabalho do núcleo da unidade familiar.

Há de se considerar que estas estratégias de reprodução social sofrem influência de condicionantes sociais, econômicos, culturais e espaciais, como afirma Schneider (2001, p 171 e 172), “essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade, que tanto é a expressão das relações materiais presentes, como daquelas herdadas de seu passado e transmitidas culturalmente”. Trata-se da ação das famílias em situações que se apresentam na realidade, mas condicionadas a todo um contexto que impõe demarcações a estas ações.

Justamente a influência de uma destas estruturas condicionantes, no caso a agricultura moderna e o capitalismo, como um modelo que ocupa o espaço e repete formas de ação, é o que este estudo buscou aprofundar, a partir da compreensão do impacto do avanço dos plantios de soja às estratégias de reprodução social dos pecuaristas familiares. Ou seja, de que forma estruturas que estão além da unidade familiar de produção pecuária podem interferir no cerne da continuidade e persistência dessas relações de produção. Estas relações serão melhor observadas a partir do próximo capítulo, que aborda a análise da percepção dos pecuaristas familiares sobre o avanço da soja no município de Bagé.

Capítulo 4

5. A SOJA DOMINA O PAMPA BAGEENSE: A VISÃO DO PECUARISTA SOBRE O AVANÇO DAS LAVOURAS

Inicia-se, agora, a análise da percepção dos pecuaristas familiares quanto aos impactos da soja à reprodução social da pecuária familiar. As entrevistas com este público foram realizadas entre os dias 07 e 26 de janeiro de 2023, e foram gravadas com o software de edição de áudio livre Audacity. Depois, foram transcritas e decupadas. Os entrevistados foram listados de Pecuarista 1 até Pecuarista 15, de acordo com a ordem de realização das entrevistas. Também, de acordo com o item contratação de mão-de-obra, foram classificados como pecuaristas familiares tradicionais (PFT, não contratam mão-de-obra) e pecuaristas familiares patronais (PFP, contratam mão-de-obra).

Enquadramento na pesquisa	Idade	Gênero	Localidade
PFP 1	59	Masculino	Tunas
PFT 2	29	Feminino	Palmas
PFP 3	51	Feminino	Palmas
PFT 4	63	Feminino	Meia Água
PFP 5	43	Masculino	Joca Tavares
PFT 6	52	Masculino	Coxilha das Flores
PFP 7	53	Masculino	Tunas
PFT 8	57	Masculino	Olhos D'água
PFT 9	36	Masculino	Joca Tavares
PFT 10	68	Masculino	Vista Alegre
PFT 11	59	Masculino	Coxilha do Haedo
PFT 12	62	Feminino	Vista Alegre
PFP 13	86	Feminino	São Luiz
PFP 14	67	Masculino	Tunas
PFP 15	37	Masculino	Palmas

Quadro 1: Pecuaristas familiares entrevistados classificados por enquadramento na pesquisa, idade, gênero e localidade.

A análise das percepções dos pecuaristas familiares foi uma etapa fundamental para o sentido desta pesquisa. Cabe destacar que a ideia central, durante a análise dessas comunicações, não estava em buscar o maior número de citações para cada possível impacto da agricultura moderna à reprodução social da pecuária familiar. Se este impacto pudesse ser notado em apenas um caso, ele é importante de ser avaliado, já que é representativo para inúmeros outros pecuaristas não entrevistados nesta pesquisa.

Cabe ressaltar que todos os pecuaristas entrevistados atuam com pecuária o ano todo nas propriedades, sem realizar arrendamento para a soja. Ou seja, os impactos (positivos ou negativos) percebidos pelo avanço dos plantios de soja, tanto por pecuaristas familiares tradicionais como patronais, referem-se aqueles que se dão de maneira estrutural, como a mudança da matriz produtiva local, assim como aqueles que transgridem os limites da propriedade sojícola, como é, por exemplo, o recorrentemente relatado caso da deriva dos agroquímicos usados nas lavouras.

Para abarcar a heterogeneidade da pecuária familiar, como apontam Porto *et al.* (2010) é preciso considerar itens como a estrutura fundiária, natureza da mão-de-obra, objetivo da produção, comercialização e rendas não-agrícolas. Assim, as entrevistas foram realizadas de forma a atender as diferenças existentes dentro da categoria, como será visto abaixo.

Estrutura fundiária (tamanho da propriedade)

No estudo foram destacados tanto pecuaristas familiares com propriedades maiores, acima de 200 hectares, como menores, abaixo de 100 hectares, além de intermediárias, entre 100 e 200 hectares, alcançando a variedade de proporções que mesmo dentro da categoria social é normal.

Abaixo de 100 hectares – 8 pecuaristas familiares;

Entre 100 e 200 hectares – 4 pecuaristas familiares;

Acima de 200 hectares – 3 pecuaristas familiares.

Natureza da mão-de-obra

Outro fator de diferenciação dentro da categoria é a contratação ou não de mão-de-obra para apoio às atividades rurais.

Contrata mão-de-obra – 7 pecuaristas familiares;

Não contrata mão-de-obra – 8 pecuaristas familiares.

- *Objetivo da produção (cria, recria ou ciclo completo)*

Outro fator de diferenciação dentro da pecuária familiar é o objetivo da produção pecuária, que pode ser dividida em diferentes fases. A cria consiste desde a fase reprodutiva até o desmame dos terneiros (bezerros), quando são comercializados. Na recria, os animais são retidos entre 15 e 18 meses até a comercialização. O ciclo completo consiste na cria, recria e engorda dos animais até o abate nos frigoríficos.

Cria – 5 pecuaristas familiares;

Recria – 1 pecuarista familiar;

Cria e recria – 6 pecuaristas familiares;

Ciclo completo – 3 pecuaristas familiares.

Comercialização

Outro fator a ser considerado é a comercialização da produção para o frigorífico ou a intermediários (corretores ou outros produtores que realizam a fase final da produção).

Vende para intermediários – 10 pecuaristas familiares;

Vende para frigoríficos – 1 pecuarista familiar;

Vende para intermediários e frigoríficos – 4 pecuaristas familiares.

Atividades não-agrícolas

O último fator é a realização ou não de atividades não-agrícolas, ou seja, trabalhos remunerados realizados fora da pecuária familiar, que é a principal finalidade das propriedades. Também se enquadram neste quesito as aposentadorias ou pensões.

Realiza atividades não-agrícolas – 8 pecuaristas familiares;

Não realiza atividades não-agrícolas – 7 pecuaristas familiares.

A partir da observação empírica sobre as lógicas de atuação e a análise da percepção dos pecuaristas familiares sobre os distintos impactos produzidos pela soja à categoria, foi possível realizar, neste estudo, a diferenciação de dois grupos dentro da pecuária familiar: os pecuaristas familiares tradicionais (PFT) e os pecuaristas familiares patronais (PFP).

Por mais que essa divisão dos grupos tenha sido realizada a partir da análise da observação empírica e com base no que preconiza Porto *et al.* (2010) sobre a heterogeneidade da pecuária familiar, Lenin (1986) já abordava essa diferenciação dentro

da produção de origem familiar, ao constatar a existência do campesinato rico, campesinato médio e o campesinato pobre.

Inicia-se essa discussão com os números atualizados pelo MapBiomas sobre o uso da terra no bioma Pampa nos últimos 37 anos. As informações são claras ao relatar a transformação ao ambiente ocasionada pela expansão das lavouras de soja. Como forma de reforçar a relevância desses números, é realizada a análise das percepções dos pecuaristas familiares sobre o papel econômico dos plantios de soja e como isso provoca a mudança na matriz produtiva de Bagé.

Depois, é realizado o confronto de percepções entre os dois grupos sobre os impactos possíveis do avanço da soja à pecuária. Nota-se, pelos pecuaristas tradicionais, a preocupação clara com a desestruturação da capacidade produtiva da atividade. Por parte dos pecuaristas patronais, há uma perspectiva de oportunidades positivas de negócios com a ascensão das lavouras. Ainda, é abordada a estratégia de uso da integração lavoura-pecuária (ILP) como alternativa à pecuária extensiva, uma das formas usadas pelo capitalismo para manter a pecuária em sistemas integrados, mas que apresenta lacunas até então não solucionadas.

Depois, realiza-se a análise das percepções dos pecuaristas especificamente sobre os impactos às estratégias de reprodução social da pecuária familiar, que consistem na relação de produção com o ambiente nativo do bioma Pampa, sucessão familiar, produção de autoconsumo e rendas não-agrícolas.

Como será melhor detalhado depois, os impactos relacionados à modificação do bioma Pampa e à sucessão familiar, com o inflacionamento do valor das terras, são percebidos de forma transversal pelos dois grupos. No entanto, impactos à produção de autoconsumo são notados pelos pecuaristas familiares tradicionais, enquanto o inflacionamento da mão-de-obra, item vinculado à obtenção de rendas não-agrícolas, é percebido pelos pecuaristas familiares patronais.

5.1 A soja e as transformações no Pampa

O Pampa, bioma que ocupa 63% do RS, tem passado por transformações na sua vegetação natural nas últimas três décadas. Com apenas 46,3% de seus campos e matas nativas preservadas, é considerado pelo MapBiomas – projeto que analisa por imagens de satélite a modificação do uso dos solos no Brasil – o ecossistema que mais sofreu alterações nos últimos 37 anos (1985 a 2021), quando se deu a maior parte da supressão dessa cobertura primária: 21,04%, ou 2,5 milhões de hectares. O principal responsável

pelas alterações no Pampa é o avanço dos plantios de soja, cujo *boom* se deu, principalmente, nas últimas duas décadas (MAPBIOMAS, 2022).

Realizado desde a década de 1940 no noroeste gaúcho, o cultivo da soja começou a avançar para os campos do Sul do Estado, no Pampa, inicialmente na década de 1970, ainda de forma incipiente, como já visto. Entre 2000 e 2015, a área plantada no Rio Grande do Sul teve incremento de 73,7%; enquanto no Pampa o aumento foi de 188,5%; no mesmo período, os campos de Bagé, tradicionalmente ocupados com pecuária de corte e arroz, registraram índices de crescimento das lavouras de soja acima da média estadual e do bioma: 191% (KUPLICH *et al*., 2018).

Principal produtor e exportador de soja do mundo, o Brasil registrou safra no ciclo 2021/2022 de 123 milhões de toneladas, mais de 1/3 do total global. Cerca de 70% desse montante foi exportado *in natura*, e o restante processado internamente. Com safra de 10 milhões de toneladas neste mesmo período, o Rio Grande do Sul é o quarto maior produtor brasileiro, atrás de Mato Grosso, Goiás e Paraná (EMBRAPA, 2022).

Commodity comercializada no mercado global, a soja é usada como matéria-prima (grão, óleo, farinha e farelo) de produtos para alimentação humana e animal, além da aplicação nas indústrias de combustível, farmacêutica, cosméticos, veterinária, adubos, tintas e plásticos. A produção brasileira da oleaginosa, realizada em monocultivo ou em sucessão, consorciação ou rotação com pecuária e florestas, está fundamentada nos princípios da agricultura moderna (EMBRAPA 2018a; EMBRAPA 2023). Esses preceitos, difundidos a partir do movimento conhecido como Revolução Verde, baseia-se em aporte tecnológico, como maquinários e insumos químicos, com objetivo de aumentar a segurança da produção e a produtividade dos diferentes cultivos agrícolas.

O perfil de agricultor explorador, que iniciou a expansão da soja no Brasil a partir do noroeste gaúcho, conforme Alves (2013), tem visto no Pampa gaúcho uma nova fronteira agrícola para expansão dos cultivos sojícolas. No entanto, como já visto, devido à quantidade de pastagens naturais, o bioma apresenta aptidão inata para a presença de animais pastadores, como os bovinos e os ovinos. Por mais que possa ser considerada vilã na Amazônia, a pecuária, especificamente nos campos pampianos, é conservacionista, se o campo nativo for bem manejado para alimentação dos rebanhos (EMBRAPA, 2018b, MAPBIOMAS, 2022).

No centro do avanço da agricultura moderna no Pampa, e especificamente em Bagé, está a figura social do pecuarista familiar. O município, localizado na região da Campanha gaúcha, na fronteira com o Uruguai, tem forte tradição pecuária, com a

presença de cerca de 400 pecuaristas familiares que desenvolvem atividades de criação de bovinos e ovinos em campo nativo do Pampa, conforme Porto *et al.* (2010).

Como já visto, um ponto crucial para compreender as estratégias de reprodução social do pecuarista familiar está na sua relação com o ambiente natural. O Pampa é a figura formadora deste ator social, por proporcionar de forma praticamente gratuita a estrutura necessária para a criação de animais. Nessa perspectiva, este ambiente relaciona-se diretamente à manutenção da pecuária familiar, que para existir e transmitir suas relações sociais tem no espaço natural um fundamento imprescindível. Daí a importância da observação das dinâmicas socioambientais existentes quando esse ambiente passa a ser modificado com o plantio de soja.

5.2 O poder econômico da soja

Como já demonstrado nesta pesquisa, a implantação de monocultivos em substituição a ambientes naturais preservados e ocupados com atividades produtivas resulta em impactos sociais e ambientais. A expansão da soja no bioma Pampa repete a trajetória que a oleaginosa e seus produtores já cumpriram na metade norte do Estado do Rio Grande do Sul, onde áreas nativas da Mata Atlântica foram modificadas juntamente com atividades históricas do tradicional pecuarista que ocupara as faixas de campos do bioma, conforme Alves (2013).

Ainda conforme o autor, o motor para essa mudança foi, prioritariamente, a atratividade de um mercado internacional da soja que se oportunizava para o Brasil, devido a produção do país ocorrer em momentos diferentes dos principais produtores mundiais. Assim, os fatores econômicos e de mercado são preponderantes também na expansão da soja para o bioma Pampa. Os pecuaristas familiares patronais destacam que a movimentação econômica da lavoura a faz ser uma atividade mais atrativa que a pecuária.

> O produtor, visando lucro, ele não tem como manter uma pecuária, se tu tem (sic) como fazer um plantio de soja, tu acaba (sic) te rendendo à plantação, porque tu vai ganhar mais e pode manter ainda um pouco da pecuária, mas com menos intensidade, talvez nos meses da entressafra da soja. Tu deixaria (sic) de fazer ciclo completo, faria só uma recria de comprar e vender. Mas acho que invariavelmente onde o campo tem vocação para o plantio de soja, a pecuária está fadada a acabar ou quase isso, é a percepção que eu tenho, que eu vejo (Informação Verbal, PFP 3).

> E a soja hoje desde que tu receba (sic) o arrendamento não tem conta que tu faça. Dez sacas de soja, por um hectare de campo por ano. É em torno de 2 mil reais, e tu não faz nada, tu fica (sic) sentado dentro de casa, só recebe.

> Tem que receber né? Se não receber é prejuízo. Contando que tu receba (sic) não tem conta que tu faça. Nem de pecuária nem de nada (Informação Verbal, PFP 7).

Foram recorrentes as observações e percepções dos pecuaristas familiares patronais entrevistados sobre a diferença entre os melhores lucros possíveis com a lavoura em relação aos obtidos através da pecuária. De acordo com diversos entrevistados, o pecuarista que hoje tem uma área apta ao plantio de soja, se determinar sua decisão pelo componente econômico, acaba optando pela lavoura e não pela pecuária.

Essa mudança ou opção pela agricultura pode se dar de algumas formas, e todas elas foram citadas durante as entrevistas:

a. Venda da propriedade ou de parte dela para um produtor de soja;
b. Arrendamento da propriedade ou de parte dela durante a estação de preparo, plantio e colheita da soja, que ocorre entre a primavera e o verão;
c. Mudança da atividade realizada na propriedade, transitando da pecuária para a lavoura de soja.

Em todas as possibilidades citadas, pode ser realizada a estratégia mais comum na região que é a integração lavoura-pecuária (ILP). Este modelo prevê a implantação da soja nas estações quentes do ano e, posteriormente, nas estações frias, há a implantação de pastagens de inverno, como aveia e azevém, para a engorda de bovinos de corte novos.

Seja pela transformação da propriedade pecuária em lavoura ou em integração lavoura-pecuária, a mudança ocorre de duas formas, uma em relação à entrada, expansão e consolidação da atividade sojícola na região, e outra em relação à forma como se faz pecuária integrada com a lavoura. A pecuária historicamente é realizada por pecuaristas que sempre usaram a propriedade exclusivamente para a pecuária, de forma extensiva, seja nas grandes fazendas ou na pecuária familiar. Mais adiante nesta pesquisa serão abordadas as nuances da integração lavoura-pecuária como uma solução inviável para a estruturação de toda o sistema pecuário de produção.

A percepção de movimentação financeira ocasionada pela soja é vista, na maioria dos casos, positivamente pelos pecuaristas familiares patronais. Em suas percepções, a atividade produz riquezas, aquece a economia, gera empregos e renda, assim como faz circular dinheiro na cidade.

Em um cenário de continuidade da demanda por soja e de instabilidade e variações no preço pago pela produção bovina, o avanço dos plantios sobre as áreas de pecuária é algo considerado inevitável, e talvez esteja acontecendo ainda lentamente, como ponderam alguns pecuaristas familiares, porque o risco de plantar em locais de "campos duros", onde tradicionalmente estão as áreas de pecuária em Bagé, ainda não é totalmente absorvido pelos lavoureiros. Ou seja, se essas áreas fossem mais aptas à agricultura, a expansão dos plantios poderia estar acontecendo de forma ainda mais acelerada.

> Sobre a soja, o avanço da soja, o plantio, eu acho que é inevitável. É inevitável pela visão monetária. O campo que tem capacidade para plantio hoje, não tem como se manter a pecuária, com os preços. É muito variável, né, é muito variável o preço (pago ao produtor por animal), o custo é muito alto para a pecuária e o lucro é muito baixo, então qualquer área de campo que tenha vocação para plantio hoje em dia é inevitável, é inevitável a soja. A soja está tomando conta. Até aqui na minha região, que é uma região de campos duros, com muito mato, onde tem condição já está entrando soja, já estão plantando soja (Informação verbal, PFP 3, grifos do autor).

5.2.1 O capital impõe a mudança da matriz produtiva de Bagé

As mudanças na matriz econômica e socioprodutiva do município de Bagé, representativa do Pampa, são realizadas fundamentalmente a partir do componente econômico. Essa transformação é corroborada pelos números que evidenciam o aumento de 191% (Kuplich *et al.*) nos plantios de soja em Bagé, no período de 2000 a 2015, e a diminuição de 30% do rebanho bovino no mesmo período.

Não existem dados disponíveis sobre a variação de propriedades pecuárias no município. No entanto, ao comparar os dois últimos censos agropecuários do IBGE, é possível perceber que os estabelecimentos com presença de pastagens naturais diminuíram de 1077 em 2006 para 979 em 2017, representando um decréscimo de cerca de 10%. Apesar de não ser uma informação precisa, há um indicativo de que as propriedades com campo nativo prioritariamente trabalham com pecuária, pois é a atividade que se apropria dos campos naturais para sua execução.

Em um primeiro momento, na visão dos pecuaristas, o plantio de soja não se relaciona à produção pecuária, por serem atividade autônomas e diferentes, mas questões como o inflacionamento de áreas para arrendamento ou compra, a deriva dos produtos químicos para as aguadas e para cultivos realizados para autoconsumo e a mudança da fauna e da flora à volta, entre outros, como será melhor explorado adiante, aparecem como

reclamações importantes e recorrentes dos pecuaristas entrevistados, tanto tradicionais como patronais.

A força dos plantios sojícolas vão, assim, minando estratégias básicas da pecuária familiar, que precisa superar essas dificuldades para continuar produzindo. A compreensão sobre como se deu a evolução do entorno das propriedades pecuárias ao longo dos últimos anos é uma percepção importante de ser analisada. Dos 15 entrevistados, 12 notaram alterações na matriz produtiva das propriedades vizinhas, passando de estabelecimentos pecuários para estabelecimentos de soja ou de integração da oleaginosa com a pecuária.

Nos relatos dos pecuaristas é possível visualizar os perfis das propriedades que revelam esta mudança: venda da propriedade pecuária para produtores de soja; arrendamento da propriedade para a soja no verão, com manutenção ou não da pecuária no inverno; e troca da atividade pecuária pela mudança do próprio pecuarista, que se transforma em lavoureiro.

O mais comum, conforme os relatos, é o pecuarista que arrenda a propriedade para a soja, recebendo um valor que gira em torno de seis a 10 sacas de soja por hectare arrendado. O valor da saca da soja foi cotado no mês de janeiro de 2023 em R$ 168,48. Assim, a percepção, de forma geral, é que a soja está substituindo a pecuária, por vezes de forma direta, quando pecuaristas arrendam ou vendem áreas somente para os plantios, ou quando diminuem a produção pecuária apenas para o período de inverno, realizando parcerias com lavoureiros que plantam a oleaginosa na estação quente do ano.

Neste ponto, para dar a dimensão do quão impactante é o avanço da soja no município de Bagé, serão apresentados os principais comentários que demonstram como está em curso essa mudança do paradigma agropecuário na região. Essa percepção é geral, com observações realizadas por pecuaristas tradicionais e patronais.

> Bem meu lindeiro era só pecuarista e agora fez integração com soja, fez uma parceria com agricultor na volta. Esse agricultor que está entrando aqui na volta acredito que já era mais de soja. E mais para frente da minha propriedade, inclusive eu trabalhei nessa propriedade, uma propriedade grande, eram pecuaristas nativos, vieram para cá só pecuária, mas hoje já estão plantando soja por conta própria (Informação Verbal, PFP 1).

"É visível e frequente o depoimento de produtores próximos que abrem mão da pecuária para arrendar campo para a soja ou até mesmo começarem a plantar" (Informação Verbal, PFT 9).

> A gente conhece várias chácaras que tem aqui na localidade que já não tem mais, arrendaram tudo para o plantio da soja, foram embora para a cidade (...). Pode haver risco sim para a pecuária, porque muitos produtores de soja, depois de retirarem a soja eles fazem a pastagem, o plantio de aveia, mas aí não colocam o gado, fazem para cama da próxima plantação, então vai diminuindo o rebanho, com certeza, vai diminuindo bastante o rebanho e aí a pecuária vai diminuindo bastante também (Informação Verbal, PFT 11).

"Vizinho aqui, lindeiro, tá (sic) com uma área que ele tem aqui já arrendada para a soja e tem um outro que não é lindeiro que também já vendeu a área e quem comprou tá (sic) plantando soja" (Informação Verbal, PFP 3).

> Quem arrendou para a soja, as terras para a soja, vendeu o gado tudo. Isso é um impacto na pecuária, diminuição de res, diminuição de produção de carne vamos dizer assim. Quem arrenda 100 hectares, por exemplo, tu arrenda (sic) para a soja, tu tinha 90 cabeças de gado, tu vende essas 90 cabeças de gado, nunca mais tu compra aquele gado de volta. Tu vai (sic) usar o dinheiro noutra coisa e dinheiro na mão faz cócegas né. Nunca mais tu vai (sic) voltar para a pecuária (Informação Verbal, PFP 7).

"Algumas pessoas de fora que estão vindo para a nossa região, mais de cima que vem, tem vindo porque relatam que não conseguem mais terras lá, então vem pela facilidade de conseguir terras aqui na nossa região" (Informação Verbal, PFT 2).

> Uns quantos mesmo aqui arrendaram seus campos, outros até venderam para a soja né. Pode até dar uma diminuída mesmo na própria criação de gado. Pessoal segue mais na soja. Gente que tinha aí 300 cabeças de gado, e todo ano mandavam terneiro para a feira, que vendiam boi gordo e vaca também para matar, então isso aí já diminui né, diminui bastante, fica mais focado na soja (Informação Verbal, PFT 6).

"Se a gente viaja, eu gosto muito de viajar, a gente vai num ônibus, numa excursão, tu vai (sic) para um lado no ônibus, tu vai (sic) voltar no mesmo lugar, tu vai vir pelo outro: é soja todo o caminho, é ida e volta. (...) Está virado tudo em soja". (Informação Verbal, PFT 4).

> Acho que tá (sic) meio violento, né, porque tomou conta. Hoje em dia a gente não tem onde botar um animal, não consegue nada, porque tá (sic) tudo tomado em soja. Gente com 15, 30 hectares, já tão entregando para a soja. Muita gente não quer trabalhar, quer o dinheiro limpo né, então vão aproveitando. Dificuldade de conseguir área é demais, né. Não se consegue. Não consegue. Tudo arrendado para a soja e outros vão comprando, e vendendo né, vai liquidando tudo também. (...). Os grandes tão tudo com soja aqui né (Informação Verbal, PFT 8).

“Tá acontecendo de arrendamento, parcerias, plantam soja e fazem parceria, e depois deixam pastagem para o produtor, tem acontecido bastante aqui na nossa zona” (Informação Verbal, PFP 1). “Um mesmo era pecuarista de ter vacas maravilhosas, vacas com bastante terneiro, ele não tem mais nada, fica tudo, tudo de soja. Ele arrendou todos os campos para a soja e faz muitos anos. Faz muitos anos que está arrendando” (Informação Verbal, PFT 4).

> Os plantios de soja têm avançado bastante na nossa região e acabam espremendo a pecuária. De uns anos para cá esse avanço nos plantios de soja, algumas áreas que quando eu era pequena assim não tinha mesmo lá nas Palmas, na nossa região, pouca soja tinha, né. Hoje em dia temos vizinhos com soja, que não tinham, que não acreditavam, hoje em dia estão plantando. Muitos fazendo a integração lavoura-pecuária e arrendam a pastagem ou arrendam a área para soja, né, os proprietários, mas, enfim, áreas que antes não tinham soja, hoje tem se visto bastante (Informação Verbal, PFT 2).

Figura 4: Imagem no município de Bagé mostra propriedades pecuárias cercadas pelos plantios de soja. Créditos: Felipe Rosa

Este termo usado por uma pecuarista familiar tradicional de que a soja está espremendo a pecuária é muito adequado, e poderia ser substituído, também, por “sufocando”. Muitos pecuaristas remanescentes relatam estar cercados por sojicultores, sem ter a capacidade de competir por novas áreas, uma vez que a disputa pelas terras para expansão da atividade geralmente é perdida pela maior oferta dos lavoureiros, muitas vezes acima do valor médio do hectare na região.

Com mercado ainda bastante aquecido, as ofertas para venda ou arrendamento do campo para soja, além da realização de parcerias agropecuárias, em que o lavoureiro usa a área no verão e entrega no inverno para o pecuarista com uma pastagem (geralmente de azevém ou aveia), são relatadas pelos pecuaristas familiares patronais como algo atrativo para capitalizar a pecuária. No entanto, essas propostas são corriqueiras para quase todos os entrevistados.

Dos 15 pecuaristas familiares entrevistados, somente um revelou já ter feito parceria para produção de soja e cinco admitiram ter interesse ou já pensaram em arrendar suas áreas para a lavoura sojícola. Todos eles estão no grupo de pecuaristas familiares patronais.

5.3 A pecuária familiar tradicional e a patronal frente a frente

Agora, coloca-se frente a frente algumas percepções dos pecuaristas familiares, de forma a evidenciar a disparidade existente nos grupos PFT e PFP. A principal diferença de percepção entre os dois grupos se dá em relação aos impactos da soja à capacidade produtiva da pecuária. Enquanto os pecuaristas patronais percebem a soja como uma oportunidade de agregar valor à atividade, através de um comércio de animais estabelecido com sojicultores que integram a atividade com a pecuária; os tradicionais tendem apenas a perceber os prejuízos relacionados à desestruturação dos sistemas pecuários de produção, como a supressão do campo nativo. Nesses aspectos, os impactos são dimensionados de maneira diametralmente oposta pelos dois grupos.

No quadro abaixo é possível ter uma visão geral sobre as percepções negativas ou positivas dos pecuaristas familiares, divididos em patronais e tradicionais, sobre o impacto da soja à capacidade produtiva da pecuária.

	Impactos positivos	**Impactos negativos**
PFT	1	7
PFP	7	0

Quadro 2: Impactos positivos e negativos à capacidade produtiva da pecuária familiar na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

É preciso fazer uma ressalva importante. Como visto no item anterior, muitos pecuaristas familiares patronais percebem que o avanço da soja pode representar risco quando tem a tendência de substituir a pecuária. No entanto, esses mesmos pecuaristas

destacam que, quando o avanço da soja se dá através da integração, as pastagens cultivadas no período frio do ano podem potencializar a pecuária.

O pecuarista familiar patronal tende a perceber os impactos positivos da soja quanto aos aspectos econômicos, que transcendem à propriedade sojícola. “O lado positivo é que agrega dinheiro, a agricultura gira muito mais rápido do que a pecuária. Antigamente essa nossa zona aqui era muito pecuária e agora com a agricultura, tem bastante soja praticamente, eu acho que gera bastante recurso” (Informação Verbal, PFP 1).

> Com o aumento da soja aqui o pessoal se capitalizou. Ou muitos que estão na pecuária, compram campo e ficam, não tem condições, não tem quem cuide, investe na soja, recebe uma renda boa porque hoje a soja mata (a pecuária em uma comparação de ganhos econômicos). Tu vai (sic) botar um gado para pastoreio dá muito menos que a soja te dá, entendeu. Mas desde uma vez que seja consorciada tem espaço para todo mundo. Ela te dá soja, depois te deixa uma pastagem, tu engorda (sic) bicho nela. (...) E a soja agrega muita coisa, dá muito emprego, desenvolve para a cidade, o dinheiro gira na cidade, muita gente trabalhando. E se tu conseguir (sic) consorciar as duas, melhor: pecuária e soja, excepcional (Informação Verbal, PFP 14, grifos do autor).

> Outra maneira que vejo a soja, o lado positivo, foi o que trouxe o arroz antigamente para outras áreas de terras baixas, aquela zona de Aceguá, Piraí, que ajudou o produtor a melhorar o campo, melhorar renda, é o que a soja está trazendo para os campos mais altos, campo mais duro. Então tu tá tendo a oportunidade, né, digamos que tu tá meio descapitalizado, tu faz (sic) uma sociedade com um sojicultor, ele vai tirar a soja que dá um retorno rápido e já te deixa uma pastagem, coisa que muitos não conseguem fazer por conta própria (Informação Verbal, PFP 1).

Por outro lado, o pecuarista familiar tradicional 10 faz uma simples divisão que delimita bem quem percebe as vantagens dos plantios de soja. Para este entrevistado, não existem relações econômicas entre o pecuarista e o lavoureiro. “É bom para o cara que planta, ganha mais dinheiro. Só que o pecuarista não ganha dinheiro, não planta, quem planta é o plantador tradicional. Pecuarista só pecuária de gado de corte” (Informação Verbal, PFT 10).

Ou seja, nessa dimensão da pecuária familiar tradicional, muitas vezes não há nem sequer o contato com a possibilidade de negócios com os lavoureiros, como é facilmente observado na pecuária familiar patronal. Isso se dá porque os grupos avaliam de forma distinta as possibilidades econômicas oriundas da soja. Enquanto para o pecuarista familiar tradicional essa expansão econômica, em geral, não gera nenhuma vantagem à sua atividade pecuária, o pecuarista patronal pode realizar intermediações ou até mesmo parcerias com os sojicultores, o que potencializa sua capacidade de geração

de valor com a pecuária instantaneamente – ainda que isso possa representar problemas à sustentabilidade da atividade baseada em campo nativo, como já dito anteriormente.

Como visto acima, para os pecuaristas patronais, a soja se torna solução econômica não apenas para os lavoureiros, mas também para capitalizar propriedades pecuárias que conseguem se associar à essa lógica de produção. "No momento que tu entra (sic) com a soja, com agricultura, se a propriedade é tua, tu também vai te capitalizar mais, vai te dar um retorno financeiro" (Informação Verbal, PFP 1).

Quanto aos riscos, o pecuarista tradicional percebe justamente que essa possibilidade de integração entre soja e pecuária é uma ameaça à atividade, por dificultar, prejudicar ou impedir processos produtivos importantes, como a substituição da atividade pecuária durante o verão, atraso nas pastagens que suprirão os rebanhos no inverno, e problemas reprodutivos decorrentes de adversidades com a nutrição dos animais.

> É um risco (à pecuária) tanto por ter que liberar essas áreas para a implementação da soja, quanto quem faz ILP fazer o atraso da colheita, que atrasa o plantio da pastagem de inverno. E ocorrendo todo esse atraso, interfere na reprodução dos animais, uma baixa nutrição, ou venda de animais magros, então tende a influenciar negativamente (Informação Verbal, PFT 2, grifos do autor).

Por outro lado, os pecuaristas familiares patronais não observam que a soja possa representar riscos especificamente à pecuária quando é possível realizar a integração das atividades através de parcerias agropecuárias.

> Acredito que risco não, eu acho que vai começar a ver essas parcerias, porque no momento que tu aumenta (sic) as áreas de soja, tu migras a tua pecuária para outras áreas, mas em compensação a hora que tu tira (sic) a soja tu volta (sic) com o campo melhorado, com uma boa pastagem, tu aumenta (sic) até tua produtividade eu acho em cima dessas pastagens. Aí depende do fator econômico, do que as pessoas tão querendo fazer (Informação Verbal, PFP 1).

> Acho até que ela (soja) está fazendo um benefício até, porque o sojicultor tira a soja, faz a pastagem ou arrenda a pastagem, e tem um giro para comprar o gado né, então eu acho, às vezes eu penso que ela tomou muito espaço da pecuária, mas ao mesmo tempo o cara depende dela (Informação Verbal, PFP 5).

Como será visto na percepção da pecuarista familiar patronal 3, abaixo, inclusive os ciclos pecuários da propriedade são organizados para atender as negociações com os sojicultores que irão receber os animais para a engorda no inverno.

> Eu não dependo da estação da soja para minha produção. Eu dependo da soja, para quando eu vou vender terneiros. Eu tenho que esperar

> que o meu comprador, que normalmente é um plantador de soja, que é quem faz essa recria para venda. Preciso que ele desocupe a área dele com soja, tenha pastagem nascida para que eu possa vender. Então, a única coisa que a soja afeta é nessa data. A data de venda que eu já me programei e as datas de venda são conforme meu comprador tenha a sua pastagem já pronta e isso depende da colheita da soja (Informação Verbal, PFP 3).

Ao enxergar a soja como uma atividade positiva, inclusive há o interesse, por parte dos pecuaristas familiares patronais, em realizar parcerias com os sojicultores, que consiste no arrendamento da área da propriedade para o plantio durante o verão.

> Tu tendo um parceiro bom de soja daqui a pouco tu consegue ficar com área de pastagem. Ela rouba o espaço do campo de pecuária, nos campos que já tão plantado, mas quem não quer receber 6 ou 8 sacos de soja por ano e ainda ficar com uma pastagem. É um negócio que até eu estou tentando fazer (Informação Verbal, PFP 7).

Assim, enquanto os pecuaristas familiares patronais inclusive cogitam introduzir a atividade sojícola na propriedade, os pecuaristas familiares tradicionais relatam não ter capacidade de implantar as lavouras, porque não contam com estrutura fundiária para isso.

> Nós aqui nunca plantamos nenhum pé de soja, até porque nem tem como, com essa quantia de terra tu fazer isso aí, porque para soja tem que ser bastante. Mas aqui os vizinhos quase todos plantam soja. Mas só tem um que é totalmente soja, os demais todos são criadores também, são pecuaristas (Informação Verbal, PFT 4).

5.3.1 Soja como limpa-campo

Esse subtítulo aborda um tema importante, que se relaciona a duas questões-chave da pesquisa – a modificação do campo nativo e o indicativo de desvalorização das terras voltadas à pecuária. Isso porque a soja é exaltada através do argumento de ser uma "limpadora" de campo. Ou seja, já que para produzir a oleaginosa é preciso modificar toda a estrutura vegetal presente na área, o cultivo do grão é, também, uma estratégia para controlar plantas indesejadas, como o capim-annoni, por exemplo.

De fato, a infestação por plantas invasoras como capim-annoni é responsável pela queda de produção e produtividade da pecuária. As alternativas disponíveis para a recuperação das áreas degradadas são caras, estimadas por Perez (2015), com valor indexado ao peso animal, em 243 quilos/ha, e envolvem o uso de herbicidas dessecantes como o glifosato.

Essa realidade, conforme Ferreira e Fillipi (2010, p. 61), é usada por interessados em endossar um discurso sobre a fragilidade econômica e inviabilidade da pecuária, assim como sobre a desvalorização monetária das terras. “Isso se tornou um argumento forte para os grupos interessados na implantação da cultura da soja. Com a depreciação do valor das terras e o apoio governamental para a oferecida alternativa, os campos foram rapidamente ocupados pela nova cultura”.

Os pecuaristas familiares patronais têm a tendência a incorporar esse discurso de que a soja pode ser útil para a substituição de plantas indesejáveis, com intuito de restabelecer a atividade pecuária nessas áreas. Por outro lado, o pecuarista tradicional percebe essa modificação como um risco à pecuária de campo nativo.

> Com certeza ela (soja) é uma alternativa para controlar o annoni e aumentar a produção. Aí sai a soja e fica uma pastagem e tu mantém uma área ocupada com o solo protegido, em compensação o campo nativo acho que não volta mais, essas espécies nativas que a gente tem aqui, né (Informação Verbal, PFP 1, grifos do autor).

“Eu acho que a soja tem uma tendência boa, agregada junto com a pecuária, por limpeza de campo, adubação e a pastagem de inverno e o gado no inverno tu coloca (sic) ali, tu tem (sic) um resultado muito bom” (Informação Verbal, PFP 15).

> Olha até que eu gosto do plantio de soja. Uma que eles adubam as terras, muitas vezes terras que eram improdutivas, eles plantam, adubam, isso aí tudo faz bem, né, para a pecuária também, eu gosto da pecuária, mas agora mesmo eu tô (sic) pretendendo plantar soja lá no meu campo, mas para endireitar o campo, porque eu me criei na pecuária e gosto da pecuária, mas para melhorar o campo a soja é muito bom (Informação Verbal, PFP 13).

“É tudo, sujo, macega, tudo, principalmente annoni, e aí o que acontece? Plantaram a soja para dar uma limpada. Tem uma distância grande aqui o cara plantou também, consorciou, e o cara entrega com pastagem para ele usar no inverno” (Informação Verbal, Pecuarista 14). “Eu tenho poucos hectares, né. Para plantar soja eu tenho que terminar com a pecuária. Pretendo plantar soja para endireitar minha terra, mas pretendo voltar para a pecuária” (Informação Verbal, PFP 13).

O argumento usado pelos pecuaristas familiares patronais é válido. A implantação da soja na estação quente do ano, seguindo critérios recomendados pela pesquisa, facilita e potencializa que, na estação fria, sejam estabelecidas pastagens de inverno para a pecuária (EMBRAPA, 2013). No entanto, como já discutido, a pecuária

nessas áreas, com a substituição do pasto natural, só poderá ser realizada sobre pastagens cultivadas, perdendo ou diminuindo o potencial forrageiro dos campos nativos do Pampa.

Além da práxis da agricultura moderna, de dominar o espaço social para assim se expandir, o argumento usado de que a soja é limpadora de campo também se mostra como uma prática de domínio do discurso, apresentando-se a lavoura como superior não apenas em relação a questões econômicas, como também mais adequada para a realidade do Pampa.

5.3.2 Integração lavoura-pecuária como solução incompleta

Um fator que poderia solucionar a questão, unindo as duas atividades seria a condução da propriedade a partir da lógica de integração entre a lavoura e a pecuária, muitas vezes citada, principalmente pelos pecuaristas familiares patronais. A integração lavoura-pecuária (ILP) ou integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) prevê o uso da propriedade com diferentes sistemas produtivos, trabalhando a agricultura, pecuária e floresta em sucessão, consorciação ou rotação de culturas (EMBRAPA, 2023).

Na visão do pecuarista familiar patronal, o pecuarista que consiga fazer a integração pode ter incrementos econômicos decorrentes da soja e também das pastagens preparadas posteriormente para o período frio do ano.

> Quem tem área que conseguir consorciar eu acho que é um valor bem positivo financeiramente, e não vejo grandes males por isso, porque para ti (sic) plantar soja tu agrega (sic) muita coisa no teu solo. Teus campos sempre ficam uns campos de primeira. Nas áreas aqui que eram sujas que plantaram soja tão um espetáculo, os que eu conheço, entendeu (Informação Verbal, PFP 14).

Neste subtítulo, mostra-se que este modelo produtivo, proposto como solução para manutenção da pecuária, se apresenta como incompleto para criação de bovinos. A partir da observação dos pecuaristas familiares, os sistemas que operam nessa linha no município de Bagé estão focados prioritariamente na lavoura, e, depois do período da colheita, são realizadas pastagens de inverno para proteção ao solo e formação de palhada que podem, ou não, ser ocupadas com a pecuária.

> Existe uma integração com a pecuária, mas bem menos. Outros usam ela como uma pastagem depois da colheita e tem também aqueles que só colocam animais para pastoreio quando tiram a soja, que fica o azevém, porque o azevém é plantado, que é a maior judiaria do mundo que eu acho, que eles plantam o azevém para fazer cama para a soja, o azevém tá quase em extinção já. Porque quando chega a soja ele tá verde, aí eles dessecam tudo e plantam a

> soja e não colhem o azevém. É a maior judiaria, porque o azevém é caro e tá acontecendo isso (Informação Verbal, PFT 4).

As declarações demonstram que a formação das pastagens nem sempre se relaciona ao objetivo de fazer pecuária. Muitas vezes serve apenas como uma etapa anterior à produção da soja, evidenciando que a fase pecuária não é compreendida como importante para a potencialização do sistema, mas somente como uma possibilidade de melhorar as condições para o plantio da oleaginosa no ano subsequente.

Ainda assim, à primeira vista, o sistema de integração da lavoura com a pecuária poderia ser uma estratégia para manter e potencializar as duas atividades nas condições do bioma Pampa. Inclusive, a integração entre as atividades é usada como argumento por alguns pecuaristas familiares patronais que são favoráveis à expansão da soja na região como alternativa possível para manutenção da pecuária. No entanto, duas questões centrais surgem para discussão quando são analisadas e confrontadas outras percepções:

a. Impossibilidade do ciclo completo da pecuária;
b. Pecuária baseada somente em pastagens cultivadas.

No verão, as propriedades sojícolas são predominantemente ocupadas com a lavoura, e isso impossibilita que se faça o ciclo completo na pecuária, ou seja, que as vacas matrizes deem continuidade ao ciclo de produção e reprodução pecuária, com o nascimento de novos animais. Quando o fazem, os produtores de soja têm trabalhado com a pecuária somente no inverno. A prática consiste em usar a área com soja no verão e depois plantar pastagens de azevém e/ou aveia no inverno, para aportar animais jovens para engordar. Após esse período da estação fria, o produtor precisa esvaziar o campo para iniciar um novo ciclo agrícola. Essa realidade impõe um fator de risco à pecuária, que é o abate de todos os animais presentes na propriedade, inclusive as fêmeas, que poderiam se tornar vacas matrizes. Ou seja, o ciclo produtivo da pecuária é interrompido. Isso pode ser bem captado nas percepções dos produtores.

E aqui cabe ressaltar que parte dos pecuaristas familiares patronais tem visões semelhantes às percepções dos pecuaristas familiares tradicionais:

> Na pecuária vou te dizer, como te falei, cada ano vai diminuindo, cada ano diminui mais. Por quê? Porque eles colocam tudo ali, quando tem a resteva da soja como eles dizem né, aí eles conseguem os animais, eles compram os animais para colocar ali, mas quando chega na época de plantar

> de novo, eles têm que tirar aquele animal da terra, aí o que eles fazem? Eles vendem. Tudo. Fêmea, macho, tudo. E aí o que vai acontecer? As matrizes vão acabar. Um dia elas vão acabar, porque as vacas duram, vou te colocar, 10, 15 anos. Nesses 10, 15 anos vamos dizer que elas dessem 10 crias, mas elas vão acabar, porque se acabar vendendo a fêmea, o que vai acontecer? Porque aqui a gente faz assim, a gente vende as vacas velhas e os terneiros machos. Fica sempre com as matrizes, para procriar sempre. A gente nunca compra nenhum animal. A gente só vende as vacas que não servem mais e os terneiros machos, só que eles vendem tudo, a fêmea e os machos, e cadê as matrizes? (...) O que eles fazem? Eles têm que sumir com aquele gado, aí o outro ano, vem de novo, outros terneiros. Só que daí aqueles terneiros, daqui seis meses, para plantar de novo, tem que vender de novo. Aí vai tudo de novo. Aí vai um ponto que eu não sei até quantos anos vai aguentar, que já diminuiu muito, porque era assim, por exemplo, bordava de animais da terra em seguida que pegaram a plantar soja. Agora a gente vê cada vez menos na resteva da soja. Cada vez menos. Por quê? Porque está terminando (Informação Verbal, PFT 4).

> O gado de cria é o que sustenta a pecuária, para tu ter boi, terneira, novilha, vaca, tu precisa (sic) do gado de cria, tu precisa das vacas de cria. E para tu ter vaca de cria, tu não tem (sic) como ter soja. Porque a vaca de cria é um ciclo anual inteiro. Ela vai dar cria, vai ter a recria e vai seguir assim sucessivamente, tem que ter o campo para ter isso. E as pessoas (plantadores de soja no pós-safra) estavam se preocupando muito em só comprar terneiro, terneira, usavam no pastoreio de inverno da soja, no final quando entrava o verão para plantar a soja vendia aquele gado para o frigorífico, metia agricultura da soja e depois saía atrás de terneiro, isso daí foi escasseando, ficando escasso, entendeu, então, por quê? Acontece que eles tavam matando a vaca, a novilha e o terneiro, então cada vez tava ficando menos matriz para gerar mais gado, mais animais, para poder seguir a cadeia da carne, né. Isso daí teve um impacto muito grande, até acho que pelo que eu vi, pelos estudos que eu acompanhei que isso aí teve muita (influência) no aumento do valor do gado e do valor comercial da carne. (...) Teve muita gente trocando para a soja e muita gente agregando a soja junto com a pecuária. Só que a soja junto com a pecuária tu não tem como botar o gado de cria (Informação Verbal, PFP 15, grifos do autor).

Outra questão ponderada pelos pecuaristas familiares diz respeito à imprevisibilidade da agricultura. Invariavelmente a colheita da soja pode ser realizada em momentos diferentes (mais cedo ou mais tarde) em cada sistema produtivo. Assim, o plantio das pastagens forrageiras de inverno também pode sofrer com essas incertezas de data ao longo dos ciclos produtivos, e isso impacta diretamente na forma como se gere a compra e venda de animais nas relações entre lavoureiros e pecuaristas.

> Afeta a produção pecuária porque, além da integração lavoura-pecuária, existe a questão do atraso da colheita nas safras. Então, acontece de preparar os animais e não conseguir colocar naquela pastagem. Ou então quando for plantar, já tem o período muito curto para pastagem de inverno, então pouco os animais conseguem retirar daquela pastagem, fica pouco aproveitada, digamos assim, a pastagem, então acredito que a pecuária é afetada negativamente (Informação Verbal, PFT 2).

> É até tem um rapaz aqui consorciado, botam lavoura para depois botar gado na lavoura, mas eu vou te dizer assim tchê, eu acho muito mandraque essa pastagem de soja aí, porque quando tu vais ficar em condição de usar, que na nossa região aqui o azevém vai ficar bom a partir de setembro,

> agosto, setembro, outubro, aí os caras tem que tirar pros caras fazer lavoura, aí depois lá no fazer a pastagem, se tu não bota ela de avião, conforme for a condição do tempo, se tu botar por avião ainda vem mais cedo, mas os caras não botam porque é cara, aí os caras tem que colher a soja, às vezes tá chovendo, aí não pode entrar, em que espera secar, aí atrasa a pastagem. Então não vejo ser uma pastagem boa. Tu tem (sic) uma pastagem, mas não uma pastagem boa de tu usar. Eu não acho que seja um baita negócio, pelas pastagens que eu vejo de soja. A janela fica muito curta, às vezes para tu usar, às vezes tu planta tarde, os às vezes tu não tem por chuva, por várias questões climáticas, tu não consegue (sic) usar bem, como se tu fosse fazer uma pastagem para usar né, que aí tu usa seis meses ela tranquilamente (Informação Verbal, PFP 5).

Mesmo que exista o interesse do lavoureiro em consorciar a soja com a pecuária, a capacidade de suporte de número de animais não é a mesma de uma propriedade exclusivamente pecuária, o que resulta em diminuição da população bovina nas propriedades que integram as duas atividades.

> Como tu planta soja, tu não tem (sic) como manter a mesma quantidade de animais por área como antes tu botava (sic), porque tu tem um período curto para ter aqueles animais de engorda, então por isso que, acredito eu, o terneiro esteja se valorizando tanto, porque tu compra os terneiros para engorda e até vender esses terneiros para terceiros, então alguma coisa tá influenciando (Informação Verbal, PFT 12).

> O tempo que tu está (sic) usando para plantar a soja, tu não está (sic) usando para ter o gado. Quando tu for (sic) disponibilizar essa área para o gado tu vai (sic) ter que ou comprar gado ou vai ter que ter uma área onde o gado vai ficar à espera da pastagem que vai entrar pós-soja, e normalmente tu não tem uma área que comporte o número de cabeças que teu campo teria, então é certo que diminui a atividade pecuária, até em função do preço, da rentabilidade que eu creio que a soja traga mais rentabilidade (Informação Verbal, PFP 3).

O segundo fator observado pelos pecuaristas familiares em relação à integração lavoura-pecuária diz respeito à modificação da forma que historicamente se faz a pecuária no Pampa. Com o ingresso da soja, perde-se o campo nativo, e a atividade fica obrigada a ser trabalhada apenas com pastagens cultivadas. Ou seja, um bioma de pastagens naturais únicas, diferenciadas, criador da figura cultural do gaúcho, passa a ser um espaço homogeneizado, ou pela soja, ou por pastagens cultivadas.

A pecuária que hoje pode ser realizada de maneira natural e sustentável, como se comprova o ciclo de mais de três séculos de manutenção do bioma após introdução dos bovinos no século XVII pelos jesuítas, pode se tornar uma pecuária com pasto somente plantado, em um processo de modificação das características do bioma, subjugando a pecuária local ao mesmo status de pecuárias consideradas predatórias, como as que ocorrem em outras regiões do país.

> O negócio da aplicação de produtos químicos que precisa para uma lavoura de soja vai acabando não vindo mais o pasto que vinha no bioma Pampa, vai se terminando e aí acaba só tendo que fazer pastagem, não vem mais aquele pasto, o pasto natural que tinha (Informação Verbal, PFT 11).

A questão muitas vezes não posta é justamente essa, de que a transformação de um espaço de vegetação nativa, primária, para o plantio de monoculturas, prejudica sobremaneira que a atividade anterior, a pecuária em campo nativo, retorne com a mesma capacidade de suporte dos animais. Isso porque, ainda que o solo mantenha o banco de sementes de plantas nativas, o campo secundário não tem a mesma riqueza que o campo primário.

5.4 A percepção dos pecuaristas sobre os impactos da soja à sua reprodução social

A partir de agora, busca-se melhor aprofundar os impactos que a agricultura moderna, representada pelos plantios de soja, têm sobre as principais estratégias de reprodução social do pecuarista familiar. A partir da percepção destes atores sociais, foram analisadas as quatro estratégias de reprodução social listadas abaixo:

- A relação com o bioma Pampa;
- A sucessão familiar;
- A produção para autoconsumo;
- As atividades não-agrícolas.

Inicialmente, destaca-se uma abordagem ampla, realizada pelo pecuarista familiar tradicional 9, que resume uma série de fatores problemáticos relacionados aos plantios de soja em sua percepção. A avaliação toca em diversos pontos que serão trabalhados posteriormente como impactos às estratégias de reprodução social do pecuarista familiar: o aumento de uso e riscos dos produtos químicos na agricultura, mudança da paisagem natural do Pampa, mudança da matriz produtiva e impactos nos plantios de autoconsumo da pecuária familiar. Ou seja, na avaliação deste produtor, a soja é capaz de interferir em diversos pontos cruciais para a manutenção das relações de produção da pecuária familiar.

> O avanço dos plantios de soja no entorno da minha propriedade é crescente. De maneira que áreas maiores onde se tinha produção pecuária e grandes estruturas para manejo da atividade acabaram sendo deixadas de lado.

> Vejo como preocupante pela questão da proximidade com famílias que residem no entorno das plantações, devido a necessidade de utilização de agrotóxicos. Principalmente falando sobre a pecuária familiar, onde os integrantes da família produzem para autoconsumo, supostamente as aguadas já não possuem a pureza de tempos atrás, assim como os pomares presentes nestas pequenas propriedades podem também serem (sic) atingidos devido a produtos utilizados no entorno (Informação verbal, PFT 9).

5.4.1 A homogeneização dos campos e o impacto da soja na biodiversidade do Pampa

Como já visto, a transformação ambiental provocada pela soja é a transformação de um ambiente naturalmente adaptado à criação de gado. O Pampa tem sofrido modificações já relatadas pelos estudos do MapBiomas (2022), que considera este bioma como o mais alterado entre os brasileiros nos últimos 37 anos, proporcionalmente. Boa parte dessa alteração deve-se à implantação da monocultura da soja, uma cultura exógena que suprime um conjunto de vegetações naturais que historicamente evoluíram nos seus locais de origem e que, por suas características de savana, tiveram interação positiva com animais pastadores, como os bovinos e ovinos (RIBEIRO, 2009).

No quadro abaixo é possível ter uma visão geral sobre as percepções dos pecuaristas familiares, divididos em patronais e tradicionais, sobre o impacto da soja ao ambiente natural do bioma Pampa.

	Não nota impactos ao Pampa	**Nota impactos negativos**
PFT	2	6
PFP	1	6

Quadro 3: Impactos da soja ao ambiente natural do Pampa na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

Conforme Medaglia (1973, p. 46) os solos do município de Bagé, em sua grande maioria, são rasos e arenosos, com espessura entre menos de 30 a 50 cm. “Na maior parte dos campos limpos, próprios para a criação, os subsolos impermeáveis acham-se bem perto da superfície, a menos de 30 cm”. Conforme o autor, essas são condições naturalmente desfavoráveis à agricultura moderna, pela dificuldade de uso dos maquinários, mas também por possibilitar menor reserva hídrica para os cultivos. Além disso, os solos de condição arenosa não são propícios às culturas anuais como a soja, sendo mais adequados às plantas perenes, como basicamente é formado o campo nativo do Pampa.

Com recorrentes períodos de seca, o município de Bagé é conhecido por ter atravessado momentos complexos de falta de água na cidade e também no campo. Como ocorre na presente safra 2022/2023, a estiagem tem prejudicado os plantios de soja na região, como é de conhecimento através da repercussão que o problema teve na imprensa nos últimos meses.

Figura 5: Soja prejudicada pela estiagem no município de Bagé em janeiro de 2023. Créditos: Felipe Rosa

Ou seja, historicamente a pecuária tem se mostrado uma atividade resiliente a estas inconstâncias ambientais e climáticas. No entanto, a partir de técnicas da agricultura moderna que permitem a homogeneização de diferentes áreas, os sojicultores ainda conseguem expandir os plantios, utilizando os insumos externos como forma de potencializar a produção, mas também de minimizar os riscos e problemas supracitados.

> Os campos nativos que restam estão praticamente restritos aos locais onde o solo é raso, pedregoso ou muito úmido, ou ainda, onde o relevo é muito ondulado, o que dificulta a implantação de lavouras. Entretanto, novas tecnologias de produção agronômica e a biotecnologia vêm permitindo transpor estes obstáculos (VÉLEZ-MARTIN, 2015, p. 125).

Carvalho *et al.* (2014, p. 4021) ao observar as dinâmicas socioprodutivas existentes na região do Alto Camaquã, na Serra do Sudeste gaúcha, atribui a preservação ambiental do local à presença histórica dos pecuaristas familiares, com a atividade

pecuária prestando uma série de serviços ambientais à biodiversidade do Pampa, como "a ciclagem de nutrientes, produção e conservação de solos, infiltração da água no solo, captação de carbono da atmosfera, presença de polinizadores, entre tantos outros benefícios".

Assim como acontece a preservação dos ecossistemas campestres no Alto Camaquã, a região também se caracteriza pela conservação da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã e dos seus afluentes. Conforme Carvalho *et al.* (2014), isso se deve aos conhecimentos herdados ao longo dos anos pelos pecuaristas familiares, nesse processo coevolucionário do ambiente e do componente humano, formando, assim, uma racionalidade ecológica voltada à preservação ambiental.

Na análise da percepção dos pecuaristas familiares foi notada uma preocupação de forma geral com os impactos da soja ao ambiente natural do bioma Pampa, tanto por pecuaristas familiares tradicionais como por pecuaristas familiares patronais.

Foram mencionados pelos pecuaristas ao menos cinco fatores que estão diretamente relacionados à modificação do Pampa e que interferem não apenas na propriedade sojícola, mas relacionam-se a desbalanços ao ambiente natural, que podem prejudicar uma grande diversidade de modais ecossistêmicos que se construíram através de séculos de convivência positiva entre a atividade pecuária e o bioma. São eles:

a. Impacto da deriva dos produtos químicos usados nos plantios de soja nos recursos hídricos

Como no caso do território do Alto Camaquã, em que o rio Camaquã é fonte para abastecimento das propriedades familiares, tanto para as pessoas como para os animais, os recursos hídricos nas demais localidades de Bagé onde encontram-se os pecuaristas familiares são fundamentais para a manutenção desses produtores no campo e para sua reprodução social.

Conforme Carvalho *et al.* (2014, p. 4021), a manutenção da Bacia do Rio Camaquã ocorre por concertos entre características culturais e o arranjo socioeconômico baseado na pecuária familiar. "A agricultura e silvicultura depende da supressão completa ou parcial dos campos sulinos, a pecuária familiar não. A vocação econômica verdadeiramente sustentável da região pampiana são as atividades pastoris".

Não por acaso, a preocupação com a deriva de produtos químicos das lavouras e contaminação das aguadas é recorrente nas observações realizadas pelos produtores durante as entrevistas.

> A maioria das lavouras que eu sei aqui, o pessoal não tira licença, porque pela licença, elas não teriam...na minha região mesmo, que é cheia de sanga, cheia de campo dobrado, pelo que eu vi meu vizinho aqui para fazer por licença, essas lavouras que eu vejo aqui perto de casa, essas lavouras não têm licença, porque eles plantam tudo, então de repente pode mexer na beira de sanga, alguma coisa pode ir mudando (Informação Verbal, PFP 5).

Conforme os pecuaristas, não há preocupação dos sojicultores em regularizar os plantios realizados em áreas de potencial contaminação dos recursos hídricos. A licença ambiental junto à Fepam/RS (Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler) é uma obrigação nessas circunstâncias. Por outro lado, há a percepção de negligência em relação à fiscalização desses plantios, uma vez que o descumprimento das leis ambientais é recorrente e, mesmo assim, continuam a acontecer sucessivamente nas safras seguintes. "É preocupante também a falta de fiscalização em lavouras muito próximas a banhados ou até mesmo em barragens de fornecimento de água para a cidade" (Informação Verbal, PFT 9).

A alteração dos sistemas hídricos tem reflexo, também, em espécies da flora e da fauna que habitam esses ambientes. "Muitas pessoas alteraram o relevo superficial para plantação de soja, alteraram os mananciais, então ocorreu uma grande alteração tanto da fauna quanto da flora" (Informação Verbal, PFT 2). "Acho ruim pelo que se usa de insumos ali que isso aí desagua em sangas, no campo em geral" (Informação Verbal, PFP 15). "E a soja, isso vai parar tudo dentro das águas, né. O dessecante vai para dentro da sanga, vai para dentro do arroio, o herbicida, isso vai tudo para lá" (Informação Verbal, PFP 7).

> Quando é muito defensivo, quando se desseca muito, muito defensivo para a lagarta e para essas coisas, fica muito defensivo para o lençol freático, entendeu, vai para as aguadas dos animais. E aqui na nossa região das Palmas ela é muito natural ainda tudo, é muito intocável de agricultura, de defensivo, de remédio (Informação Verbal, PFP 15).

Figura 6: Imagem mostra o arroio Bagé, um dos principais cursos de água do município, cercado por lavouras de soja. Créditos: Felipe Rosa.

Os terrenos fluviais, conforme a Constituição Federal de 1988, são de domínio público, da União ou dos Estados. A deriva dos agroquímicos da lavoura para estes recursos hídricos é um exemplo claro de como a apropriação do espaço social pela agricultura moderna interfere em dinâmicas muito além da propriedade privada sojícola. Contaminar a água, como se nota na percepção dos pecuaristas familiares, significa prejudicar um dos manejos mais corriqueiros e indispensáveis da propriedade pecuária, que é a dessedentação animal.

b. Impacto dos plantios de soja na morte e modificações da fauna típica do bioma Pampa

Outro ponto bastante observado pelos pecuaristas familiares é a mudança na fauna típica do bioma Pampa desde que foram intensificados os plantios de soja no município de Bagé. Também foram consideradas pelos entrevistados as alterações nas localidades onde foram instauradas florestas de eucalipto e acácia (silvicultura).

Duas situações principais são relatadas. A primeira, a ausência de animais que antes eram muito comuns. Quero-quero, perdiz, sorro, mulita, lebre e ema foram alguns

dos animais lembrados pelos pecuaristas familiares, que tiveram uma diminuição de ocorrência.

> Acho que onde começaram a plantar soja, aqueles animais silvestres que a gente costumava ver, agora é uma raridade. Era sorro, era mulita, tatu, essas coisas assim nem se vê mais, lebre. (...) Eles botam esses produtos químicos, que termina matando os animais, porque some. Acho que seja pelo plantio da soja, não sei. Até por sinal, eu pretendo plantar soja lá nos nossos campos, mas assim, defender a parte que tem água, para esses produtos químicos que eles botam não atingir as águas, principalmente que tem uma área lá que a gente usa água lá para limpeza, chuveiro, essa coisa assim (Informação Verbal, PFP 13).

> Os pássaros também a gente nota uma redução, além disso por falta de fiscalização acontece bastante de matar os animais que eles consideram prejudiciais à plantação de soja, como as emas, as lebres, então acontece, infelizmente acontece isso. (...) Há alteração do habitat deles, como eu falei, as fontes de água são alteradas, algumas eles passam e nivelam tudo, as árvores, algumas são retiradas (Informação Verbal, PFT 2).

> Em função de dessecantes, veneno, herbicidas, inseticidas, quanta coisa mais. Não só como a soja, como essa silvicultura que existia. Os matos que tão cortando aí, o que isso matou de bicho, de animais silvestres com veneno de formiga, veneno para isso, veneno para aquilo. Isso matou bastante também (Informação Verbal, PFT 7).

A segunda situação relatada é o aumento de animais silvestres nas áreas de campo nativo das propriedades de pecuaristas familiares. A percepção, neste caso, é que estes animais buscam áreas ainda preservadas como um refúgio.

> Obviamente o plantio da soja vai alterar o bioma Pampa, sim, já alterou muito, né. Toda a diversidade, a fauna e a flora, já está sentindo e creio que vai ser penoso, principalmente a fauna, porque os animais acabam perdendo bastante os alimentos que eles tinham. Eu falo da minha região, né, a minha região é uma região extremamente preservada. Eu tô na bacia do rio Camaquã aqui, e nós temos uma preservação muito grande. (...) Eu noto o aparecimento de muitos animais aqui que antes eu não via. A impressão que eu tenho é que parece que eles estão migrando para uma área que ainda tem (campo nativo), que ainda está preservada (Informação Verbal, PFP 3, grifos do autor).

> Atribuo essas mudanças aos grandes espaços plantados que não possuem áreas de refúgios para os animais, seja árvores ou mato, e até mesmo animais rasteiros que tem por costume explorarem a terra com pastos naturais. Atribuo a mudança drástica da característica do solo, não sendo mais atrativo para certos tipos de animais (Informação Verbal, PFT 9).

De forma geral, a percepção dos pecuaristas familiares sobre a modificação da fauna também se relaciona ao uso intensivo de produtos químicos, que podem matar ou afastar os animais dos seus habitats de origem. Além disso, a implantação do monocultivo de soja, e a consequente alteração da paisagem natural, que contempla não apenas o

campo, mas também árvores e cursos de água, é responsável por impactos diretos ao bem-estar desses animais.

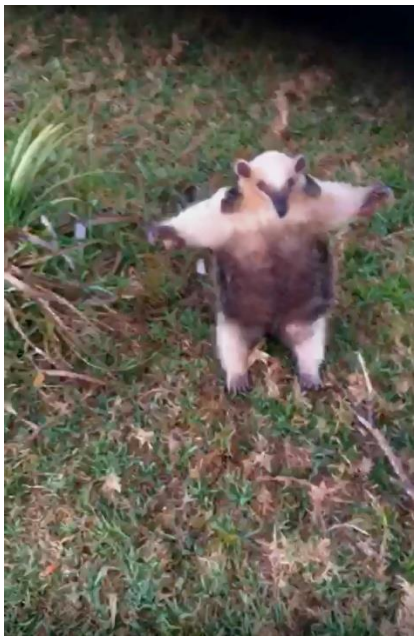

Figura 7: Imagem de um tamanduá em área de campo nativo na localidade de Palmas. Créditos: arquivo pessoal (PFP 15).

É preciso considerar, ainda, os relatos e observações de morte de enxames de abelhas criadas para a produção de mel. Optou-se por abordar este tópico nos impactos dos plantios de soja na estratégia de reprodução social relacionada à produção para autoconsumo.

Os relatados aumentos da presença ou desaparecimento dos animais antigamente vistos normalmente pelos pecuaristas familiares é um indicativo dos desbalanços ecossistêmicos provocados pela alteração do ambiente natural no processo de produção do espaço social. Muitas vezes a modificação do campo, por ser uma vegetação rasteira, não causa tanta mobilização quando a destruição de uma alta e densa floresta, como a amazônica, por exemplo. No entanto, os ambientes campestres são, também, abrigos para uma grande diversidade de vida silvestre.

c. Impacto da deriva dos produtos químicos na diversidade de campos do bioma Pampa

Além do impacto que a própria implantação da monocultura da soja, em substituição à diversidade de espécies de plantas do bioma, já provoca, os pecuaristas

familiares notam, também, impacto da deriva dos produtos químicos nos campos nativos do bioma Pampa.

A supressão do campo nativo do Pampa é a supressão da principal fonte de alimentação dos animais criados pelos pecuaristas familiares. Então, essa situação representa não apenas um dano ambiental, mas um dano direto à base da atividade econômica destes produtores.

> O negócio da aplicação de produtos químicos que precisa para uma lavoura de soja vai acabando não vindo mais o pasto que vinha no bioma Pampa, vai se terminando e aí acaba só tendo que fazer pastagem, não vem mais aquele pasto, o pasto natural que tinha né, é bem assim (Informação Verbal, PFT 11).

A observação da pecuarista 11 trata sobre um dos principais impactos da substituição dos ambientes nativos. Por mais que exista algum banco de sementes das plantas originárias no solo, não é possível regenerar uma área primária com a mesma riqueza e características iniciais. Assim, a supressão do campo nativo e substituição por culturas exógenas, como a soja, tem potencial não apenas de suprimir o bioma e a biodiversidade, mas de condenar a área modificada a nunca mais ter a mesma vegetação e, no caso do Pampa, só poder se restabelecer a pecuária sobre pastagens cultivadas.

> A deriva prejudica, eu tenho um lavoureiro que é lindeiro de arame comigo. Este ano não aconteceu, em 2022 não aconteceu, mas 2021 aconteceu. Eles aplicaram o dessecante, em dia de vento, e queimou; ele dessecou a área dele e uns 20 metros do arame a minha. Claro, a deriva, era campo nativo, mas pegou. Coisa que eu não tenho que ver. E assim como acontece comigo acontece com muita gente (Informação Verbal, PFP 7).

A partir do momento em que se modifica o campo nativo do bioma Pampa existe a interferência direta à principal relação de produção do pecuarista familiar. Uma área que apenas será possível produzir a pecuária através do plantio de plantas forrageiras descaracteriza totalmente a pecuária familiar, inviabilizando a reprodução do modelo produtivo baseado nos campos nativos, que construiu historicamente a figura do pecuarista familiar.

Como ainda existem pecuaristas resistentes à expansão agrícola na região, pode-se considerar que o campo nativo nas propriedades pecuárias ainda se mantém. No entanto, como já descrito neste estudo, a demanda internacional pela soja obriga um movimento de sucessivas aberturas de novas áreas, de produção do espaço social, que

exponencialmente tem potencial de, cada vez mais, modificar ambientes naturais nas propriedades sojícolas e também fora delas, como os casos relatados pelos entrevistados.

Figura 8: Plantio de soja em diferentes áreas no Distrito de Palmas, uma das localidades mais preservadas do município de Bagé e tradicionalmente ocupada pela pecuária familiar. Créditos: Felipe Rosa.

d. Impacto dos plantios de soja no aumento da presença de pragas e plantas invasoras, como o javali e o capim-annoni

Os relatos dos pecuaristas familiares apontam para o aumento de pragas e plantas invasoras após a expansão dos plantios de soja e a silvicultura no interior do município de Bagé. Um desses problemas é o javali, animal exógeno que se proliferou no Pampa nos últimos anos, e que tem nos plantios de soja uma das fontes de alimentação.

> Além disso, a quantidade de soja, o aumento das áreas de soja é um chamariz para o aumento de pragas como o javali, e nós temos essas espécies exóticas, então a gente notou um aumento dos javalis na região, bem próximo às plantações de soja (Informação verbal, PFT 2).

> Só nessa propriedade das Tunas nós tínhamos 1100 hectares de mato de eucalipto, do lado. É o esconderijo ideal para o porco, né, para o javali. E a soja é um atrativo. Porque tu imaginas...1000 hectares de mato de um lado e 200 hectares de soja do outro. Eles moram no mato e se alimentam da soja. Não tem coisa melhor né? (Informação verbal, PFP 7).

Outro problema relatado pelos pecuaristas é a proliferação de plantas invasoras, como o capim-annoni, considerado uma das mais importantes plantas daninhas do Sul do Brasil. Conforme a Embrapa (2018b), a planta de origem africana, introduzida de forma acidental no país na década de 1950, é resistente a condições climáticas adversas, se alastra com facilidade por sua rusticidade e grande produção de sementes e compete melhor por luz e nutrientes em relação às plantas nativas, e acaba, se não controlada, substituindo totalmente a biodiversidade dos campos naturais do Pampa; além disso, a invasora tem baixa qualidade nutricional e, quando consumida, por ser muito fibrosa, pode ferir a gengiva dos animais, prejudicando a produtividade dos rebanhos.

Ferreira e Fillipi (2010) explicam que a invasão biológica, como o caso do capim-annoni, é um dos motivos para a supressão da biodiversidade, repercutindo negativamente em questões econômicas, ambientais e sociais. Velez-Martin (2015) explica que a infestação do capim-annoni pode estar associada ao aumento dos plantios de soja porque a expansão agrícola provoca o crescimento da circulação e a intensificação de atividades na zona rural. Conforme a Embrapa (2018b), cada planta de capim-annoni pode produzir até 80 mil sementes por ano, que se alastram involuntariamente de diversas formas, como nos pneus de veículos e maquinários agrícolas.

> Com certeza, onde tem annoni ele é totalmente dominante, aí tu perde (sic) campo nativo, perde a carqueja, perde a macega, a estaladeira que tem na zona aqui; então o annoni vai tomando conta. E a soja também, no momento que tu planta a soja, usa o dessecante, ela fica dominante, ou tu tem (sic) soja ou tu tem (sic) pastagem depois (Informação Verbal, PFP 1).

"Não só a fauna como a flora alterou. Nós temos a entrada aqui do annoni que tomou conta da região, né. Começou pelas estradas, agora já tem muitas áreas de campos aqui que já entrou bastante annoni" (Informação Verbal, PFP 3). "Acho que com a expansão da soja, aqui na nossa área, vem muito annoni junto, não tinha entendeu, nessas áreas agrícolas que teve aqui" (Informação Verbal, PFP 15).

> Com essa seca o annoni é mais resistente para seca, porque o pasto nativo já foi todo. Agora é annoni só que tem, a não ser a pastagem que a gente faz né. Eu fiz lá, mas a pastagem com essa seca também tá (sic) baixinha, nem consegui botar bicho nenhum, tô (sic) esperando que chova para crescer (Informação Verbal, PFP 13).

Essa série de fatores listados e analisados a partir da percepção dos pecuaristas familiares pode acarretar em desequilíbrios ambientais no bioma, já citados em trabalhos

como o de Silva (2018). Isto é corroborado nesta pesquisa pelas observações práticas dos entrevistados sobre as suas propriedades e o entorno delas, onde situam-se os plantios de soja. Os desbalanços em um ambiente natural que é a base da pecuária familiar representa um ataque direto ao centro das estratégias de reprodução social deste produtor.

A progressiva extinção dos campos nativos do Pampa acende um sinal de alerta sobre como a atividade da pecuária familiar se desenvolverá através dos anos. Além da supressão do bioma realizada pelos plantios de soja nas áreas de sojicultores, fatores como a deriva para áreas de campo nativo e o aumento da presença de invasoras como o capim-annoni, a poluição dos recursos hídricos, os desbalanços na fauna típica e todos os desequilíbrios que a associação destes fatores pode representar pressionam e dificultam a execução da atividade pecuária. A criação de bovinos e ovinos envolve uma série de processos com vínculo direto com o ambiente do Pampa, como a alimentação nos campos nativos, a disponibilização de água aos animais, a defesa contra pragas e doenças, o bem-estar dos animais e a reprodução animal, entre outros.

> Mas o que que está acontecendo no nosso bioma Pampa? É seco, o tempo já não é mais o mesmo tempo. Isso tudo para mim é essa dessecagem, essas coisas que fazem e está acontecendo isso daí, porque a gente tem calor fora de época, calor demais, frio demais, ventos demais, fora de época. Assim agora mesmo estamos enfrentando uma seca muito grande. Quando chove, chove demais, não para de chover. Então estamos em um lugar que está completamente desequilibrado. E esse desequilíbrio de que é feito? Foi dos plantios de eucalipto e mais a soja. A gente acha um desequilíbrio total, muitos bichos, muitos bichinhos, insetos que tinha e não existem mais, foram extintos (Informação Verbal, PFT 4).

As implicações da modificação das áreas de campo ultrapassam às questões ambientais. Os pecuaristas familiares fazem uso, sem qualquer custo, das pastagens naturais do Pampa, que crescem e produzem alimentação aos rebanhos a partir de processos que envolvem apenas a água da chuva, o sol e as condições de fertilidade presentes no solo. Esta característica possibilita a geração de produtos de alto valor biológico, como são as proteínas animais, sem haver nenhuma necessidade de aquisição de insumos externos – como ocorre, por exemplo na agricultura moderna, totalmente dependente de maquinários, sementes e produtos químicos (VÉLEZ-MARTIN, 2015).

O desequilíbrio deste ambiente natural representa o desequilíbrio da principal atividade econômica da pecuária familiar, a criação animal, e ataca frontalmente a essência do pecuarista familiar enquanto categoria social.

> Eliminar os campos nativos, de forma ampla, para produzir grãos e madeira torna-se um contrassenso, já que se desperdiça esse patrimônio fitogenético proporcionado, sem custos, pela natureza em troca de atividades intensivas e dependentes de pacotes tecnológicos, ao sabor das oscilações de preços do mercado internacional e muito mais vulneráveis aos riscos climáticos (VÉLEZ-MARTIN, 2015, p. 128).

Como percebido, a modificação do ambiente do Pampa e todos os impactos correlatos são preocupações que afetam os dois grupos de pecuaristas familiares de forma transversal. Não poderia ser diferente, já que os campos nativos do Pampa e toda a sua biodiversidade fornecem a base produtiva da pecuária.

5.4.2 O inflacionamento dos campos e a sucessão familiar

Também aqui nota-se um impacto transversal à pecuária familiar. Tanto pecuaristas familiares tradicionais como os patronais relatam que, a partir da expansão da soja, houve o inflacionamento do valor da terra no município de Bagé. Este é considerado um fator limitante à sucessão familiar, uma vez que para formar novas gerações de pecuaristas familiares, os pais buscam expandir a produção e a propriedade de forma a viabilizar a divisão entre os filhos.

No quadro abaixo é possível ter uma visão geral sobre as percepções dos pecuaristas familiares, divididos em patronais e tradicionais, sobre o impacto da soja ao inflacionamento do preço da terra, item relacionado à sucessão familiar.

	Não nota o aumento do valor	**Nota o aumento do valor**
PFT	2	6
PFP	3	4

Quadro 4: Impactos da soja à sucessão familiar na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

Os pecuaristas familiares realizam as suas atividades econômicas com o objetivo de garantir a prosperidade da unidade familiar no presente, mas também têm a expectativa que o investimento na estruturação das suas relações de produção possa ter continuidade nas gerações subsequentes. Assim, conforme Wanderley (1996), questões como o patrimônio de terras e sua expansão são fundamentais para cumprir este objetivo.

A estratégia de aquisição ou arrendamento de novas áreas para expandir a capacidade de suporte de animais da pecuária familiar associa-se justamente à melhoria das condições materiais atuais, mas também à formação de um novo ciclo geracional.

Assim, a formação de novas propriedades familiares, com o emprego de trabalho dos sucessores, representa a base que permitirá a reprodução social na pecuária familiar.

Assim, a expansão da soja na região tem acarretado questões passíveis de análise quanto aos impactos na reprodução social do pecuarista familiar relativos à sucessão familiar. Um dos pontos captados pela percepção dos pecuaristas é a dificuldade encontrada, após o crescimento das lavouras sojícolas, de arrendar ou comprar novas áreas para a pecuária. São diversos relatos de pecuaristas que não têm capacidade econômica de concorrer com o preço pago pelo sojicultor para arrendar ou comprar novas áreas.

> Para mim, em termos de aumentar minha pecuária fica difícil porque fica uma concorrência que eu nem tenho como... não sobra campo para fazer pecuária. E outra coisa, esses campos aqui das Palmas mesmo, era uns campos que ninguém queria, que sobravam os campos aqui, eram os campos mais em condição, difícil de trabalhar, mas sobravam. Hoje não sobra, por causa que (sic) quem tem pecuária, arrenda esses campos aqui para botar pecuária, depois leva o gado para a soja, então tu vê (sic) que esses campos aqui inflacionaram, o pessoal paga o que não vale aqui. Só essa gente que tem outro tipo de renda para pagar o que tão pagando por esses campos aqui, porque a gente sabe o que valiam esses campos aqui. Então ele já inflacionou bastante, é o modo que eu vejo que inflaciona. (...) Para eu arrendar outra área aí fica difícil, porque a soja deixou muito alto o valor do arrendamento (Informação Verbal, PFP 5).

O aumento da disputa pela terra no bioma Pampa, especificamente em Bagé, fez com que os produtores de soja adentrassem áreas que não se adaptam à agricultura, chamadas de "terras duras"[5], que tradicionalmente são ocupadas pela pecuária. Essa realidade inflacionou o valor das terras no município. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) disponibiliza publicamente os números de valores da terra no Rio Grande do Sul somente nos anos de 2017 e 2020. Mesmo nesse período de três anos, foi possível perceber uma valorização no preço do hectare para a pecuária na ordem de 75%, passando de R$ 4.712,87 em 2017 (média do valor da terra nua por hectare) para R$ 8.249,74 em 2020 (média do valor da terra nua por hectare).

Caso essa escala temporal fosse maior, provavelmente a diferença na valorização do preço da terra seria ainda mais significativa. Esses números são corroborados pela percepção e análise de cenário dos pecuaristas familiares entrevistados, que nas

[5] Os "campos duros" ou "terras duras" são áreas com perfil de solo mais raso, muito comuns no município de Bagé. Tradicionalmente essas áreas são mais aptas à pecuária, mas atualmente as lavouras de soja também avançam para estas zonas.

entrevistas realizadas diversas vezes ponderaram sobre a dificuldade de competir com os lavoureiros por novas áreas para arrendamento ou compra.

> E também acho que encareceu muito o arrendamento de campo, para quem arrenda, em função da soja, que tem um custeio superior que a pecuária no final, assim, de arrendamento de valor, entendeu. As pessoas tão preferindo, se tem uma oportunidade, tem um campo que dá para arrendar para a agricultura, para a soja, especificamente, a pessoa tende a arrendar para a soja do que para a pecuária (Informação Verbal, PFP 15).

> Hoje em dia está bem difícil para o pecuarista familiar comprar uma nova terra. O que acontece? Até manifesta interesse, mas alguém com maior condição financeira consegue cobrir a oferta, compram mais campos na volta na região, então além da soja, as grandes empresas estão espremendo os pecuaristas familiares, porque devido ao aporte financeiro, que eles conseguem investir, conseguem beneficiar os proprietários das terras, então acabam fazendo boas propostas, e alguns proprietários de pequenas áreas conseguem vender, se interessam por vender devido ao valor ofertado (Informação Verbal, PFT 2).

A compra de novas áreas pela família produtora, para divisão entre os filhos, é um fator determinante para a continuidade de uma categoria social da forma como se mostra e se repete historicamente. A dificuldade do pecuarista familiar em adquirir novas terras é a dificuldade da manutenção de novas gerações de pecuaristas familiares na atividade pecuária.

Os impactos podem ser notados também nos próprios pecuaristas que estão atualmente gerenciando suas propriedades pecuárias e que têm o interesse em expandir suas áreas para aumentar a renda com a atividade. Dessa forma, o inflacionamento das terras dificulta a capacidade de formação das bases materiais que possibilitariam a sucessão familiar.

> O plantio de soja de alguma forma ele prejudica a sucessão familiar, porque tu não consegues um pedaço de terra para a pecuária. O pessoal mesmo, as pequenas chácaras que têm, eles preferem arrendar para um plantio de soja do que arrendar para a pecuária né (Informação Verbal, PFT 11).

Soma-se a isso a atratividade econômica do arrendamento das propriedades pecuárias para a soja, principalmente por pecuaristas mais velhos, representando a descontinuidade da pecuária familiar. Nesses casos, mesmo que não ocorra a venda das terras para os lavoureiros, os sucessores dos pecuaristas não poderão usufruir mais a propriedade com as características naturais do bioma Pampa, devido a modificação do ambiente provocada pela soja.

> Até conheço, uns dois que tão arrendando para soja ali. Deixaram da pecuária e foram para soja. São pessoas já de idade, que já não querem trabalhar mais na pecuária, e aí surgiu esse negócio da soja e eles arrendaram, e os campos deles muito bons para soja. Pessoas que não querem mais trabalhar para pecuária. O senhor que conheço é uma pessoa de idade, e ele já tá aposentado, então achou melhor, já tá aposentado, vendeu o gado todo e arrendou o campo dele para a soja (Informação Verbal, PFT 6).

> As pessoas vão ficando mais velhas, não tem quem cuide, quem trabalhe, ou uns que tem uma área de campo, aquilo como negócio, que não sabe nada de campo, o que que ele faz? Ele prefere uma renda, a soja te dá garantida uma renda boa no final do ano, e tu não te envolve, né cara (Informação Verbal, PFP 14).

> A soja ela veio para nos roubar um pouco de espaço, por um lado ela nos rouba um pouco de espaço, porque a gente não consegue campo arrendado, vamos dizer assim, para a pecuária em função da lavoura, porque a soja remunera muito mais (Informação Verbal, PFP 7, grifos do autor).

Mesmo alguns pecuaristas familiares patronais, que tendem a perceber as vantagens econômicas das relações com a soja, ponderam que o avanço indeterminado da lavoura possa representar dificuldades para a continuidade das atividades pecuárias através das próximas gerações.

> Tchê, é porque a gente faz o que gosta (pecuária) senão eu já tinha botado soja, né. A gente gosta de lidar, eu tenho meu filho hoje e estimulo, né. Mas não sei, assim, se mais adiante vai ter como ele lidar com pecuária, eu acho que vai ser difícil. Vai ser difícil porque vão tomando conta, as lavouras, aí tudo fica difícil, eu ainda sou resistente, já sou de família, tenho ancestral que foi resistente e ficou (Informação Verbal, PFP 5).

> Para minha família acredito que não, minha área é pequena, tem essa dificuldade de solo, os filhos tão estudando, a filha já tá formada, já foi embora, saiu de Bagé, o filho tá estudando e acredito que vá embora. A rentabilidade é muito pequena para dividir para dois (Informação Verbal, PFP 1).

> Ah não sei, a gente está ficando meio velho, a gente vai indo, vai levando enquanto pode, né. Mas assim, de aumentar sempre equilibrando, porque os campos que a gente tem são os mesmos né. Então a gente equilibra isso aí, tantos animais, não pode encher demais senão o campo não comporta (Informação Verbal, PFT 4).

> Olha nós vamos lutando, eu e meu esposo gostamos muito da pecuária. Embora a chácara seja pequena a gente cria uns animais, não muitos, mas se cria alguns animais e a gente vai, enquanto a gente puder a gente vai lutando. Temos nossos filhos, mas nossos filhos já um trabalha com fruticultura, na parte de vinhedos e olivais, e o outro gosta mais da parte da agricultura já, então, acho que depois eles não vão optar pela pecuária, vai ser só enquanto a gente puder mesmo ir tocando (Informação Verbal, PFT 11).

Depreende-se disso que o avanço das relações de produção da agricultura moderna interfere na dificuldade que o pecuarista familiar, de forma geral, está

encontrando para expandir sua atuação e, assim, ter a capacidade de formar novas propriedades pecuárias para os sucessores da família. É um impacto direto à reprodução social do pecuarista familiar, provocado indiretamente pelo aumento dos plantios de soja, mas muito significativo para a continuidade histórica dessa categoria. Considera-se indireto porque as lavouras, ao se reproduzir, buscam novas áreas, mas não têm como objetivo principal inflacionar o preço da terra; trata-se de uma consequência dessa expansão, aumento da procura e diminuição de oferta.

5.4.3 Soja e o impacto na produção de autoconsumo

A produção para autoconsumo ou de subsistência é uma das estratégias usadas pelos pecuaristas familiares para assegurar a alimentação da família com independência dos mercados. Produzir na propriedade alimentos básicos de consumo diário, como abóbora, feijão, cenoura, tomate, verduras e temperos, entre outros, faz parte da tradição histórica de uso da terra com fins de garantia de reprodução social desta categoria social.

Notou-se, porém, a partir das entrevistas realizadas, que estes impactos se dão aos pecuaristas familiares tradicionais, uma vez que, dos sete pecuaristas familiares patronais entrevistados, nenhum afirmou realizar a produção para autoconsumo nas propriedades. Logo, abaixo serão analisadas somente as observações dos pecuaristas tradicionais, mostrando como esses impactos dos cultivos sojícolas, ainda que possam ser transversais nos temas já analisados anteriormente, também podem ocorrer de maneira diferenciada, a somente um dos grupos.

No quadro abaixo é possível ter uma visão geral sobre as percepções dos pecuaristas familiares, divididos em patronais e tradicionais, sobre o impacto da soja à produção de autoconsumo. Apenas 4 entrevistados, todos pecuaristas familiares tradicionais, realizam os cultivos para autoconsumo e percebem prejuízos da deriva dos agroquímicos das lavouras. Outros dois pecuaristas tradicionais pretendem iniciar a produção, sendo que um deles relatou ter receio da deriva dos produtos químicos usados nos plantios.

	Não produzem cultivos para autoconsumo	**Produzem e percebem impactos negativos**
PFT	4	4
PFP	7	0

Quadro 5: Impactos da soja à produção de autoconsumo na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

Como já citado, o processo produtivo da soja usa diversos produtos químicos, com potencial de deriva desses elementos para o ambiente, assim como, consequentemente, para propriedades e outros cultivos ou produções vizinhas. A deriva do defensivo agrícola 2,4-D, relatada por Hupffer *et al.* (2020), por exemplo, prejudicou o desenvolvimento de plantios de uva em diversos locais no Rio Grande do Sul.

A Embrapa (2013), em seu documento Tecnologias de Produção da Soja, lista uma série de 13 tópicos que devem ser observados para a implantação da cultura da soja de forma adequada. Nos itens Manejo do Solo; Correção e Manutenção da Fertilidade do Solo; Tecnologia de Sementes e Colheita; Controle de Plantas Daninhas; Manejo de Insetos-Pragas; Doenças e Medidas de Controle; e Utilização de Regulador de Crescimento constam atividades que preveem o uso de produtos químicos, desde adubos, fertilizantes, corretores de solo, herbicidas, fungicidas, inseticidas e dessecantes.

Essa série de etapas da produção permite com que a soja se estabeleça produtivamente nas mais variadas condições edafoclimáticas. Conforme Eich (2015), os defensivos agrícolas são insumos criados para eliminar, combater ou dificultar a vida de organismos que interferem na produção rural, tendo como um dos efeitos ambientais adversos o impacto em espécies externas ao processo produtivo.

A deriva desses produtos, ou seja, o escape dos químicos às limitações da produção sojícola, interfere no ambiente, em outras propriedades e em outros tipos de produção. Uma das espécies prejudicadas são as abelhas, que, com seu voo, podem cobrir uma área de até 28 quilômetros quadrados. Ou seja, não apenas a deriva torna-se um problema como a própria aplicação correta dos agroquímicos pode prejudicar estes insetos, ao entrar em contato na área de aplicação dos produtos, em flores com resíduos ou, ainda, ao levar o produto pulverizado para a colmeia (EICH, 2015).

As abelhas, além da produção de mel, são responsáveis pela polinização de inúmeras espécies alimentares, inclusive a soja. Assim, estes insetos são fundamentais para a manutenção da agricultura, por prestarem, gratuitamente, um serviço de polinização agrícola, mas também da biodiversidade, uma vez que, no bioma Pampa, são responsáveis pela polinização cruzada de, no mínimo, 30% de espécies nativas, conforme Suarez (2019).

Na percepção e observação prática dos pecuaristas familiares, após o aumento dos plantios de soja em suas localidades, começaram a ser mais comuns os registros de morte de abelhas usadas na produção de mel para autoconsumo ou comercialização.

> Aqui, eu tenho uns amigos que têm abelha aqui em casa, eu acho que por enquanto aqui não deu problema, mas eu sei que tem lugares que tá dando problema nas abelhas, tá dando problema nas frutíferas, porque eles tavam usando, eu acho que é o 2,4D se não me engano, e diz que a deriva dele vai muito longe, vai muito longe, que daí dá muito problema, matava as abelhas (Informação Verbal, PFP 5).

Por mais que a opinião acima seja proferida por um pecuarista familiar patronal, o entrevistado não se refere à sua propriedade, mas à realidade observada em áreas de vizinhos.

> Olha aumentou, aumentou bastante até a produção de soja. E claro para a gente que cria abelha, ela se torna muito ruim, porque os produtos, até que agora não tão botando aqueles produtos muito fortes na soja, que isso aí crucificava o mel né. Teve uns anos aí que os exportadores não tavam comprando mel, né. Até examinaram o mel e acharam produto químico, derivado desses produtos que botavam na soja né, e tava no mel. (...) Tem um rapaz que é um grande criador de abelha, inclusive tem na beiradinha da soja, um apiário de 70 caixas, e não deu nada. É o que eu disse, mudaram, de tanto reclame, mudaram o produto, aqueles produtos brabos que botavam, na soja né. Isso aí afetava, dava problema no mel, e às vezes até matava as abelhas também. Tem um amigo meu que teve umas 40 caixas que morreram (Informação Verbal, PFT 6).

Alguns pecuaristas encontram-se cercados por soja de todos os lados, o que potencializa o risco de deriva dos agroquímicos das lavouras do entorno. Nesse contexto, foram registrados por três pecuaristas familiares tradicionais o prejuízo com as hortas e com árvores frutíferas, como pereiras e pessegueiros. Além do impacto na produção de autoconsumo, que é fundamental para tornar mais eficiente a reprodução social destes produtores, garantindo maior independência ao mercado, a limitação ao cultivo de frutas prejudica outra estratégia usada pelos pecuaristas familiares para potencializar a economia da unidade produtiva familiar, que é a confecção de produtos oriundos dos cultivos para comercialização. “Planto batata-doce, planto horta, tem repolho, alho, planto bastante coisa. Já notei, porque uma vez morreu uma horta todinha de planta. Ficou vermelha as pontas, e a gente passa no campo e fica vermelha as pontas”. (Informação verbal, PFT 8).

> Os venenos, a deriva de herbicidas que aplicam nas voltas, porque somos rodeados de plantadores de soja, sim, tem uma certa influência no

> plantio, nas nossas coisas, por causa que (sic) a gente como tem tanto na parte do mel, as abelhas, às vezes colocam (herbicida) e a gente teve perda ano passado de enxames de abelha, também temos na nossa produção de hortifrúti, a parte de pessegueiros, que nós tínhamos, não se tem mais porque os herbicidas passaram perto e matou tudo, então tem, isso dá uma coisa assim. Porque a gente mora, na nossa volta as propriedades plantam soja e então fica bem complicado (Informação Verbal, PFT 11, grifos do autor).

> A gente tem árvores de fruta aqui, que fica assim, que nem as couves na horta; minhas couves na horta morrem, que parecem que se bota fogo, e a pereira que nós temos próxima da lavoura, que é mesma coisa que colocam fogo; ela brota, floresce e depois ela fica com as folhas torradinhas, que nem fogo. O que faz isso aí? É o veneno da soja. E acham que não prejudicam nós também? A gente também é prejudicada, nas nossas aguadas. Eu tô falando isso tudo porque eu vejo, a gente sabe que é assim (Informação Verbal, PFT 4).

> Mas é como eu disse, as minhas couves morrem que parecem que foram queimadas, as couves são muito atingidas, acho que ela é muito sensível ao produto que vai para a soja. Porque não é um produto que cai ali na terra da soja. Eles não respeitam. Dia de vento não pode colocar. Aí eles não respeitam isso. O dia que eles têm de colocar, eles colocam (Informação Verbal, PFT 4).

O pecuarista familiar tradicional 9, inclusive, desistiu de diversificar a produção na propriedade, com a fruticultura, devido aos riscos de impactos decorrentes da deriva dos agroquímicos. “A ideia de iniciar uma atividade da fruticultura pode ser afetada devido às lavouras na proximidade, principalmente quando se fala em deriva (Informação Verbal, PFT 9).

5.4.4 A dificuldade de obter rendas não-agrícolas

A maior parte dos entrevistados atribui as rendas não-agrícolas às aposentadorias, de forma que a soja não apresenta qualquer risco para a reprodução social baseada neste fator. Os produtores mais idosos até relatam que no passado realizavam trabalhos como aramadores ou como funcionários em fazendas maiores, mas atualmente, com a aposentadoria, preferem cuidar dos seus campos.

Um dos pecuaristas entrevistados, que trabalha como corretor para intermediação de negócios com bovinos e ovinos, o pecuarista familiar patronal 7, foi o único das entrevistas realizadas que relatou prejuízo do aumento dos plantios de soja às suas atividades. “Diminuiu o número de animais, a população bovina diminuiu, e diminuiu o número de negócios” (Informação Verbal, PFP 7).

No entanto, relaciona-se a este tema o item contratação de mão-de-obra. Isso porque, na visão dos pecuaristas patronais, a escassez e o inflacionamento da mão-de-obra em decorrência do aumento dos plantios de soja é um fator que prejudica a possibilidade de obtenção de rendas não-agrícolas.

No quadro abaixo é possível ter uma visão geral sobre as percepções dos pecuaristas familiares, divididos em patronais e tradicionais, sobre o impacto da soja à escassez e inflacionamento do valor da mão-de-obra do trabalhador rural, item relacionado à obtenção de rendas não-agrícolas. São 15 entrevistados, sendo 8 classificados como tradicionais e 7 como patronais, mas nem todos realizaram observações passíveis de categorização sobre este assunto.

	Nota o aumento do valor da mão-de-obra	Não realiza contratação
PFT	0	8
PFP	5	0

Quadro 6: Impactos da soja às rendas não-agrícolas na percepção dos pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

É possível perceber, através da análise das entrevistas, que a pecuária, por ser uma atividade penosa, demanda todo o tempo de trabalho dos pecuaristas familiares e por isso não haveria possibilidade de dedicação a outras formas de obtenção de renda. Nesse sentido, a contratação de trabalhadores ajudaria para melhor divisão da carga de trabalho na família pecuarista.

A atividade pecuária, conforme os pecuaristas, exige cuidado diário, com a execução de diversas ações que garantem o bem-estar e saúde dos animais, como alimentação, tratamento de doenças, controle de pragas como o carrapato, bicheiras ou verminoses, provisionamento de água, etc. “A pecuária dá trabalho né, mas eu gosto. Dá trabalho, porque tem que cuidar carrapato, cuidar bicheira, dosar esses animais por causa do verme, dosar por causa de outras doenças, como a brucelose, essa coisa assim, tudo isso dá trabalho” (Informação Verbal, PFP 13).

Assim, além de pagar mais, os tratos culturais das lavouras de soja são considerados como atividades menos desgastantes para o empregado rural. “A soja não exige o cuidado diário como da pecuária, né, por isso acredito que muita gente tem migrado para a soja” (Informação Verbal, PFT 2). “É um trabalho difícil, a mão-de-obra está muito escassa, praticamente impossível conseguir gente para trabalhar para fora hoje em dia. A gente trabalha meio que só, eu fiquei mais de 4 anos só, sem nenhum funcionário, fazendo todo o serviço” (Informação Verbal, PFP 3).

> Por que as pessoas estão lidando e entrando na soja? A mão-de-obra, a mão-de-obra não tem para lidar com o gado; é escassa a mão-de-obra de campo é complicada; aí na soja, na soja onde tu vai (sic) lidar com três, quatro homens para lidar com gado, um homem só numa máquina boa resolve, faz todo teu plantio. Então as pessoas muitas vezes... outra coisa, tu lidar com pecuária, tchê te dá trabalho, lidar com bicho dá trabalho, e aí como te disse, não tem nem como fazer conta. O que um cara vai te pagar por hectare em saco de soja e tu querer lidar com campo. Então não tem nem como querer fazer essa conta aí. Então o pessoal vai direto para a soja (Informação Verbal, PFP 5).

Com a carência e inflacionamento de mão-de-obra, atividades como a roçada de campos, medicação e tratamento de animais, implantação de pastagens de inverno (tradicionalmente é realizada a sobressemeadura de aveia e azevém em campo nativo na estação fria do ano), manutenção das estruturas da propriedade (cercas, aramados, mangueiras, banheiros) recaem sobre a responsabilidade exclusiva da família produtora, sobrecarregando estes produtores e, inclusive, como citado, dificultando a capacidade dos membros do núcleo familiar de realizar atividades fora da propriedade.

> Aquelas pessoas que já sabiam alguma coisa de trator e se aprimoraram um pouquinho, esses migram tudo para a lavoura, porque a lavoura paga porcentagem boa, porcentagem de soja. O que é bom (mão-de-obra) foi tudo para esse lado aí. Até para tratorista, para fazer um roçado no campo, eu vejo o pessoal aqui os vizinhos procurar, tão sempre catando e não tem, porque quem sabia de trator foi para a lavoura (Informação Verbal, PFP 5).

Assim, nesse quesito foi observado impacto direcionado aos pecuaristas familiares patronais, já que os tradicionais realizam a contratação de serviços em momentos muito esporádicos, como a marcação dos bovinos, que ocorre uma vez ao ano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa se analisou os impactos do avanço dos plantios de soja nas principais estratégias de reprodução social da pecuária familiar, elegendo como *locus* o município de Bagé, situado no bioma Pampa gaúcho. A partir do referencial teórico, do estado da arte e das percepções captadas através de entrevistas com pecuaristas familiares foi possível identificar que essa expansão da agricultura moderna interfere em pontos-chave das formas de manutenção e repetição histórica da categoria social pecuarista familiar.

A partir do percurso desta pesquisa pode-se evidenciar a existência de dois tipos opostos de produção rural realizados no Pampa, de um lado a agricultura moderna e os plantios de soja, que ocupam o espaço social para reproduzir suas relações de produção baseadas na homogeneização de áreas com uso exclusivo de insumos externos, como os agroquímicos. De outro, uma pecuária produzida nos campos naturais do bioma Pampa, historicamente construída e mantida por famílias produtoras que têm na preservação do ambiente não uma causa ambiental, mas a maneira conhecida e transmitida pelas gerações de reproduzir suas relações sociais. Mesmo dentro dessa categoria, que se fundamenta em princípios semelhantes, notou-se a diferenciação de dois grupos, descritos como pecuaristas familiares tradicionais e patronais.

A análise das entrevistas realizadas com os pecuaristas familiares foi fundamental para compreender a percepção destes atores sobre o fenômeno. Muitas vezes, por mais que não compreendessem a soja como uma ameaça, as suas visões sobre o avanço das lavouras deflagravam, justamente, que este modelo de agricultura atinge diretamente o cerne da continuidade da pecuária familiar.

A união entre estudos prévios, como o mapeamento do uso da terra no bioma Pampa, realizado pelo MapBiomas e divulgado em 2022, assim como a análise sob a ótica da reprodução das relações de produção, permitiram observar alguns dos principais problemas causados pelo avanço da soja à pecuária familiar. Impactos dimensionados de maneira diferente pelos grupos de pecuaristas delimitados nesta pesquisa.

Como já visto, a modificação do ambiente e a limitação à sucessão familiar são questões transversais à categoria. No entanto, o impacto à produção de autoconsumo afeta os pecuaristas tradicionais; e o inflacionamento da mão-de-obra, os patronais. Quando a observação se dá a partir das possibilidades econômicas da soja e os prejuízos diretos à pecuária é possível notar percepções diametralmente antagônicas, que evidenciam as

contradições provocadas pela reprodução das relações capitalistas, representada neste estudo pelo avanço das lavouras ao Pampa.

Essa diferenciação realizada permitiu observar de forma clara como o pecuarista familiar tradicional tem percebido os principais impactos negativos à atividade pecuária, sobretudo quanto à desestruturação dos campos nativos do Pampa, enquanto o pecuarista familiar patronal, muitas vezes, consegue obter vantagens econômicas decorrentes de intermediações comerciais com os lavoureiros.

Em quaisquer dos contextos, a pecuária familiar se torna submissa e dependente da soja. Pelo viés da pecuária familiar patronal, se submete às dinâmicas econômicas e produtivas estabelecidas pelas lavouras, como a produção e entrega de animais no momento demandado pelos sojicultores. Pelo viés da pecuária familiar tradicional, se torna impotente para barrar as alterações no ambiente natural do Pampa e na deriva dos agroquímicos que prejudicam os cultivos para autoconsumo.

Essa constatção, de submissão da pecuária à lógica da agricultura moderna, pode ser a chave para entender o motivos pelo qual essas relações sociais capitalistas conseguem se reproduzir, ocupando o espaço social. O domínio pelo poderio econômico redefine as estruturas socioeconômicas estabelecidas, na medida em que estas construções históricas, como é a pecuária familiar, se tornam dependentes dos movimentos operados pelo capital.

Este estudo problematizou esta questão a partir da noção de reprodução social das relações de produção, de Henri Lefebvre, autor que resgatou a dialética a fim de analisar como o capitalismo prossegue sua trajetória gerando novas contradições do espaço social. Abordar o problema a partir dessa perspectiva teórica refresca as abordagens do marxismo, que, devido à compreensão de derrocada do capitalismo e de reprodução natural de suas relações de produção, analisou este modelo político e econômico principalmente a partir do desenvolvimento das forças produtivas.

Resgatar a dialética nessa abordagem da reprodução das relações de produção garante a análise da realidade, da materialidade posta. Ou seja, o capitalismo persiste como paradigma dominante e é preciso entender os mecanismos que o fizeram permanecer em iteração, ocupando e produzindo o espaço social.

Também, a pesquisa desprendeu-se da análise da expansão da soja no Pampa a partir da ótica ambiental, comumente abordada por outros estudos sociológicos. Como demonstrado neste trabalho, por mais que o avanço dos plantios de soja cause impactos diretos ao bioma Pampa, esta abordagem esconde as verdadeiras contradições, que se

relacionam ao processo de produção do espaço – ou seja, como o capitalismo é capaz de transformar e produzir o espaço social com o objetivo de reproduzir suas relações sociais.

A contradição que se evidencia é que ao mesmo tempo em que a agricultura moderna, representada pela soja, se expande em Bagé, através da imposição do capital econômico, ela ataca diretamente formas históricas que compõem a própria representação cultural do que é ser produtor rural no Rio Grande do Sul e, mais especificamente, no Pampa gaúcho. Também, ao mesmo tempo em que se expande, cria as formas para a sua negação, uma vez que para crescer prejudica diretamente as bases para a sua produção – o ambiente.

Esse modelo de agricultura foi criado e se reproduziu a partir da justificativa de combate à fome. Atualmente, porém, está a serviço, prioritariamente, da produção de *commodities* agrícolas em larga escala para negociação em mercados internacionais, sem qualquer compromisso, de fato, com a alimentação das pessoas. Prova está que, mesmo após quase um século da formação das bases que constituíram a Revolução Verde, a fome segue sendo uma mazela insolúvel, mesmo em países como o Brasil, um dos expoentes agropecuários do planeta Terra.

É preciso considerar que no Brasil, nos últimos seis anos, esteve em curso o desaquecimento da agricultura familiar, em contraposição a amplos incentivos à grande produção de *commodities* como a soja. A desestruturação de programas que valorizam a produção familiar, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, acontece desde 2016. Nesse sentido, se estimula a produção de produtos para exportação, que beneficia a poucos produtores, e se desarticula a produção de alimentos para o mercado interno, provida pela agricultura familiar. É, nada mais, que o fortalecimento, através do Estado, das características intrínsecas do capitalismo: acumulação e concentração do capital, impactos socioambientais e aumento da desigualdade.

O direcionamento político-econômico de cada governo, assim, tem potencial de determinar o estímulo ou desaquecimento de determinadas atividades. Como expresso por estudos destacados nessa pesquisa, o desestímulo à produção familiar e os amplos créditos disponibilizados para a agricultura patronal formam uma parte do mosaico que é o problema da fome, mas também da desigualdade social e da obliteração ou transformação de categorias sociais como os pecuaristas familiares.

Por mais que se entenda a expansão da soja como movimento econômico do mercado capitalista, é preciso ter claro que a desestruturação da pecuária em campo nativo, a partir dos processos decorrentes da agricultura moderna, é irreversível. As áreas com a vegetação primária, depois de suprimidas, não retornam à naturalidade que fez a pecuária ser reconhecida nacional e internacionalmente como sustentável nas condições do Pampa. Como alguns entrevistados bem destacaram, será uma pecuária apenas de pastagem cultivada, sem a rica biodiversidade dos campos naturais do bioma.

É natural que os institutos de pesquisa, como ferramenta técnico-operacional do Estado capitalista, tendam a encontrar soluções que permitam a expansão do capital enquanto houver possibilidade, independentemente dos impactos ambientais ou sociais. Na verdade, muito se tem justificado a expansão da agricultura moderna a partir de signos aceitos na sociedade, como a sustentabilidade, por exemplo. Os sistemas de integração lavoura-pecuária são exemplos desse modelo que podem ser observados na prática na realidade do bioma Pampa. Além da reprodução das relações sociais, o capitalismo, conforme Lefebvre (1973), também cria novas relações sociais. A sustentabilidade nada mais é do que uma nova ordem social, que se estabelece tendo como fundamento e objetivo a perpetuação do modelo capitalista.

No entanto, não parece, em nenhuma hipótese, parecer sustentável um modelo que substitui ricas biodiversidades naturais por monoculturas exógenas, ainda que sistemas de produção integrados, como o modelo soja-pecuária, sejam desenvolvidos para trazer alguma resiliência ao processo. Neste estudo, entende-se que é impossível determinar o término da pecuária familiar enquanto categoria social histórica. No entanto, é possível observar que estes produtores estão sob forte ameaça de transformação das suas formas de produção como tradicionalmente se constituíram.

Um Estado que perceba todas essas nuances pode atuar de forma estratégica e proativa para catalisar os diferentes anseios sociais. As grandes produções de *commodities* agrícolas podem se desenvolver com mínimo suporte público ou investimento estritamente privado. Ao mesmo tempo, é urgente preservar modos históricos, tradicionais e familiares de produção capazes de garantir o cultivo de alimentos realmente saudáveis e sustentáveis, além de vender serviços ecossistêmicos ao planeta.

Seria superficial ou mesmo um exercício de futurologia definir que a pecuária familiar será substituída em sua totalidade pela lavoura. Porém, é preciso considerar a tendência de que não apenas a pecuária se transforme em uma atividade apenas de pastagens cultivadas em detrimento do campo nativo do Pampa, como também aconteça

o fortalecimento dos perfis de pecuaristas familiares patronais, a partir da constatação de supressão da capacidade de reprodução social principalmente dos pecuaristas familiares tradicionais.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Edusp, 2007.

ALVES, Clóvis. **A Revolução Verde na mesorregião noroeste RS (1930-1970)**. Ano: 2013.
Acesso em: 29/09/2022
Disponível em:
http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/163/1/2013Clovis_Tadeu_Alves.pdf

ALVES, Clóvis; TEDESCO, João Carlos. **A Revolução Verde e a modernização agrícola na mesorregião noroeste do Rio Grande do Sul – 1960/1970**. Ano 2016.
Acesso em: 29/09/2022
Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/6187/3703

ÁVILA, Dione; GRIEBELER, Marcos; BRUM, Argemiro. **Inovação: a Modernização da Agricultura no Planalto Gaúcho (Brasil)**. Revista Unopar, Vol. 16, nº2, Londrina, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BENCKE, Glayson *et al.* **O que é o Pampa?** Ano: 2016
Acesso em: 18/09/2022
Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/154231/1/Nosso-Pampa-Desconhecido-1.pdf

BEVEDER, Mónica. **Considerações sobre a Reprodução das Relações Sociais e a Produção do Espaço no Pensamento de Henri Lefebvre**. Marx e o Marxismo v.2, n.3, ago/dez 2014.

BOJANIC, Alan. A segurança alimentar, a produção agrícola e o desenvolvimento sustentável. Ano: 2022.
Acesso: 15/09/2022
Disponível em: https://www.embrapa.br/-/olhares-2030-alan-bojanic

BORBA, Marcos. **Desenvolvimento territorial endógeno**. Revista Pecuária Familiar no Rio Grande do Sul, Editora UFRGS: Porto Alegre, RS, 2016.

CAMPOS, Mateus. **Revolução Verde**. Ano: 2022.
Acesso em: 25/09/2022
Disponível em: https://www.preparaenem.com/geografia/revolucaoverde.htm

CARVALHO, Cibelle *et al.* **A construção da gestão e educação ambiental dos recursos hídricos na pecuária familiar do Alto Camaquã.** Ano: 2014.
Acesso em 30/01/2023
Disponível em:
https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/15163/pdf

CASTRO, Luís Felipe. **Agricultura familiar, habitus e acesso à terra**. Revista Brasileira de Sociologia do Direito, Porto Alegre, 2015.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina**. Ano: 1974.
Acesso em 07/05/2023
Disponível em:
https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2010/08/CHAYANOV-La-organizaci%C3%B3n-unidad-econ%C3%B3mica-campesina-Prefacio-Introducci%C3%B3n.pdf

CONCEIÇÃO, Octávio. **A expansão da soja no Rio Grande do Sul.** Ano: 1986.
Acesso em: 29/09/2022
Disponível em: http://cdn.fee.tche.br/digitalizacao/teses-fee/expansao-soja-rio-grande-do-sul-teses-6/expansao-soja-rio-grande-do-sul-teses-6-texto.pdf.pdf

COTRIM, Marcelo. **Pecuária familiar na região da Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e a situação socioagroeconômica do pecuarista familiar no município de Canguçu/RS**. Ano: 2003
Acesso em: 16/09/2022
Disponível em:
https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3786/000392935.pdf?sequence=1#:~:text=A%20%E2%80%9Cpecu%C3%A1ria%20familiar%E2%80%9D%20com%20base,portanto%2C%20esta%20atividade%20%C3%A9%20mantida

DECRETO Nº 48.316. **Programa estadual de desenvolvimento da pecuária familiar**. Ano: 2011.
Acesso em: 07/07/2022
Disponível em:
http://www.al.rs.gov.br/filerepository/replegis/arquivos/dec%2048.316.pdf

DOS SANTOS, Theotônio. **A teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Editora Insular: São Paulo, SP, 2000.

EICH, Ana. **Histórico de uso e ação de agroquímicos sobre abelhas da espécie *Apis melífera***. Ano: 2015.
Acesso em: 04/02/2023
Disponível em:
https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/riu/545/1/Hist%c3%b3rico%20de%20uso%20e%20a%c3%a7%c3%a3o%20de%20agroqu%c3%admicos%20sobre%20abelhas%20da%20esp%c3%a9cie%20apis%20mel%c3%adfera.pdf

EMBRAPA. **Tecnologias de produção de soja.** Ano: 2013.
Acesso em: 15/01/2023
Disponível em:
https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/95489/1/SP-16-online.pdf

EMBRAPA. **Trajetória da agricultura brasileira**. Ano: 2018a.
Acesso em: 10/10/2022
Disponível em: https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira

EMBRAPA. **Revista do Produtor**. Ano: 2018b.
Acesso em: 12/03/2022
Disponível em:
https://www.embrapa.br/documents/1355035/2751150/revista_agosto_2017.pdf/1bd6c355-6449-a26a-f955-c98820e3ffb5

EMBRAPA. **Soja em números**. Ano: 2022.
Acesso em: 19/02/2023
Disponível em:
https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos

EMBRAPA. **O que é ILPF**. Ano: 2023.
Acesso em: 02/02/2023
Disponível em:
https://www.embrapa.br/tema-integracao-lavoura-pecuaria-floresta-ilpf/nota-tecnica

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?**
Acesso em: 17/04/2022
Disponível em:
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8_Escobar.pdf

FERREIRA, Nadilson; FILLIPI, Eduardo. **Reflexos econômicos, sociais e ambientais da invasão biológica pelo capim-annoni (*Eragrostis plana nees*) no bioma Pampa.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, 2010.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sérgio. **A produção da autonomia: os "papéis" do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares**. Estudos Sociedade e Agricultura, Vol. 15, nº 1, 2007.

GIRELI, Bárbara. **Uma análise do impacto institucional na produção da soja nos estados brasileiros por meio índices de produtividade e analise espacial**. Ano (2022)
Acesso em: 29/04/2023
Disponível em: https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1455

GRISA et al. A desestruturação das políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar: mudanças institucionais, estratégias de desmonte e novas configurações. Ano: 2022.
Acesso em 20/04/2023
Disponível em:
http://rima.im.ufrrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/6584/1/A%20desestrutura%c3%a7%c3%a3o%20das%20pol%c3%adticas%20p%c3%bablicas%20de%20fortalecimento%20da%20agricultura%20familiar_mudan%c3%a7as%20institucionais%2c%20estrat%c3%a9gias%20de%20desmonte%20e%20novas%20configura%c3%a7%c3%b5es.pdf

GUDYNAS, Eduardo. **O novo extrativismo progressista na América do Sul: teses sobre um velho problema sob novas expressões**. Ano: 2012.
Acesso em 24/06/2023
Disponível em:

chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://extractivismo.com/wp-content/uploads/2016/07/GudynasNovoExtrativismoProgressistaBr12.pdf

HUPFFER, Haide; FIGUEIREDO, João; WEYERMULLER, André. **Conflito e construção de riscos na sociedade complexa e globalizada: o caso da deriva do herbicida 2,4-D**. Ano: 2020.
Acesso em: 23/10/2022
Disponível em: https://www.indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/5697

IBGE. **Pecuária (Bagé).** Ano: 2021a
Acesso em: 22/09/2022
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/pesquisa/18/16459?ano=2021

IBGE. **Produção Agrícola – Lavoura Temporária (Bagé)**. Ano: 2021b
Acesso em: 22/09/2022
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/pesquisa/14/0?ano=2021

IBGE. **Panorama (Bagé)**. Ano: 2021c
Acesso em: 22/09/2022
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/panorama

INCRA. **Relatório de Análise de Mercados de Terras.** Ano: 2017.
Acesso em: 07/01/2023
Disponível em:
https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/relatorio-de-analise-de-mercados-de-terras/ramt_sr11_2017.pdf

INCRA. **Relatório de Análise de Mercados de Terras.** Ano: 2020.
Acesso em: 07/01/2023
Disponível em:
https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/relatorio-de-analise-de-mercados-de-terras/ramt_sr11_2020.pdf

KUPLICH, Tatiane; CAPOANE, Viviane; COSTA, Luis Fernando. **O avanço da soja no bioma Pampa**. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2018.

LENIN. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. Ano: 1986.
Acesso em: 16/09/2022
Disponível em:
https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/lenin_desenvolvimento-do-capitalismo-na-russia.pdf

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Ano: 1973
Acesso em: 05/03/2022
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5668752/mod_resource/content/1/LEFEBVRE_A%20re-producao%20das%20relacoes%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o%20.pdf

LIMA, Antônia *et al*. **Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura**. Revista Retratos de Assentamentos, Vol. 22, nº 1, 2019.

LOPES, Sabrina e SKREBSKY, Etiane. **Os indicadores de sustentabilidade no bioma Pampa: uma revisão de literatura.** Ano: 2018. Disponível em: https://dspace.unipampa.edu.br//bitstream/riu/4256/1/Sabrina%20Ariane%20Oviedo%20Refiel%20Lopes%20.pdf
Acesso em: 12/06/2022

MAPA. **Plano Safra 2022/2023**. Ano: 2022. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/plano-safra-disponibiliza-r-340-8-bilhoes-para-incentivar-a-producao-agricola-nacional/ApresentacaoPlanoSafra20222023_11_versao_site.pdf
Acesso em 20/04/2023

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, José de Souza. **O Cativeiro da Terra**. Ano: 2010.
Acesso em 06/05/2023
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4407994/mod_resource/content/2/MARTINS-Jose%20de%20Souza_O-Cativeiro-da-Terra_cap-1.pdf

MATTE, Alessandra *et al.* **Evolução e diferenciação dos sistemas agrários e os reflexos na economia do município de Bagé, RS**. Revista Agropampa, v. 1, n. 1, 2016.

MATTE, Alessandra *et al.* **Agricultura e pecuária familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 15, n. 1, 2019, Taubaté, SP, Brasil.

MAPBIOMAS. **Relatório anual do desmatamento.** Ano: 2022.
Acesso em: 20/09/2022
Disponível em:
https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/rad2021/RAD2021_Completo_FINAL_Rev1.pdf

MEDAGLIA, Maria Elisa. **Estudo de solos no município de Bagé.** Ano: 1973.
Acesso em: 25/01/2023
Disponível em:
https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/download/3302/3374

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Pampa**.
Acesso em: 18/03/2022
Disponível em:
https://antigo.mma.gov.br/biomas/pampa.html

MELLO, Márcio *et al.* **Sucessão hereditária e reprodução social na agricultura familiar**. Ano: 2003.
Acesso em: 15/10/2022
Disponível em: http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-1-03-2.pdf

MOREIRA, Roberto. **Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade**. Estudos Sociedade e Agricultura, 20, 2003.

NESKE, Márcio; ALMEIDA, Jalcione; RADOMSKY, Guilherme. **Reinterpretando o desenvolvimento rural em "zonas marginalizadas" no Sul do Brasil: a contribuição dos estudos pós-coloniais**. Revista de Ciencias Sociales, Vol. 26, nº 32, 2013.

OCTAVIANO, Carolina. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde**. Ano: 2010.
Acesso em: 18/09/2022
Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso

PEREZ, Naylor. **Mirapasto – Método Integrado de Recuperação de Pastagens.** Ano: 2015.
Acesso em: 30/01/2023
Disponível em:
https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1023496/metodo-integrado-de-recuperacao-de-pastagens-mirapasto-foco-capim-annoni

PORTO, Rafael; BEZERRA, Antônio; PORTO, Victor; Caldas, Nádia. **Pecuária familiar: a emergência de uma categoria social no Sul do Brasil**. Ano: 2010
Acesso em: 11/09/2022
Disponível em:
https://www.scielo.br/j/resr/a/ZKpmwJG4mNJKk8Dsgn3K7Kp/?format=pdf&lang=pt

RIBEIRO, Cláudio. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da Campanha do Rio Grande do Sul**. Ano: 2009.
Acesso em: 14/10/2021
Disponível em:
https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17261/000697068.pdf?sequence=1

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar do Sul do Brasil**. Ano: 2001a.
Acesso em: 14/10/2022
Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/191/187

SCHNEIDER, Sérgio. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 18, nº 51, 2003b.

SILVA, Lindomar. **Natureza Capitalista x Natureza Orgânica: o advento da ALCOA e a mobilização e organização das comunidades de Juruti no baixo-amazonas paraense**. Ano: 2014.
Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPA_d79bfba9e5d3948fff1c84bf0e1814a1
Acesso em: 05/04/2022

SILVA, Monica. **A face espúria de um grão dourado: impactos socioambientais da expansão da soja em Jaguarão, RS**. Ano: 2018.

Acesso em: 05/09/2022
Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3865

SOTO, William. **Subúrbio, periferia e vida cotidiana**. Ano: 2008.
Acesso em: 24/04/2023
Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/298/294

SUAREZ, Airto. **Neoextrativismo da soja em Santana do Livramento: reflexos sobre sistemas pecuários familiares.** Ano: 2019.
Acesso em: 03/02/2023
Disponível em:
https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1731/26998_000007fe.pdf?sequence=-1&isAllowed=y

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **O modo de produção camponês revisitado**. Ano: 2006.
Acesso em: 05/10/2022
Disponível em:
http://www.jandouwevanderploeg.com/PORT/doc/diversidade_O_modo_de_prod.pdf

VEIGA, José Eli. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica**. Ano: 2007
Acesso em: 06/03/2023
Disponível em:
https://books.google.com.et/books?id=gxP9a8JNPIEC&printsec=copyright#v=onepage&q&f=false

VÉLEZ-MARTIN, Eduardo *et al.* **Conversão e Fragmentação**. In: PILLAR, Valério; LANGE, Omara (Organizadores). **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos, UFRGS, 2015.

VIOLA, Andreu. **La crisis do desarrollismo y el surgimiento de la antropología del desarrollo**. Barcelona: Paidós, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como espaço de vida**. 1ª edição, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth**. Raízes históricas do campesinato brasileiro.** Ano: 1996. Acesso em: 16/09/2022
Disponível em:
https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-5.pdf